



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS PALMAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO ACADÊMICO EM
COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE

RUY ALBERTO PEREIRA BUCAR

**ECOS DO TOCANTINS:
A IMPRENSA NO NORTE DE GOIÁS**

Palmas/TO
2019

RUY ALBERTO PEREIRA BUCAR

**ECOS DO TOCANTINS:
A IMPRENSA NO NORTE DE GOIÁS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade. Foi avaliada para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Sociedade e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Dr. Francisco Gilson Rebouças Porto Júnior

Palmas/TO
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- B918e Bucar, Ruy Alberto Pereira .
Ecos do Tocantins: A Imprensa no norte de Goiás. / Ruy Alberto Pereira
Bucar. – Palmas, TO, 2019.
200 f.
- Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins
– Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em
Comunicação e Sociedade, 2019.
Orientador: Francisco Gilson Rebouças Pôrto Junior
1. História da imprensa do norte de Goiás. 2. História dos jornais
manuscritos do Norte de Goiás. 3. História, representação e memória na
imprensa tocantina. 4. Contribuição da imprensa na formação do Tocantins. I.
Título

CDD 302.2

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

RUY ALBERTO PEREIRA BUCAR

**ECOS DO TOCANTINS:
A IMPRENSA NO NORTE DE GOIÁS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade. Foi avaliado para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Sociedade e aprovado em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 16 / 12 / 2019

Banca Examinadora

Prof. Dr. Francisco Gilson Rebouças Pôrto Junior, PPgCom - UFT

Prof. Dr. Luís Francisco Munaro, PPgCom - UFRR

Profa. Dra. Liliam Deisy Ghizoni, PPgCOM – UFT

Palmas, 2019

*À Liba, ao Arudá e à Marina, meus amores!
Pelo o incentivo, o carinho e o apoio incondicional.*

*Antes havia um espaço, a
natureza.*

*Hoje há um palco, teatro de nossa vida
coletiva, de nossas rixas e de nossos pactos, o
gênio e a cultura peculiares de um povo
mestiço.*

*Horizonte, quem sabe, da primeira civilização
do cerrado.*

(Ruy Rodrigues)

AGRADECIMENTOS

Ao advogado Luciano Ayres pelo seu espírito colaborativo e enorme interesse pela história do Tocantins que pacientemente encontrou tempo na sua ajuda para me acompanhar na consulta ao acervo dos jornais *Folha do Norte*, *O Incentivo* e *Norte de Goyaz*, sob a sua guarda, acervo organizado pelo seu avô, o médico Francisco Ayres da Silva, fundador do periódico *Norte de Goyaz*, indiscutivelmente o conjunto de documentos mais importante sobre a imprensa no norte de Goiás.

Ao senhor Messias Tavares, que aos 96 anos de idade, se dispôs a deslocar de Goiânia a Pedro Afonso para abrir o Instituto Cultural Messias Tavares para me mostrar documentos históricos do norte de Goiás, na verdade um rico acervo que inclui periódicos e livros. Dentre os periódicos alguns manuscritos editados naquele município ainda não descobertos pela história da imprensa tocantinense, relíquias que graças aos cuidados tomados por colecionadores, como ele, chegaram até nós.

E ao espírito colaborativo do seu filho e grande amigo de outros tempos Pedro Afonso Tavares, curador do ICMT.

Ao jornalista Fred Alves, editor do jornal *Centro Norte Notícias*, amigo e entusiasta deste projeto que contribuiu com o andamento deste trabalho em diversos momentos, desde a elaboração à coleta de dados e indicação de fontes indispensáveis sobre história de Pedro Afonso.

Ao amigo Darci Martins Coelho, editor do Jornal *Palavra Livre*, que disponibilizou documentos do acervo particular para consulta sobre periódicos de Tocantinópolis e fez a ponte com outras fontes que me permitiram mergulhar na rica história da antiga Boa Vista do Tocantins.

Ao jornalista amigo e professor da graduação Dr. Joamar Carvalho Brito, da Universidade Federal de Goiás (UFG) que disponibilizou acervo particular sobre imprensa de Cristalândia e ao seu irmão Juscelino Brito, colega de Unitins fez a ponte com o antigo mestre e com a cristalandense Graziela Cortês, filha do líder político Manoel dos Reis Cortês que disponibilizou para consulta o acervo do jornal *O Cristalino*, editado em Cristalândia durante gestão do seu pai.

Ao jornalista Luiz de Souza Pires, editor do jornal *Correio do Norte* (1984) que disponibilizou o seu acervo particular para consulta e indicou fontes indispensáveis sobre a trajetória da imprensa em Araguaína.

Ao historiador Edvaldo Rodrigues, contemporâneo da UFG, que além de disponibilizar documentos do seu acervo particular ainda indicou fontes e fez contatos com pessoas de Porto Nacional que contribuíram com o andamento desta pesquisa.

Ao jornalista Getúlio Matos Quinaud, de Porto Nacional que prestou informações relevantes sobre jornais editados pelo seu pai João Matos Quinaud e abriu o seu acervo para consulta.

Ao jovem Marco Túlio, de Porto Nacional que me fez chegar às mãos uma edição do manuscrito mais antigo do norte de Goiás, *O Cordão*, que surgiu em 1929, editado em Porto Nacional, o que me fez suspeitar que a ordem manuscrita no norte de Goiás assim como no Brasil precedeu a tipografia.

Ao professor Me. Wátila Misla Fernandes Bomfim, de Dianópolis, que por intermédio de um amigo comum, Amilton Rodrigues Araújo me presenteou com uma raridade, o jornal *O Grito*, editado em São José do Duro, nos anos 1930, que não constava na relação de jornais do norte de Goiás, somando a esta pesquisa como uma descoberta.

Ao jornalista Jarbas Coutinho, pioneiro e entusiasta da tocaninidade que compartilhou informações e dados sobre o desenvolvimento da imprensa em sua Gurupi, indicando fontes de enorme valia para este trabalho.

Ao conterrâneo Ademir Rego (*in memoriam*) pela pesquisa criteriosa que realizou e que colocou Paraíso do Tocantins na rota das cidades polos de produção de imprensa no norte de Goiás.

Ao primo professor e escritor Dorival Martins Santiago, de Paraíso do Tocantins que me indicou fontes de pesquisa sobre periódicos editados em sua cidade.

Ao meu irmão Bento Pereira Bucar, de Paraíso do Tocantins que me ajudou a localizar edições dos primeiros jornais editados em Paraíso, tarefa difícil em função da raridade das edições desses jornais que tiveram curta duração.

À amiga Joana Castro pela colaboração na disponibilização de fontes documentais de Natividade.

À colega pioneira de tantas lutas Ivonete Mota pelo apoio e incentivo, sempre disposta a cruzar informações, ligar pessoas e descobrir fontes fundamentais.

Ao colega pioneiro Júnior Veras, de muitas jornadas na TV e no Sindjor pela colaboração em abrir arquivos pessoais para consulta.

Aos colegas de mestrado Adriano, Cláudio, Cleide, Carlos, Davino, Denilson, Gabi, Glês, Gleisy, Isadora, Janaína Rodrigues, Janaína Vilares, Joésia, João Xerente, Jordanna,

Lucas, Lucina, Milena, Maria Lúcia com quem dividi momentos inesquecíveis, de aflição e alegria na construção do conhecimento.

Aos professores Dr. André Demarchi, Dr. Antônio Pedroso, Dra. Cynthia Mara e Dr. Nelson Russo pelas observações críticas ao longo do curso que me ajudaram muito na elaboração e execução do processo da pesquisa.

Às queridas professoras, Dra. Darlene Teixeira Castro e Dra. Lilian Deisy Ghizoni, integrantes da Banca de Qualificação pelas observações pertinentes que permitiram uma melhor adequação da pesquisa.

E finalmente, ao querido professor Dr. Gilson Pôrto, pela paciência, compreensão e orientações ao longo de todo o curso e especialmente durante processo de escrita da dissertação, sem o qual não teria sido possível chegar até aqui, e sobretudo, pelo seu exemplo de dedicação à ciência que serve de inspiração para qualquer aspirante a pesquisador.

RESUMO

O presente trabalho se propõe a investigar a trajetória dos jornais do norte de Goiás que têm sido ignorados pela história da imprensa goiana e ainda não foram de todo contemplados pelos estudos de história do Tocantins, num recorte temporal de 1891 a 1988, que remete ao início da atividade da imprensa na região até a criação do Estado do Tocantins, supondo que a criação do Estado tenha alterado o paradigma do desenvolvimento da imprensa regional, dando origem a um novo ciclo ou ciclos e encerrando outros. Tomando imprensa como palco privilegiado de relações sociais conflituosas mediadas por diversos interesses que envolvem o aparecimento e desaparecimento das publicações. Compreendendo a história do jornalismo como uma história de sistemas de comunicação em permanente transformação afetos às inovações tecnológicas que otimizam os processos de produção e de distribuição e criam novas possibilidades de interação com o público, dão origem a novos meios como resultado de necessidades, sociais, econômicos, políticos e culturais que se pode observar ao longo de ciclos que se sucedem em meio a rupturas e continuidades. O estudo tem como objetivo compreender a influência da mídia impressa nas transformações da região norte de Goiás que viria a se tornar o Estado do Tocantins. Para tanto foram definidos dois objetivos gerais: conhecer os jornais do norte de Goiás e compreender o papel que exerceram na formação da identidade regional, possibilitando a formação do escopo da história da imprensa tocaninense. Conceituando jornal como um meio de comunicação de massa, de natureza complexa que tem a função de construir a realidade das pessoas (DINES, 1977; GOMIS, 1991) e jornal do norte de Goiás como periódico editado localmente ou não, mas que tem a região como foco de suas mensagens. (ANJOS, 2017, BUCAR, 2018). Segue a metodologia de análise de conteúdo a partir da criação de categorias, como tipologia, produção, circulação, tiragem, publicidade, ilustração, fotografia, cobertura regional, opinião e colaboração, por meio dos quais se pode traçar a trajetória dos jornais do norte de Goiás com base em Bardim, (2009), Sodré (1983), Burke, (1992) e Ginzburg (2006). Os resultados apontam que os jornais editados na região já nasceram num ambiente de clara oposição entre norte e sul e se valeram desta dicotomia para construir uma identidade própria. Tomando identidade neste trabalho como um processo de construção social, que corresponde à definição social do grupo e que permite situá-lo socialmente (CUCHE, 1999). O estudo revela ainda que os jornais desempenharam papel de porta-vozes da região e como tal, difusores de narrativas identitárias da região e de representações que fortaleceram a ideia de autonomia que se tornou realidade com a promulgação da Constituição de 1988. Este trabalho é inspirado no conceito de tradição

inventada, de Hobsbawm (1984) e contribui para a formação da historiografia da imprensa tocaninense como construto em permanente transformação e que enriquece a história da imprensa no Brasil.

Palavras-chave: jornais, história do norte de Goiás, imprensa tocantina, Estado do Tocantins.

ABSTRACT

The present work aims to investigate the trajectory of newspapers in the north of Goiás that have been ignored by the history of the Goiás press and have not yet been fully contemplated by the history studies of Tocantins, in a time frame from 1891 to 1988, which refers to the beginning from press activity in the region to the creation of the State of Tocantins, assuming that the creation of the State has changed the paradigm of regional press development, giving rise to a new cycle or cycles and ending others. Taking the press as a privileged stage for conflicting social relations mediated by diverse interests that involve the appearance and disappearance of publications. Understanding the history of journalism as a history of communication systems in constant transformation, related to technological innovations that optimize production and distribution processes and create new possibilities for interaction with the public, give rise to new means as a result of social, economic, political and cultural aspects that can be observed during cycles that succeed in the midst of ruptures and continuities. The study aims to understand the influence of the printed media in the transformations of the northern region of Goiás that would later become the State of Tocantins. For this purpose, two general objectives were defined: to know the newspapers in the north of Goiás and to understand the role they played in the formation of regional identity, enabling the formation of the scope of the history of the Tocantins press. Conceptualizing newspapers as a means of mass communication, of a complex nature that has the function of building people's reality (DINES, 1977; GOMIS, 1991) and a newspaper in the north of Goiás as a periodically edited newspaper or not, but that has the region as the focus of your messages. (ANJOS, 2017, BUCAR, 2018). It follows the methodology of content analysis based on the creation of categories, such as typology, production, circulation, circulation, advertising, illustration, photography, regional coverage, opinion and collaboration, through which the trajectory of northern newspapers can be traced. de Goiás based on Bardim, (2009), Sodré (1983), Burke, (1992) and Ginzburg (2006). The results show that newspapers published in the region were born in an environment of clear opposition between North and South and used this dichotomy to build their own identity. Taking identity in this work as a process of social construction, which corresponds to the social definition of the group and which allows it to be socially situated (CUCHE, 1999). The study also reveals that newspapers played the role of spokespeople for the region and as such, diffusers of the region's identity narratives and representations that strengthened the idea of autonomy that became reality with the promulgation of the 1988 Constitution. This work is inspired by in the

concept of invented tradition, by Hobsbawm (1984) and contributes to the formation of the historiography of the Tocantins press as a construct in permanent transformation and that enriches the history of the press in Brazil.

Key-words: newspapers, history, northern Goiás, press from Tocantins, State of Tocantins.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Distribuição geoespacial dos jornais do norte de Goiás (1891-1988)	41
Figura 2 - Jornais do norte de Goiás (1891 - 1988).....	64
Figura 3- Manuscritos do norte de Goiás O Cordão, O Grito, A Vida e O Brasil	84
Figura 4– Manuscritos do norte de Goiás O Norte, Terra Boa e O Colegial	90
<i>Figura 5</i> – Trajetória da imprensa no norte de Goiás (1891-1930).....	111
Figura 6- Trajetória da imprensa no norte de Goiás (1930-1960).....	114
Figura 7- Trajetória da imprensa no norte de Goiás (1930-1960).....	115
Figura 8- Trajetória da imprensa no norte de Goiás (1960-1988	126
Figura 9- Trajetória da imprensa no norte de Goiás (1960-1988).....	127
Quadro 1 - Classificação dos jornais do norte de Goiás por período	76
Quadro 2- Características editoriais	95
Quadro 3- Estilo gráfico e materialidades	96
Quadro 4- Estilo gráfico e marcas textuais.....	98

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Relação geral dos jornais do norte de Goiás (1891-1988)	73
Tabela 2 - Características editoriais jornais do norte de Goiás (1891-1988)	77
Tabela 3- Relação de jornais manuscritos no norte de Goiás (1891-1988).....	87

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNITINS	Universidade Estadual do Tocantins
SECOM	Secretá-ria de Comunicação do Estado do Tocantins
UFG	Universidade Federal de Goiás
JTo.	Jornal do Tocantins
GJC	Grupo Jaime Câmara
TJ	Tribunal de Justiça do Tocantins
TCE	Tribunal de Contas do Estado do Tocantins
MPE	Ministério Público do Estado do Tocantins
TV	Televisão
U-Matic	Formato analógico de gravação de imagens para TV
VO	Gravador de vídeo
Comunicatins	Cia. de Comunicação do Estado do Tocantins
Sindjor	Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Tocantins
PPGCom	Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UFRR	
PUC- RJ	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
ACISO	Ação Cívico-social
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
Sudam	Superintendência para Desenvolvimento da Amazônia
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
ARENA	Aliança Renovadora Nacional
MA	Maranhão
IHGG	Instituto Histórico e Geográfico de Goiás
AGI	Agência Goiana de Imprensa
ATI	Agência Tocantinense de Imprensa
ICMT	Instituto de Cultura Messias Tavares
CAN	Correio Aéreo Nacional
PA	Pará
Belém-Brasília	Rodovia BR-153
INTERCOM	Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
CENOG	Casa do Estudante do Norte Goiano
CONORTE	Comissão de Estudos dos Problemas do Norte Goiano

SUMÁRIO

1 DO NORTE DE GOIÁS AO TOCANTINS: a difícil viagem de volta ao começo	21
Lugar de fala.....	32
1.1 Problema de pesquisa	34
1.1.1 Hipóteses	35
1.1.2 Delimitação de escopo	36
1.1.3 Justificativa.....	37
1.2 Objetivos	43
1.2.1 Objetivos Gerais.....	43
1.2.2 Objetivos Específicos.....	43
1.3 Metodologia	43
1.3.1 <i>Corpus</i> teórico.....	50
1.3.2 Relevância da pesquisa.....	51
1.3.3 Encaminhamento da pesquisa	52
1.4 Plano geral e organização da dissertação	53
2 NORTE DE GOIÁS: PALCO DE CONFLITOS E DISPUTAS VIOLENTAS	56
2.1 Imprensa do interior	61
3 IMPRENSA NO NORTE DE GOIÁS: comunicação, história e memória	64
3.1 Imprensa artesanal: os manuscritos do norte de Goiás, imprensa feita com graça e ousadia.....	81
3.2 Estado da arte	101
4 DAS FOLHAS SERTANEJAS AOS JORNAIS ENGAJADOS: trajetória da imprensa no norte de goiás	105
4.1 Primeira fase.....	106
4.1.2 Pioneiros.....	112
4.2 Segunda fase.....	113
4.2.1 Autonomistas.....	122

4.3 Terceira fase	125
4.3.1 O contexto da Terceira fase.....	131
4.3.2 Profissionais	132
5 RESULTADOS E ANÁLISE	134
CONSIDERAÇÕES FINAIS	142
6.1 Contribuições da Dissertação	148
6.2 Trabalhos Futuros.....	149
REFERÊNCIAS	153
ANEXOS	180

1 DO NORTE DE GOIÁS AO TOCANTINS: a difícil viagem de volta ao começo

Viver é o grande desafio, mas é preciso que o fascínio da vida possa nos seduzir, nos embriagar, nos fortalecer para que sejamos capazes de empreender as grandes jornadas em direção a nós mesmos.

(Viviane Mosé)

No apagar das luzes de 2018 uma notícia que surge como boato surpreende o meio jornalístico e provoca uma inflexão no projeto desta pesquisa. O trabalho de campo sobre a história da imprensa tocantinense corria a todo vapor quando se confirmaram as especulações sobre o encerramento das atividades do *Jornal do Tocantins*, um dos principais jornais do norte de Goiás e do Estado do Tocantins, um dos poucos que se enquadram no conceito de grande imprensa (SODRÉ, 1983) no contexto regional e que integra a relação dos periódicos objetos deste estudo.

Na edição de número 7.578 de 30 de dezembro o diário anuncia o seu fim na versão impressa. Pressupondo continuidade em outro formato. Em manchete de capa o Diário se despede do seu público leitor de forma dissimulada anunciando uma nova fase, digital. No editorial com a retranscrição de Carta do Editor, na página dois, José Sebastião Pinheiro, é mais explícito, e não só esclarece as razões da mudança como a justifica como sendo medidas de contingência do mercado. As causas, os avanços tecnológicos, como sugere a opinião do editor.

[...] o *JTo* segue o que nos demandaram o mercado e as novas tendências de um tempo de comunicação ágil com acesso a um clique e em qualquer lugar. (JORNAL DO TOCANTINS, Nº 7.578, 2018).

O anúncio do novo projeto expunha nas entrelinhas a falência do maior e mais importante jornal da região no período de mais de um século de atuação da imprensa tocantina, desde o norte de Goiás até aquele momento. O editorial apregoa os ganhos da mudança e em nenhum momento se refere ao fim do jornal, mas ao início de um novo projeto jornalístico do veículo, contudo não se pode desconhecer que o fim da versão impressa do *Jornal do Tocantins* coloca em cheque a continuidade da ideia de jornal, cuja definição diz respeito a apresentação de um conjunto de notícias hierarquicamente organizadas referente a um período de tempo, dia, semana, mês.

Criado no final da década de 70, por decisão do empresário e político Jaime Câmara, presidente da Organização Jaime Câmara, hoje Grupo Jaime Câmara (GJC), como estratégia de ocupação de espaço no norte de Goiás. É o que diz o editorial da primeira edição que

circulou no dia 18 de maio de 1979, quase uma década antes da criação do Estado do Tocantins.

O projeto do JORNAL DO TOCANTINS nasce de uma empresa que se preparou, conscientemente, para cobrir espaços vazios nessa imensa e rica região que é o norte de Goiás. É, sem dúvida, um salto que, viabilizado pelo suporte empresarial que hoje se afirma em Araguaína, sempre pretendeu solidamente consolidar. (JORNAL DO TOCANTINS, Nº 1, 1979).

O *Jornal do Tocantins* nasceu semanário, 1979, passou a bissemanário, em 1991; trissemanário em 1994; e finalmente diário, de terça-feira a domingo a partir do dia 30 de março de 1998. Em maio de 2019 completaria 40 anos de atividades ininterruptas. O diário também figura na lista dos periódicos com maior tempo de circulação.

O jornal foi testemunha de fatos marcantes que transformaram a região. Cobriu os debates da Assembleia Nacional Constituinte de 1987, que resultou na promulgação da Constituição Federal de 88, a Constituição Cidadã, que entre outras inovações criou o Estado do Tocantins; acompanhou de perto a implantação do novo Estado, como o primeiro veículo de comunicação a se instalar na capital provisória, Miracema do Tocantins e foi o veículo mais presente na vida de Palmas, desde a sua concepção, passando pela construção e desenvolvimento, até alcançar a condição de metrópole regional que se tornou.

O seu desaparecimento parece indicar um marco temporal significativo para os estudos de história da imprensa tocantina. Quando o *Jornal do Tocantins* se tornou diário marcou um novo período na história da imprensa regional. A falência desse projeto, de tal modo, marca outro período, talvez até mesmo o fim da imprensa.

Pode-se considerar que a imprensa tocantina alcançou o seu apogeu na última década do século XX quando a atividade apresentava uma trajetória crescente. A partir de então tem experimentado uma fase de declínio. O desaparecimento acelerado dos periódicos impressos, cedendo lugar às novas mídias, os que tentam permanecer são obrigados a migrar para outras plataformas mais econômicas e adaptadas à demanda de mercado em tempos de comunicação digital.

O fim do *Jornal do Tocantins* não é fato isolado, acompanha uma crise mundial do jornalismo impresso que segundo os estudiosos da mídia só tende a se agravar. Não é novo o debate sobre o fim do impresso, o que o tempo parece confirmar. As previsões mais sombrias sustentam que o desaparecimento do jornalismo impresso é só uma questão de tempo. Muito pouco tempo.

Este estudo precisou ampliar um pouco o recorte inicial para incluir este fato emblemático na compreensão do desenvolvimento da imprensa no norte de Goiás. Da *Folha*

do Norte ao *Jornal do Tocantins*. Do aparecimento do primeiro jornal, 1891 ao desaparecimento do diário mais representativo do Estado, 2018. Esse é o percurso temporal da imprensa no norte de Goiás que se tornou o Estado do Tocantins. Estima-se que cerca de 150 periódicos tenham circulado na região desde o pioneiro *Folha do Norte*, 1891, editado em Porto Nacional, aos dias atuais.

Este estudo empreendeu a catalogação de periódicos da imprensa tocantina, buscando compreender o que representou o predomínio da mídia impressa no norte de Goiás, no período anterior a criação do Estado, o que corresponde ao primeiro período do desenvolvimento da imprensa tocantina. O *Jornal do Tocantins* integra a lista dos jornais do norte de Goiás que guardam parte considerável da memória da região. Dos jornais catalogados do norte de Goiás, apenas um permanece circulando.

O recorte compreende o lastro temporal da trajetória da imprensa no norte de Goiás do surgimento do primeiro jornal até a criação do Estado do Tocantins. Após a criação do Estado se deu o florescimento de uma nova imprensa que já não fazia mais ligação com o norte de Goiás.

A definição desse recorte atende a um processo de escolha do pesquisador que implica inclusão e exclusão. Foram incluídos todos os jornais desse período editados dentro ou fora da região, cujo conteúdo editorial pode ser considerado de interesse regional, E foram excluídos os que não puderam ser enquadrados nesta delimitação.

O fim do *Jornal do Tocantins* também impactou o meio jornalístico pelo aspecto puramente emocional. O Jornal foi uma espécie de escola avançada para muitos profissionais de várias gerações. No meu caso, foi o veículo que me deu oportunidade de vivenciar um dos momentos mais importantes da carreira profissional. Acompanhar a implantação de um Estado e a construção de uma capital. Foi a minha primeira experiência profissional neste novo contexto de transformação da região, marcada por forte representação simbólica.

Ao encarar o desafio de ajudar a implantar a redação do semanário como o primeiro jornalista destacado para o *front* da batalha, no caso a capital provisória, Miracema do Norte, me tornei também, ao lado do repórter-fotográfico Márcio di Pietro, o primeiro jornalista a atuar profissionalmente no recém-criado Estado do Tocantins.

A necessidade de se montar urgentemente a redação do jornal no novo estado revela que o veículo não mantinha uma presença satisfatória no norte de Goiás. Ao aceitar a missão de ajudar a consolidar a presença jornalística do *Jornal do Tocantins* no Estado do Tocantins não imaginava que estivesse participando de um momento emblemático do desenvolvimento da imprensa regional que iria exercer forte impacto nas comunicações do novo Estado.

Na época não tinha a dimensão do que aquilo representava. Não tinha condições de avaliar que estaria talvez fazendo história, como cronista de um novo tempo. Tempo, que ainda no colegial ouvira dizer que um dia chegaria, mas não tinha muitas razões para acreditar, a não ser pela necessidade de manter a crença pura e simples.

Voltemos ao começo para explicar o que chamei de desafio. Era final de 1988. O Tocantins recém-criado realizava sua primeira eleição. Em Goiânia, onde residia, acompanhava os desdobramentos do novo Estado atento aos fatos. Na época trabalhava em um projeto próprio, o Jornal *Espaço Livre*, na região do Mato Grosso Goiano, considerado no meio profissional como um dos melhores jornais do interior, que surgiu como jornal laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Goiás (UFG) e ganhou vida própria.

Avaliava que a criação do Estado era um bom motivo para o retorno, mas não enxergava um fato objetivo para isto acontecer. Talvez não tivesse a iniciativa de ir buscar esta oportunidade.

O *Espaço Livre* ganhou referência no meio jornalístico e sua equipe passou a ser assediada por veículos da grande imprensa. Um dos editores – Rosimar Silva – aceita o convite para integrar a o Núcleo de Reportagens Especiais de *O Popular* e abre caminho para toda a equipe do periódico. Na redação de *O Popular* Silva fica sabendo que o *Jornal do Tocantins* procurava, “a laço”, profissionais que se dispusessem a mudar para o Estado do Tocantins e resolve colaborar com a campanha.

Durante encontro do governador Henrique Santillo com aos jornalistas, evento de confraternização de final de ano, tradição em Goiás, fui desafiado a vir para o Tocantins. O colega de *Espaço Livre* em tom de brincadeira me levou ao então editor do *Jornal do Tocantins*, José Sebastião Pinheiro para dizer que eu era o jornalista certo para missão de desbravar as fronteiras no Tocantins, pelo simples fato de ser nortense apaixonado pela sua terra.

Como parceiros profissionais ele sabia que eu tinha ligação afetiva com o norte, mas também sabia que eu não tinha nenhum projeto para retornar de imediato. O medo de ser malsucedido inibia fazer projeções neste sentido. E a possibilidade era muito grande disso acontecer. Quem conheceu o norte de Goiás sabe bem o que estou dizendo. Muitos nortenses que se projetaram profissionalmente nos grandes centros jamais retornaram. Não que não quisessem. Certamente pensaram duas vezes antes de abandonar uma carreira certa para recomeçar na sua terra.

A brincadeira era uma nítida provocação aos nortenses, que no entender do colega não estavam respondendo aos chamados para ajudar na implantação do novo Estado, o que comprometeria a sua imagem perante os goianos, sobretudo junto àqueles que resistiram à ideia de divisão do Estado. O governador que foi chamado a opinar defendia a tese do Tocantins para os tocantinenses. Contrariando a expectativa do colega, que esperaria uma resposta evasiva, respondi que toparia. Ainda assim ninguém acreditou.

Além da brincadeira eu via uma boa oportunidade de voltar para casa sem grandes expectativas. No dia seguinte estive na redação e confirmei o interesse. Os entendimentos avançaram e dez dias depois daquele almoço festivo desembarcava em Miracema do Norte, como o primeiro jornalista do *Jornal do Tocantins*, no Tocantins. Essa decisão marcou profundamente a minha carreira profissional. Ao encarar o desafio me deparei com inúmeros desafios e ótimas oportunidades.

Era o retorno ao meu velho norte de Goiás, depois de uma ausência de 10 anos, para estudar. Com Tião Pinheiro fiz o compromisso de vir, não de permanecer. Disse ele que se eu ficasse uma semana já estaria sendo o “salvador da pátria”, numa alusão à telenovela da época. Algum tempo depois, quando os primeiros jornalistas começaram a chegar fui compreendido melhor o que ele chamou de salvador da pátria.

É que depois que o primeiro jornalista aceitou vir para o novo Estado esvaziaram os argumentos dos que atuavam no *Jornal do Tocantins* em Goiânia, mas se negavam a vir para o Estado alegando falta de condições estruturais mínimas ao desempenho da atividade de produção de notícias. Os jornalistas tinham razão. Mas o Tocantins tinha sido criado justamente para romper com este ciclo de atraso. A empresa não tinha tempo a perder. Corria para marcar presença no novo Estado como fizera na construção de Goiânia.

Dados históricos revelam que *O Popular* se manteve por algum tempo como um pequeno periódico da Cidade de Goiás. Ao acompanhar a transferência da capital para Goiânia ganhou impulso e cresceu com a cidade, tendo alcançado em pouco tempo a condição de maior diário do Centro-Oeste.

No *Jornal do Tocantins* os novos tempos exigiram mudanças profundas. O jornal não poderia mais ser produzido em Goiânia, como mero apêndice de *O Popular*. Teria que buscar vida própria, de preferência na nova Unidade Federativa. A editoria tomou então a decisão de que quem quisesse permanecer no jornal teria que se dispor a vir para o novo Estado. Alheio a este processo terminei contribuindo para o jornal se estabelecer no Tocantins.

Se em Goiânia já podia perceber a carência de profissionais no então norte de Goiás, ao chegar a Miracema vivenciei esta realidade de perto. Em minha chegada, em 28 de

dezembro encontrei um clima de euforia na cidade. Indicada Capital Provisória desde o início do mês a cidade vivia uma enorme expectativa com o poder que em breve se instalaria ali naquela pacata cidade às margens do rio Tocantins. No dia 30 de dezembro acompanhei o editor Tião Pinheiro a um encontro político no Clube Correntinho. O evento organizado pelo governador eleito para tratar dos preparativos da posse e criar uma ambientação entre os dirigentes do novo Estado.

Tião Pinheiro que tinha lido na *Folha de São Paulo* anúncio solicitando jornalistas para o novo Estado quis saber do assessor de imprensa Fernando Martins, indicado secretário de Comunicação, e responsável pela publicação se já tinha algum *feedback* da publicação. Martins respondeu que ainda não tinha aparecido nenhum “filho de Deus” interessado nas vagas de emprego na comunicação do governo e revelou que temia iniciar a gestão sem ter conseguido formar a equipe jornalística que vinha tentando montar. Tião então me apresentou como o repórter do *Jornal do Tocantins* da redação local. Antes mesmo de me cumprimentar Martins, disparou: já está contratado para a Secom.

Assim é que me tornei também o primeiro jornalista a compor o quadro da secretaria de Comunicação do Estado e junto com o secretário elaboramos o perfil dos ocupantes do primeiro escalão, dos magistrados integrantes do Tribunal de Justiça (TJ), dos conselheiros do Tribunal de Contas do Estado (TCE), dos integrantes do Ministério Público Estadual (MPE). Todos referendados pelo chefe do Executivo que teve a prerrogativa de instalar os outros poderes.

Elaboramos o primeiro Boletim Informativo, diário, do governo que era impresso em copiadora e distribuído aos veículos de comunicação, jornais, rádio e TV.

O tempo iria revelar a incompatibilidade entre as duas funções naquele período. Deixei a Secom e de imediato fui compelido a ir para a TV Anhanguera, do GJC, que buscava formar sua equipe local. Tinha o telejornalismo como projeto profissional, mas pretendia primeiro construir uma trajetória no imprenso. A escassez de profissionais me fez apressar o projeto.

Em meados de abril de 1989 a cobertura da TV Anhanguera no Tocantins ainda era feita por profissionais de Goiás que se revezavam na função. Os repórteres foram se cansando e fizeram subir o nível de exigência forçando a empresa a montar logo a equipe local. A empresa priorizou a formação das equipes locais e resolveu convidar profissionais com alguma afinidade com TV. Jornalistas, radialistas e locutores foram convidados a fazer teste.

Cabia aos profissionais visitantes preparar novos repórteres para substituí-los. Em um determinado momento uma repórter da matriz se recusou a capacitar um locutor de carro de som que atuava na cidade e aguardava a sua vez de virar repórter da TV. Indignada com o que

classificou de falta de critério na seleção de profissionais me fez assumir a vaga para evitar que alguém sem formação na área a ocupasse. A justificativa me fez superar a timidez da inexperiência em vídeo e abraçar a oportunidade.

Na TV descobri o meu lugar. Recebi apoio tanto da direção do jornal quando da emissora a investir no telejornalismo. Fiz estágio na TV Anhanguera, em Goiânia, junto com a repórter Lilian Teles, também iniciante com quem dividi as primeiras dúvidas sobre como organizar uma narrativa jornalística para TV.

Na TV Anhanguera, participei da estruturação dos primeiros telejornais da emissora. No início apenas o Jornal Anhanguera Tocantins, veiculado às 19h, com duração de 10 minutos. O grau de dificuldade era mais que enorme, era gigantesco. Para se ter uma ideia de como que era aquele tempo, o material bruto era enviado de ônibus para Goiânia para edição e veiculação. O sistema da época era U-matic, equipamentos pesados que para operar além do repórter cinematográfico precisava contar também com dois auxiliares, um para operar o gravador (VO) e o outro, a luz. Como no início só existia um telejornal, todo o material produzido no Tocantins só ia ao ar no dia seguinte.

Era muito comum o extravio da remessa. Quando isso acontecia era um Deus nos acuda para descobrir o paradeiro do material nos guichês das empresas de transporte ou encontrar conteúdo para preencher o telejornal. A recomendação era produzir bastante material de *stand-by* que servia para cobrir eventuais furos no planejamento do telejornal. Aproveitei bem esta estratégia para fazer matérias “frias” bem produzidas, reportagens especiais e que permitiam destacar o profissionalismo. Do limão, a limonada.

Essa experiência inicial me deu embasamento sobre produção de TV que foi de suma importância na minha carreira. A seguir tive oportunidade de dirigir a Companhia de Comunicação do Tocantins (Comunicatins), sistema de comunicação do Estado responsável por três emissoras sediadas em Palmas, Araguaína e Gurupi, afiliadas da Rede Manchete, no período de 1991/1994; a TV Lajeado, afiliada da Rede Record, de 1995/1997 e a TV Girassol, afiliada da Rede Bandeirantes, de 1997/2000. Em todas essas emissoras acumulei a função de direção com a de repórter que nunca deixei de exercer, por considerar a função mais nobre do campo jornalístico. É a que permite o contato direto com a realidade das ruas, das pessoas, para quem se trabalha ou deveria.

Depois de um longo período agora atuando no setor público, secretário de Comunicação de Palmas, Diretor de Comunicação da Câmara Municipal de Palmas e assessoria de comunicação de vários órgãos como secretaria de Estado da Juventude e secretaria de Estado de Indústria e Comércio voltei à televisão para fazer o programa Roda

Livre, nos moldes do Roda Viva, da TV Cultura. Um programa que mexeu com o universo televisivo tocantinense, mas durou pouco, apenas um ano. Ingerências políticas o tiram do ar.

Na carreira profissional tive a oportunidade de desenvolver trabalhos tanto para televisão como para o impresso com enfoque histórico. Destaco o documentário sobre a criação do Estado do Tocantins, por ocasião do seu 5º aniversário. Uma série de TV sobre a construção de Palmas, de 1992 a 1996, que registrou os primeiros anos do desenvolvimento da Capital. Trabalhos realizados pela TV Palmas, então Cia. de Comunicação do Tocantins (Comunicatins), e TV Lajeado, afiliada da TV Record.

Convidado pela Prefeitura de Pium, em 2006, dirigi o documentário sobre a trajetória do empresário, político e jornalista Trajano Coêlho Neto, diretor dos periódicos *Ecos do Tocantins*, e *Anuário do Tocantins*, dois dos mais significativos veículos da imprensa regional, do norte de Goiás, dos anos 50, que têm como principal característica editorial o engajamento na luta pela criação do Estado do Tocantins. Mergulhar neste universo da imprensa da década de 50 me permitiu consultar fontes documentais de produção de história.

Como presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Tocantins (Sindjor), assumi por quatro anos, em dois mandatos consecutivos e fui convidado por escolas, faculdades e instituições de ensino a fazer palestras sobre o desenvolvimento da imprensa tocantinense. Também estive à frente de projetos de resgate da memória história da imprensa e finalmente no meio acadêmico, onde pude realizar alguns estudos que me instigaram ainda mais o interesse pelo tema.

Nas buscas sempre me deparei com a falta de pesquisa científica sobre o tema, o que persiste ainda hoje. Os trabalhos nesta área são escassos e investigam o comportamento da mídia após a criação do Estado. Talvez em função da escassez das fontes não se tem estudos sobre o período anterior à criação do Estado. Se os jornais do norte de Goiás já eram ignorados pelos estudos de história da imprensa de Goiás, depois da criação do Estado do Tocantins se tornaram algo que não dizia respeito à história daquele estado.

Penso que este entusiasmo que devotamos a história tem a ver com a nossa percepção da posição que ocupamos neste período recente de implantação do Estado. A criação, a implantação do Estado do Tocantins e a construção de sua capital, Palmas, do qual de fato fomos não apenas testemunhas privilegiadas, mas partícipes deste processo. Acho que nasceu com a percepção de que nós jornalistas exercíamos um papel diferenciado naqueles conturbados anos de implantação do Estado e da construção de Palmas. Certamente um papel grandioso, digno de registro.

Depois, passou ser uma ideia defendida nos encontros da categoria, em que se debatia a necessidade de organização da memória dos profissionais que estavam construindo a história do tempo presente. O debate transformou a ideia em projeto, mas que nunca saiu do papel. Era preciso desenvolver pesquisas que pudessem responder que papel a imprensa exerceu na formação do Estado do Tocantins.

Vem desta época de intensa atividade profissional a ideia de pesquisar sobre o papel dos jornais do norte de Goiás. Sei que mescla influências da vida profissional, militância sindical e vivência no meio acadêmico. É um interesse antigo. Aliás, essa é uma ideia que me persegue ao longo da minha trajetória. De tal sorte que virou um misto de encantamento e decepção.

O encantamento pela percepção de que se trata de um tema que oferece possibilidade de avanço na produção de conhecimentos sobre a história da imprensa do novo Estado, podendo abrir caminhos para a realização de novas pesquisas e produção de novos conhecimentos.

Decepção, pela dificuldade de conectar conhecimentos sobre jornais antigos com as demandas atuais do jornalismo regional, baseado nas novas mídias que não lembram nem de longe, os percussores, os jornais.

Quando estamos imersos no trabalho profissional no âmbito da produção jornalística ficamos um pouco bitolados naquele universo e não encontramos condições para olhar nossa atuação de longe, o que transforma a atividade profissional em algo alienante. Incompatível com a pesquisa científica que exige leitura crítica, reflexão e um certo grau de distanciamento e tempo para planejar a coleta e análise dos dados.

Por isso é que só agora depois de um afastamento da imprensa factual é que tive reais condições de realizar uma imersão na pesquisa sobre jornalismo. Atuando no jornalismo se torna mais difícil, quase impraticável pesquisar a atividade jornalística.

A busca pela pesquisa científica foi uma alternativa para a crise de descrença com o jornalismo factual e informativo. A pesquisa me permitiu redimir dos meus pecados de longos anos dedicados ao jornalismo que foi deixando de ser algo prazeroso para se tornar algo alienante. Não conseguia mais ver no jornalismo possibilidades de exercício crítico e de conscientização, valores e crenças que me moviam no início da carreira.

Perdi completamente a confiança, se algum dia eu tive no jornalismo informativo, factual, objetivo e imparcial. Passei a ver este jornalismo como o mais eficiente mecanismo de manutenção e legitimação do poder e não como agente de transformação que aludia que

fosse. Instrumento de construção da história única, da qual a escritora nigeriana Chimamanda Adichie chama de processo perverso de colonização.

Este estudo bebe na fonte de indignação dos historiadores tocantinenses com as inclinações da história única que tem se tentado produzir a partir de injunções do poder em busca de legitimação. A história é um processo de construção social de caráter crítico e análise com base em métodos e não uma visão estanque da leitura de documentos como são encontrados juntos às fontes, como apregoa o empirismo ingênuo com influência do positivo de Comte que dispensa método e teoria para alcançar o conhecimento (SCHUDSON, 2010).

Finalmente veio o Mestrado em Comunicação e Sociedade (PPGCom), a tempo de resgatar o que virou uma dívida com a categoria, com o meio acadêmico e com a minha consciência de profissional e de cidadão oriundo do norte de Goiás. Um desafio e uma oportunidade de efetivamente fazer história.

Um desafio acadêmico de envergadura como este de resgate de 100 anos de atividades da imprensa no norte de Goiás não pode ser motivado apenas pelo desejo de conhecer a história por conhecer a história. É preciso algo mais.

O primeiro grande desafio para construção do projeto de pesquisa foi de ordem epistemológica. Como encontrar um método adequado para analisar narrativas de periódicos tão díspares e complexos em suas definições técnicas e jornalísticas?

A demora se deveu a um exagerado e inexplicável nível de precaução. Nunca é fácil escrever sobre um tema pelo qual temos um respeito quase sagrado. Devo ressaltar que resisti aos primeiros impulsos de me embrenhar numa pesquisa sem definir métodos nem delinear bem o objeto de estudo. Se não cedi à tentação de enveredar pelos caminhos da história positivista também não busquei métodos mais apropriados para trabalhos ensaístas que tomam a construção da história como apuração de notícias.

Mas a despeito de tudo isso não poderia perder a oportunidade de me inserir neste debate, com um detalhe, a partir das minhas próprias dúvidas e não de certezas. O programa mestrado em Comunicação e Sociedade (PPGCOM), da Universidade Federal do Tocantins (UFT) foi essa oportunidade.

Ressalto, porém, que o grande desafio deste trabalho não foi o que se poderia imaginar a árdua tarefa arqueológica de vasculhar arquivos, bibliotecas e museus em busca de vestígios de jornais antigos - muitos dos periódicos editados no norte de Goiás como em outras regiões do Brasil tiveram vida efêmera, como explicam Sodré (1983) e Teles (1989). As provas de sua existência estão se tornando precárias – o que exige apurado senso de investigação para descobrir pistas, indícios, provas.

O método indiciário, de Ginzburg (1987) se tornou uma ferramenta indispensável neste processo, uma luz que permitiu tatear caminhos na escuridão da escassez de informações na direção da trajetória de escassos objetos de pesquisa como os periódicos. Barbosa aponta como fazer história a partir de vestígios do passado contidos nas narrativas dos jornais.

Assim, se o objetivo do pesquisador é recuperar a historicidade dos meios de comunicação num determinado tempo e lugar, há que se construir um nexos a partir de narrativas configuradas em outros tempos e que chegaram ao presente sob a forma de rastros. Portanto, metodologicamente a noção de vestígio é fundamental para um certo olhar que se lança em direção à história dos meios (BARBOSA, 2007, p. 11).

O grande desafio na verdade tem sido encontrar respostas para um questionamento perturbador: o que se pode pesquisar em jornais antigos que tenha alguma relevância para a compreensão da crise da mídia na pós-modernidade, que é a própria crise da velocidade expansiva das novas mídias em suas infinitas possibilidades comunicativas? Nada. Definitivamente nada, a priori. Contudo não podemos esquecer que há uma dimensão histórica na atividade cotidiana da mídia, uma espécie de memória que guarda aspectos relevantes que permitem uma análise crítica de sua atuação.

Nas mídias superadas que deixaram de existir talvez estejam as respostas para a crise de perplexidade da sociedade pós-moderna que tem relação cada vez maior com a interação midiática. A história da imprensa pode revelar como grupos sociais de uma determinada época compreendiam sua realidade a partir da importância que davam aos acontecimentos e como transmitiam informações.

Desejo com este estudo construir uma conexão possível, uma ponte reflexiva entre duas unidades do mesmo universo em profunda transformação: a imprensa que caminha rapidamente para desaparecer e a emergência das novas mídias digitais na mais profunda crise de desinformação.

Devemos deprender muito mais sobre os jornais que se publicou no norte de Goiás. Suas narrativas apresentam possibilidades de construção da história da região, mas o que temos colhido consideramos o bastante para recompor um fragmento da realidade do norte de Goiás e suas transformações mediadas pela imprensa.

Este trabalho é resultado de um grande esforço de superação. Espero que ele possa vencer a indiferença que temos tido em relação ao passado que remonta as origens da

imprensa tocantinense, bem como a sua importância como construto para a história do Tocantins. É lógico que há razões para essa indiferença.

A mais provável é a forma como a história do Estado tem sido contada com a apropriação da memória histórica para legitimação do poder que tem contribuído para alimentar uma versão da história que não permite dúvidas nem questionamentos. Algo como a escritora nigeriana Chimamanda Adichie conceitua como história única (ADICHIE, 2019).

Comungamos com o pensamento de que não existe uma histórica verdadeira, mas versões parciais que jamais darão conta do fato em sua completude. Apenas uma parte da história do Tocantins tem sido contada. Outras tantas precisam ser apresentadas para uma compreensão mais plural da civilização do norte, contraditoriamente ainda pouco conhecida.

Não existe uma versão verdadeira da história. Existem versões que contribuem para a compreensão dos acontecimentos que se sucedem na dinâmica da realidade social.

Lugar de fala

Falo na condição de tocantinense que como tantos outros filhos da terra, teve que sair cedo para completar os estudos, mas teve a oportunidade, de retornar, e, talvez o privilégio de participar da criação e implantação do Estado do Tocantins e da construção de sua capital, Palmas.

Desejo com esta ressalva, destacar não apenas a condição de nativo, filho da terra, originário da região, mas a experiência de ter experimentado a condição de ser nortense fora do norte, o que não tem nada a ver com o que se denomina hoje de tocantinense, no Tocantins. Não é tarefa tão fácil descrever esta percepção que talvez pela carga de discriminação é tangenciada para o inconsciente.

Para começo de conversa norte era pejorativo em todos os sentidos. O histórico de subdesenvolvimento da região criou uma espécie de marca nas pessoas. E não tinha como disfarçar essa condição. O nortense se autodenunciava, quer dizer, já era visto como tal antes mesmo de se apresentar. O biotipo, o sotaque eram a prova. Preconceito e discriminação vinham juntos.

Passar por tudo isso não foi o mais difícil, o mais difícil foi ver esse tipo de percepção ser sufocada pelo ufanismo da criação do Estado. De uma hora para outra o norte virou sul maravilha. A emergência do Tocantins fez desaparecer rapidamente os vestígios do norte e a vivência cultural dos nortenses, carregada de sofrimento, privações, mas também de esperança.

Minha ligação com a temática em questão é visceral. Ainda quando não tinha nenhuma consciência formada acerca do que significava ser nortense já sentia o impacto de ser. Ser nortense estava ligado a algo negativo. Permanecer no norte era não ter futuro. Sair era a única alternativa possível. Ao sair, como fiz, pude vivenciar o que é ser nortista.

No Rio de Janeiro onde comecei estudar jornalismo era chamado de índio, era o único do Norte na turma. Para quem está no Sudeste tirando o Sul, o resto tudo é Norte. Acho que era por causa do biotipo, talvez o sotaque, ou sei lá, pelo simples fato de ser diferente dos nascidos no Sudeste.

Ainda me lembro, quando ouvi falar pela vez primeira sobre o assunto da criação do Estado do Tocantins. No final dos anos 70, estava concluindo o ensino médio em Paraíso do Tocantins, e já estava me preparando para deixar o norte. Um professor da rede pública, durante bate-papo, fez a seguinte declaração: – só vamos sair dessa condição (de atraso) quando o Estado do Tocantins for criado! Fiquei perplexo. Nunca tinha ouvido falar de nenhum projeto neste sentido.

Acho que a conversa girava em torno de nossas percepções sobre as carências da região que afetavam profundamente os sonhos da juventude da época. Embora não pudesse compreender exatamente o que aquilo queria dizer, confesso que aquela ideia me marcou profundamente.

Passei a observar que de fato o norte era sim desprezado pelos governos e por isso tinha todo o direito de buscar alternativas para superar esta condição. A criação do Estado podia parecer utopia, mas servia ao menos para contrapor o desprezo do sul.

A partir daí passei a buscar mais informações sobre o assunto. Indagava, por que era preciso criar um estado para mudar a realidade da região norte? Queria compreender a lógica dessa ideia que parecia contrariar o senso comum que indicava fortalecer o norte em vez de enfraquecê-lo propondo uma ruptura com Goiás. Não era uma ideia extravagante, mas também não era um assunto de domínio público, pelo menos nesta época, ainda muito insipiente do que viria a ser na década seguinte.

Só muito tempo depois iria despertar interesse pelo jornalismo. Caminho que me levou não só a ter oportunidade de debater a ideia do Tocantins, mas, sobretudo, de construir argumentos convincentes para defendê-la.

De volta a Goiás, com transferência da Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ) para a Universidade Federal de Goiás (UFG), continuei a militância no movimento estudantil, que me levou aos movimentos pela criação do Estado do Tocantins. Mais uma vez pude sentir na pele, o desprezo dos goianos do sul para com seus irmãos do norte. A reação mais comum

sobre a ideia de criação do Estado do Tocantins era de galhofa. Como construir um estado numa região pobre e dependente?

Acho que ainda hoje tem gente pensando assim. O duro é que com o tempo essas pessoas vão acabar tendo razão. Como temos sido demasiadamente incompetentes no comando da gestão do Estado nos afastamos cada vez mais da promessa generosa com que o Estado foi criado. Como temos perdido a oportunidades de avançar no sentido de fazer o Estado se tornar referência para o Brasil, em vez disso nos tornamos cada vez mais uma unidade dependente dos repasses do governo central.

Ao menos temos o consolo de termos conseguido ser autônomos e como tal, temos o direito de ser o que quisermos ser. O que me preocupa é que parece que com o tempo estamos cada vez mais deixando de querer ser. Apenas deixando que seja, como quer que seja. Temo que o conformismo tenha tomado o lugar do idealismo da juventude do passado, talvez em função do ufanismo exagerado que predominou nestas primeiras décadas que por falta de resultados caiu no vazio. Neste ritmo corre se o risco de ver a criação do Estado ser questionada.

Acredito falar de um lugar onde a minha fala é tomada de autenticidade, de legitimidade, consciência e emoção que eventualmente me escapa na escrita. Falo deste lugar, que só eu mesmo poderia falar. Do Tocantins que existe dentro de mim. Este estudo é um alento no sentido de reencontrarmos com a nossa história.

1.1 Problema de pesquisa

Jornais do norte de Goiás, hoje Estado do Tocantins, têm sido ignorados pelos estudos de mídia que tem buscado compreender o paradigma da imprensa regional. O que explica este “apagão” da história em relação aos jornais do norte de Goiás? Irrelevância para a construção da historiografia da imprensa goiana e tocantinense ou desconhecimento sobre a real importância dessas fontes?

A visão de conjunto dos jornais tocantinos revela uma diversidade de publicações; diários, semanários; informativos, opinativos; partidários, engajados, comerciais e panfletos políticos, dentre outros.

Entre estes figuram alguns dos mais importantes periódicos de Goiás (TELES, 1989; LÔBO, 2017). Estes periódicos constitui um rico acervo documental sobre a organização

social, econômica e cultural da região norte de Goiás, com narrativas jornalísticas que permitem compreender o cotidiano de cada época neste longo percurso da República à criação, implantação e consolidação do Estado do Tocantins.

Faz-se necessário depreender os jornais editados no norte de Goiás. Catalogá-los, organizá-los de acordo com período de circulação ou características editoriais e disponibilizá-los para outros estudos sobre o desenvolvimento da imprensa tocantina.

O presente trabalho tem a pretensão de contribuir para a construção de uma hipótese ou teoria sobre a imprensa tocaninense. Para se conceituar imprensa tocaninense é preciso antes de tudo, conhecê-la.

Para tanto propõe-se a sistematização das fontes documentais e bibliográficas para formação de um corpus teórico que permita escrever a história da imprensa tocantina que é um pouco da própria história do Estado do Tocantins. O estudo pode contribuir também para enriquecer a história da imprensa brasileira.

Mais alguns questionamentos podem ajudar a formatar o problema e revelar a relevância do projeto de pesquisa. O que faz os jornais do norte merecer um estudo enquanto objeto próprio e não como parte da imprensa de Goiás que também o são? Definidos como jornais do norte qual a relação desses periódicos com a imprensa de Goiás? O que estes periódicos acrescentam ao que já se conhece sobre história da imprensa Goiana? Se o pressuposto do estudo é a emergência do Estado do Tocantins, ainda há que se questionar que importância teria essas fontes documentais se o Estado do Tocantins não tivesse sido criado?

1.1.1 Hipóteses

Existe uma imprensa tocaninense que não nasceu com a criação do Estado, mas com os movimentos populares que idealizaram e propagaram o imaginário autonomista da região. Jornais editados no norte de Goiás conquistaram autonomia no campo jornalístico goiano ao priorizar a cobertura regional em detrimento da pauta estadual o que os levou a atuar como porta-vozes da região e a confrontar os governos. Jornais engajados na luta pela criação do Estado do Tocantins são os precursores da imprensa tocaninense. Jornais editados no norte de Goiás contribuíram com a formação do imaginário autonomista da região norte que viria a se tornar Estado do Tocantins, o que se pode inferir que esses periódicos contribuíram com a formação do Tocantins.

1.1.2 Delimitação de escopo

O estudo tem como escopo a catalogação dos jornais do norte de Goiás, tomados aqui como periódicos identificados de alguma forma com a região, com foco editorial no contexto regional, no período de 1891 a 1988, que vai do aparecimento da imprensa no norte à criação do Estado do Tocantins. O recorte delimita o lastro temporal de atuação da imprensa no norte de Goiás, levando em consideração que após a criação do Estado a imprensa desta região adquire nova identidade e inaugura um novo ciclo, em que passa a dividir espaço com outras mídias e perde a supremacia que mantinha por quase um século. A partir da criação do Estado a imprensa passa a contar com forte concorrência do rádio e da televisão.

Embora possa parecer um recorte temporal muito longo o número de periódicos em estudo é relativamente pequeno. Ao todo foram levantados em fontes documentais 41 periódicos editados na região ou que tinham a região como foco, neste recorte temporal. Ainda nove jornais manuscritos. É este o universo investigado, catalogado e objeto de análise.

A pesquisa seguiu um planejamento previsível, não foi nenhuma aventura em busca de novidades, de “novos” jornais antigos ou descoberta de periódicos desconhecidos ou não catalogados. A priori não se buscou com este estudo alcançar alguma inovação. Não foi o foco da pesquisa. De acordo com Kuhn (2013) a ciência não busca a inovação e sim descobrir o que espera descobrir. A ciência normal não visa à novidade, mas a clarear o *status quo*. Ela tende a descobrir o que espera descobrir.

Inicialmente experimentamos somente o que é habitual e previsto, mesmo em circunstâncias nas quais mais tarde se observará uma anomalia. Contudo, uma maior familiaridade dá origem à consciência de uma anomalia ou permite relacionar o fato a algo que anteriormente não ocorreu conforme o previsto. Essa consciência da anomalia inaugura um período no qual as categorias conceituais são adaptadas até que o que inicialmente era considerado anômalo se converta no previsto. Nesse momento completa-se a descoberta (KUHN, 2013, p. 91).

“Novos” jornais antigos surgiram no decorrer da pesquisa de campo mudando completamente o que se conhecia sobre a história da imprensa tocantina. Isso poderia ser considerado uma descoberta que levaria a uma inovação. No entanto o que se buscou foi trilhar o percurso da normalidade. Catalogar jornais conhecidos, descritos em fontes documentais ou disponíveis em acervos que se possa consultar.

Optou-se por catalogar somente periódicos citados em fontes documentais, retirando aqueles lembrados em depoimentos orais, sem indicação de fontes precisas onde podem ser

encontrados para não se correr o risco do estudo se perder numa listagem sem contorno final verificável.

Periódicos citados por estudiosos ou por editores, cujas informações não puderem ser confirmadas em fontes documentais farão parte de uma nova listagem apresentada na secção Projetos futuros, como indicação para novas pesquisas de campo.

As fontes de imprensa regional se encontram dispersas em Goiás e no Tocantins, na Biblioteca Nacional e em arquivos públicos e privados, aos cuidados de familiares dos editores. O que exigiu tempo e disposição na prospecção de vestígios durante o trabalho de campo. Muitas das fontes estão em mãos de particulares e completamente desorganizadas, indisponíveis para consultas.

1.1.3 Justificativa

Estudos sobre a história da imprensa tocantina por uma necessidade premente de responder aos desafios comunicacionais do presente, têm priorizado abordagens contemporâneas, ignorando o passado como fonte de conhecimento sobre a crise midiática que tem produzido perplexidade no campo da comunicação e mais especificamente do jornalismo.

Por outro lado, estudos de mídia regional tem fixado a criação do Estado como marco temporal do surgimento da imprensa tocantina. O que aconteceu antes parece não contar. O presente trabalho contribui para alargar este horizonte a partir de uma investigação exploratória que ampliou as fontes de consulta.

A história da imprensa tocaninense indiscutivelmente alcançou maior relevância e importância a partir da criação do Estado do Tocantins. Ganhou inclusive a necessidade de classificação como resultado da autonomia da região e com ela, a autonomização da imprensa regional no campo de estudos da imprensa brasileira.

Estudos historiográficos despontam em todos os campos, ampliando os conhecimentos sobre a formação da nova unidade da federação em processo de transformação e ressignificação. O campo da comunicação é um dos mais férteis, mas poucos são os estudos voltados para investigação do passado, que tratam sobre a história da imprensa.

Para se ter ideia da relevância deste empreendimento, quando o presente projeto começou a ser alinhavado, a relação dos jornais do norte de Goiás que se conhecia, até então, se resumia a 14 periódicos, referentes ao período de 1891 a 1950. Conforme levantamento realizado por (LAILTON COSTA, 2004), tendo como referência o trabalho do historiador

goiano José Mendonça Teles (1989), que em seu estudo sobre a história da imprensa goiana relacionou oito jornais que teriam sido editados no norte de Goiás e mais um de Goiás, *O Tocantins*, de 1935, que era editado na cidade de Goiás pelo nortense Maximiano da Mata Teixeira, e que era profundo defensor do norte (TELES, 1989), portanto, passou a integrar aquela relação como imprensa tocantina.

A relação atualizada adotada por este trabalho alcança 41 jornais, que teriam circulado no norte de Goiás no período de 1891, quando aparece a imprensa no norte até 1988, quando da criação do Estado do Tocantins. A relação foi formada a partir dos levantamentos de (NETO, 1951; TELES, 1989; SILVA, 2003; COSTA, 2004; ANJOS, 2017; BUCAR, 2018).

Os jornais do norte de Goiás enquanto fontes documentais que dizem respeito a uma região tem importância histórica independente das decisões geopolíticas que alteraram ou venha alterar seus contornos. Estão inseridos neste contexto de fronteira desde há muito tempo. Mediaram muitas das transformações que impactaram a região e por elas foram transformados.

Não é a criação do Estado do Tocantins que os tornam relevantes para estudo de mídia, mas a formação do Tocantins que tem fundamento histórico, político e cultural, e cuja comprovação se pode constatar nas narrativas dos jornais (CAVALCANTE, 2003; PALACÍN, 1990; BUCAR, 2018).

Desse ponto de vista têm muito a contribuir para ampliar os conhecimentos sobre a imprensa goiana e especificamente a imprensa da região a qual estão inseridos geograficamente. Sobre os jornais do norte há que se reconhecer que não são estudados porque não são conhecidos e não são conhecidos por falta de estudos que os revelem.

Ressalta-se que a imprensa é uma instituição com marcas profundas na construção social deste território. Uma instituição tradicional. Para se ter uma ideia, quando o Estado do Tocantins foi criado a imprensa já tinha pelo menos 100 anos de atuação na região norte de Goiás. Esse dado se torna ainda mais relevante quando vemos que a imprensa era a única mídia massiva existente durante todo este decurso de tempo. E se manteve assim até a criação do Estado. Como eram esses jornais? Como e onde eram impressos? Para qual público se destinava? Do que tratavam esses periódicos?

Desde o aparecimento do primeiro jornal a imprensa no norte de Goiás passou por enormes transformações. Os jornais deixaram de ser relatórios de acontecimentos no final do século XIX para se transformar em bem-sucedidos veículos de informação, mantidos com receitas publicitárias. Forte cobertura regional, envolvimento dos proprietários com atividades

políticas e a defesa da região são os traços mais comuns dos jornais editados no norte de Goiás. As condições sociais e históricas determinaram esta predominância. (SODRÉ, 1983, DINIS, 1974, RIZZINI, 1977).

A ampliação da relação dos jornais do norte parece ser a surpresa da pesquisa que ainda conseguiu descobrir novos objetos de pesquisa. Com a ampliação do número de jornais deve-se aumentar também a preocupação com a conservação dos acervos destes periódicos, bem como a organização de estrutura para torna-los públicos. Por outro lado, aumenta também a relevância do trabalho. Revela o tamanho do universo desconhecido pelos historiadores da mídia e as novas possibilidades de pesquisa neste campo a partir das fontes descobertas.

A relação por si só já representa um dado surpreendente pelo que se conhecia sobre a imprensa do norte de Goiás. Para se ter uma ideia, Paraíso do Tocantins, então Paraíso do Norte não aparecia como polo de ocorrências de jornais no norte de Goiás. A cidade, conforme novo levantamento, contou com pelo menos quatro jornais, no período anterior à criação do Estado do Tocantins. Gurupi que contava com apenas uma ocorrência, agora já são quatro. Descobrir ocorrências de novos jornais ainda não catalogados, constitui um dado relevante deste trabalho.

A pesquisa percorreu os caminhos trilhados pelos jornais do norte para tentar responder alguns questionamentos que podem evidenciar as origens da imprensa tocantina que certamente estão ligadas ao processo de transformação da região ao longo de um processo histórico, resultante de fatores políticos, sociais e econômicos, em um contexto complexo, e dinâmico.

Seus resultados contribuem para a produção de novos conhecimentos sobre a imprensa no Tocantins e no Brasil, enriquecendo a historiografia sobre o Estado do Tocantins. O estudo tomou como base experiências e ações coletivas, buscando compreender que papel esses periódicos exerceram no contexto regional.

A pesquisa se justifica pela escassez de informações sobre a atuação da imprensa no norte de Goiás e pelo seu alcance social, aposte para a organização de um corpus teórico que permita escrever a historiografia da imprensa tocantinense. A partir da organização dessas fontes historiográficas surgem possibilidades de produção de conhecimento histórico em vários campos. O estudo buscou conhecer e compreender a influência da mídia impressa na formação do imaginário da região norte de Goiás, que viria a se tornar o Estado do Tocantins.

Conceitua-se, jornal como um meio complexo que tem a função de construir a realidade das pessoas e jornal do norte de Goiás como periódico editado na região ou que tinha a região como recepção, no período anterior a criação do Estado do Tocantins.

Gomis (1991) define jornais como veículos mediadores da realidade social, função que exerce por meio do processo de construção da notícia, que em síntese é a construção da realidade social de referência.

Nos hemos acostumbrado a disponer de um presente social de referencia. Si averigamos como se forma la imagen periodística de la realidad social presente, esto es, la imagen de la sociedade que los medios forman em sus audiências, descubriremos por conseguinte la función de los medios. Y aí comprender esa función entenderemos mejor como la sociedade se modifica y evoluciona en íntima relación com ellos. (GOMIS, 1991, p.25).

Para efeito de clareza metodológica é pertinente explicar que os jornais – *O Tocantins*, editado em Goyaz em 1855, por Filipe Antônio Cardoso; *Voz do Tocantins*, de 1938, editado pela Prelazia de São José do Tocantins e *O Araguatins*, de 1946, editado pelo desembargador Maximiano da Mata Teixeira, relacionados aleatoriamente em outros estudos como periódicos do norte de Goiás, neste trabalho não foram incluídos na relação de periódicos da região por falta de provas evidentes.

As provas encontradas dizem bem o contrário, que eram periódicos¹ editados no sul do Estado. Como atesta Teles em seus apontamentos sobre a história da imprensa de Goiás:

O Tocantins, circulou a partir de 6 de janeiro de 1855. Fundado e dirigido pelo cel. Filipe Antônio Cardoso de Santa Cruz. Segundo José Lobo, era um jornal de “acanhadas proporções”, mais de vida brilhante, pois concorreu para a elevação do nível intelectual e político da Província. Abaixo do cabeçalho, as palavras de Lamartine: “A imprensa é a palavra da sociedade moderna, seu silêncio seria a morte da liberdade.” Era composto em prelo de madeira, inicialmente com duas colunas, aumentando o seu formado para três colunas por página. Deixou de circular no ano de 1857. Mantinha uma folha oficial onde eram publicados os atos oficiais do governo, uma vez que o Correio Oficial deixara de circular. (TELES, 1989, p. 35 a 36).

¹ Jornais relacionados por alguns pesquisadores como do norte de Goiás, mas que eram editados na Capital de Goiás e voltados para o público goiano: *O Tocantins* (1885), de Felipe Antônio Cardoso; e *O Goiatins* (1946), de Maximiano da Mata Teixeira. Pelos critérios adotados por este trabalho estes jornais não são considerados do norte de Goiás, portanto não integram a relação da imprensa tocaninense (Lobo, 2017, Teles, 1989).

Teles (1989) aponta que a *Voz do Tocantins*, de 1938, era uma revista oficial da Prelazia de São José do Tocantins, atual município de Niquelândia (GO), neste caso o título *Voz do Tocantins* não fazia referência ao imaginário de norte de Goiás, mas provavelmente ao nome da localidade. Já *O Araguaí*, editado pelo então desembargador Maximiano da Mata Teixeira, em Goiânia, se definia como um jornal de Goiás, e não especificamente do norte de Goiás, como consta em seu expediente.

O seu conteúdo editorial também não sugere identificação com o norte de Goiás. O fato de seu editor ser natural do norte de Goiás (Natividade) não se pode com isso, automaticamente relacioná-lo como imprensa do norte de Goiás, bem como, a citação em trabalhos científicos não garante legitimidade, sem a devida comprovação das fontes.

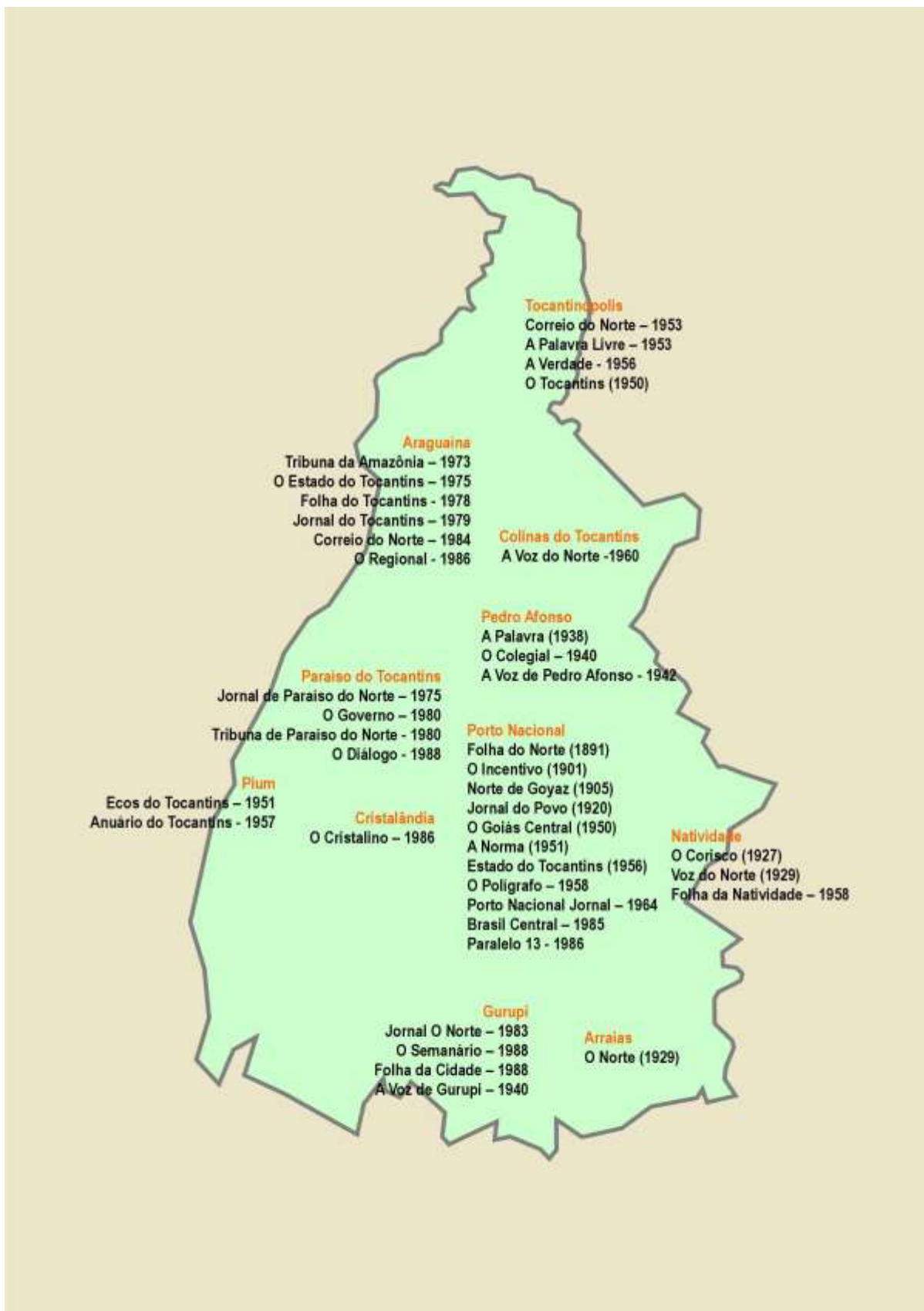
Os critérios adotados neste trabalho que permitem identificar jornais do norte de Goiás são claros e objetivos. O primeiro critério leva em consideração em primeiro lugar, a autodefinição, que normalmente vem expressa no expediente ou no cabeçalho e que independe de onde é imprenso.

Segundo, tem como referência a linha editorial voltada para defesa dos interesses da região. E por último, a produção de conteúdo que caracteriza como direcionado para a região, portanto, imprensa regional.

Porto Nacional se manteve durante todo o primeiro período como um dos polos mais representativos de irradiação da imprensa, só perdendo o posto para Araguaína na década de 80, quando a região vivia a fase final da mobilização que resultaria na criação do Estado do Tocantins.

Tocantinópolis também exerceu a condição de polo de imprensa a partir de década de 40. Neste período figurava como a segunda maior cidade do norte de Goiás. Natividade, Arraias, Pedro Afonso, Pium, Cristalândia, Paraíso do Tocantins, Augustinópolis e Gurupi também integram o roteiro geográfico de ocorrência de jornais no norte de Goiás.

Figura 1- Distribuição geoespacial dos jornais do norte de Goiás (1891-1988)



Fonte: Almanak de Goyaz (1887) Neto (1951), Teles (1989), Pina (1980), Silva (2003), Costa (2004), Anjos (2017), Bucar (2018).

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivos Gerais

- 1- Catalogar jornais editados no norte de Goiás que viria a se tornar Estado do Tocantins (1891 – 1988);
- 2- Depreender jornais do norte de Goiás para organização de um corpus teórico que permita escrever a historiografia da imprensa tocantinense.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Levantar fontes bibliográficas e documentais sobre a imprensa no norte de Goiás;
- Catalogar jornais da imprensa tocantina editados no norte de Goiás ou não e que tinha a região como foco editorial no recorte temporal de 1891 a 1988, e elaborar perfil dos jornalistas que desempenharam função de editor desses periódicos;
- Realizar estudos e catalogação dos documentos, fontes primárias e secundárias da imprensa tocantinense;
- Analisar narrativas dos jornais do norte de Goiás, buscando compreender dentre outras questões que papel exerceram na formação do Tocantins e que importância tiveram para a história da imprensa tocantinense e para a história da imprensa brasileira

1.3 Metodologia

Teorias e escolas, como micróbios e glóbulos, estão entrelaçadas e garantem a continuidade da vida através de sua luta.

Marcel Proust

O que deve explicar uma teoria da imprensa tocantina? Deve explicar em última análise, o que é imprensa tocantinense, como surgiu e se desenvolveu; quais as suas

características mais marcantes que as diferencia ou assemelha a outros tipos de imprensa regional.

Ainda não há uma teoria ou hipótese que explique esse fenômeno recente em sua especificidade, a imprensa feita no antigo norte de Goiás, hoje Estado do Tocantins, que não começou com a criação do Estado como se supõe. A percepção de uma lacuna metodológica para estudos desta natureza pode ser o começo da busca que pode levar à sua formulação.

Talvez por desconhecimento ou por julgar sem importância a história da imprensa do período anterior à criação do Estado tem sido ignorada, com exceção de algumas iniciativas que tem conseguido dissecar alguns periódicos antigos pouco ou quase nada se sabe sobre os jornais que circularam nesta porção de Goiás, o setentrião goiano. Muitos desses estudos têm concentrado esforços em investigar aspectos da imprensa tocantinense após a criação do Estado Tocantins.

Os pesquisadores da história regional têm um enorme desafio pela frente. Desvendar essas fontes documentais que certamente são depositárias de considerado volume de informações sobre o imaginário da região norte. Os historiadores que têm se ocupado desta temática tem conseguido produzir excelentes trabalhos, mas referente somente aos periódicos do sul do Estado, que abriga a capital, centro dos acontecimentos e das decisões do poder, portanto também sede da maioria dos veículos de comunicação. Uma parte da história desta imprensa, da periferia, permanece invisível a espera de interessados em leituras do passado.

Esses periódicos também não têm sido percebidos pelas pesquisas que abarcam a história da imprensa de Goiás. Antes, insignificantes, depois da criação do Estado do Tocantins tornaram-se objetos “estranhos” a história da imprensa de Goiás.

É compreensível a indiferença dos historiadores da imprensa de Goiás em relação aos jornais do norte. Esses periódicos produziram narrativas a partir de uma realidade que escapava a compreensão dos goianos do sul. Esses têm conteúdo que foge à regra dos demais periódicos de Goiás. Reclamavam da ausência dos governos e cobravam mais atenção, em tom de denúncia.

Os jornais do norte viam primeiro o norte, depois Goiás. Os jornais do sul, mesmo os que se denominavam de regionais, viam primeiro Goiás e depois a região que defendiam.

Verifica-se, portanto, uma lacuna historiográfica que pode ser preenchida por novos estudos. Desafios que se tornam oportunidades principalmente para os pesquisadores da mídia que vivenciam a experiência do Estado do Tocantins. A presente pesquisa nasceu desta percepção.

A criação do Estado muda radicalmente a lógica do desenvolvimento da imprensa regional. Se antes os jornais do norte definiam-se como defensores dos interesses da região que incluía eventualmente a luta pela sua autonomia, com a criação do Estado o foco da atuação da imprensa passa a ser a implantação e desenvolvimento da nova unidade da federação. Se antes o discurso unificador era a ideia da criação, depois passa a ser o desenvolvimento do novo Estado.

Ressalta-se que os jornais do norte defendiam a região, mas nem todos se engajaram na luta pela criação do Estado do Tocantins. Aliás, não passa de meia dúzia os jornais que comprovadamente se engajaram nesta causa. Após a criação do Estado todos periódicos demonstram engajamento o que se pode chamar de compromisso com o seu desenvolvimento.

O que determinou o aparecimento da imprensa em Goiás e especialmente na sua parte norte e como ela se desenvolveu nesta região? Para o historiador da imprensa Nelson Werneck Sodré (1983) o desenvolvimento da imprensa em geral e regional em particular obedece a imperativos gerais e tem mais a ver com condições econômicas do que com aspectos políticas e sociais.

Por muitas razões, fáceis de referir e de demonstrar, a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista. O controle dos meios de difusão de ideias e de informações – que se verifica ao longo do desenvolvimento da imprensa, como reflexo do desenvolvimento capitalista em que aquele está inserido - é uma luta em que aparecem organizações e pessoas da mais diversa situação social, cultural e política, correspondendo a diferenças de interesses e aspirações. (SODRÉ, 1983, p.1)

Em 1954, dois anos antes do surgimento do movimento de Proclamação da Autonomia do Estado do Tocantins, liderado pelo magistrado Feliciano Machado Braga, Juiz de Direito da Comarca de Porto Nacional, o norte de Goiás passa a contar com jornal diário, *Ecos do Tocantins*, o único editado fora da Capital, Goiânia, e que circulava em todo o Estado.

O jornal era impresso em Pium, distrito de Porto Nacional, pelo jornalista Trajano Coêlho Neto, que viria a se tornar um dos mais destacados comerciantes e líderes políticos da região, nos anos seguintes.

Consta ainda do aglomerado de impressos do norte, periódicos diversos que se enquadram nos modelos vigentes na historiografia conforme características mais acentuadas; jornais engajados, partidários, comerciais, informativos, dentre outros. Chama atenção neste trabalho a descoberta de jornais manuscritos, que a rigor nega o conceito de imprensa, mas foram relacionados por esta pesquisa por representar um dado relevante sobre práticas comunicacionais da região, e que são consideradas como práticas jornalísticas.

Com quanto ao formato pode se observar uma evolução contínua. Os primeiros jornais eram no formato ofício, logo depois surgem o tabloide e que são suplantados pelo formato germânico ou standard. A maioria integra a categoria tabloide, (dimensões de 280 x 430 ou 11,5 pol. x 29,5 pol.) com quatro páginas. Esse modelo era predominante até os anos 60. Nos anos 70 em função dos avanços tecnológicos que contribuíram para baixar os custos de produção o modelo predominante passa a ser o standard, *broadsheet* (dimensões de 600 X 750mm, 23,5 pol. X 29,5 pol.) com oito páginas ou mais. (TELES 1989; PINA 1980; SILVA 2003; COSTA, 2004, ANJOS, 2017; BUCAR, 2018).

A pesquisa de campo apoiou-se no pressuposto de que alguns jornais editados no norte de Goiás ainda não foram catalogados. Ao mesmo tempo, que se procurou encontrar exemplares de periódicos relacionados, buscou-se colher evidências sobre a existência de jornais editados no norte de Goiás ou fora da região e que tinham o norte como foco e que por alguma razão foram ignorados ou não localizados por pesquisas anteriores.

Com base no método Indiciário (Ginzburg, 2006) foi possível descobrir novos periódicos ainda não estudados, ampliando assim as fontes de consulta para a produção de conhecimento sobre o norte de Goiás. Ginzburg orienta que nesta busca se deve avançar além das evidências dos documentos.

No passado, podiam-se acusar os historiadores de querer conhecer somente as ‘gestas dos reis’. Hoje, é claro, não é mais assim. Cada vez mais se interessam pelo que seus predecessores haviam ocultado, deixado de lado, ou simplesmente ignorado. (GINZBURG, 2006, p. 11).

Sodré (1983) em seu tratado fundamental, *História da Imprensa no Brasil*, observa que em momentos de profundas mudanças com risco de retrocesso, a imprensa é chamada a exercer o papel de mediadora de consenso para afastar o medo e preservar conquistas. “[...] e o medo une. Para unir, é preciso mobilizar. Para mobilizar, é preciso despertar a opinião. Para despertar a opinião, é preciso imprensa.” (SODRÉ, 1983, p. 45).

Burke (1992), que reabilita jornais e outros documentos impressos como fontes de produção da historiografia. Antes tomados com desconfiança, hoje contribuem para ampliar os campos de pesquisas sociais e enriquecer a historiografia das ciências sociais.

[...] os historiadores sociais e econômicos estão empregando cada vez mais tipos de documentação, cuja real utilidade como evidência histórica repousa no fato de que seus compiladores não estavam deliberada e conscientemente registrando para a posteridade. Supõe-se que muitos desses compiladores ficariam surpresos, e talvez preocupados, com o uso que os historiadores recentes fizeram dos casos judiciais, registros paroquiais, testamentos e

transações de terras feudais que registraram. Tal evidência pode ser empregada, adequadamente, para explorar ações e ideias explícitas ou suposições implícitas, e também para propiciar uma base quantitativa às experiências do passado (BURKE, 1992, p. 48).

Recorre ainda, a análise de conteúdo de Bardin (2009) que recomenda que o olhar do analista de conteúdo das comunicações deve ir além das aparências, tem que ter sensibilidade para ler o que não está escrito, observar o que está no segundo plano.

O grafólogo pode tirar suas conclusões sem se preocupar com o sentido do manuscrito que tem diante de si. O arqueólogo pode completar conhecimentos históricos através de uma ânfora, sem que seja obrigado a servir-se dela. Pelo contrário, a tentativa do analista é dupla: compreender o sentido da comunicação (como se fosse o receptor normal), mas também e principalmente *desviar* o olhar para uma outra significação, uma outra mensagem entrevista através ou ao lado da mensagem primeira. A leitura efetuada pelo analista de conteúdo das comunicações não é, ou não é unicamente, uma leitura “à letra”, mas antes o realçar de um sentido que se encontra no segundo plano. (BARDIN, 2009, p. 41).

Para se analisar um fenômeno como o da imprensa no norte de Goiás se torna recomendável o auxílio de um referencial teórico que seja capaz de captar não apenas as realidades imanentes, perceptíveis neste espaço e no tempo de quase um século, mas também aquilo que está em segundo plano (BARDIM, 2009). O referencial teórico utilizado neste trabalho não se limita às categorias de uma única teoria, mas a partir de uma análise interdisciplinar, procurou-se também utilizar a mediação.

É uma pesquisa de natureza básica com utilização do método hipotético-indutivo. O estudo foi desenvolvido em duas fases. A primeira, estudo exploratório descritivo dos jornais do norte de Goiás, em que procedeu a catalogação dos acervos existentes para consultas sobre conteúdo editorial e dados técnicos. Análise quali-quantitativa com suporte de análise de conteúdo a partir da criação de categorias, como tipologia, produção, circulação, tiragem, publicidade, ilustração, fotografia, cobertura regional, opinião e colaboração, em que foi possível traçar a trajetória dos jornais do norte de Goiás.

A segunda, análise de narrativas de pautas regionais contidas nos jornais como demandas sociais, representação do norte e tratamento editorial da principal pauta da região, movimentos autonomistas, em que se buscou compreender como os jornais contribuíram para a formação do imaginário da região. Motta (2008) diz que a partir dos enunciados narrativos somos capazes de colocar as coisas em relação umas com as outras em uma ordem e perspectiva, em um desenrolar lógico e cronológico. (MOTTA, 2008, p. 2).

O grande desafio enfrentado por esta pesquisa foi a dificuldade referente a fragmentação das fontes. Como não havia dados de pesquisas anteriores com este nível de abrangência, não se podia prevê o que se poderia encontrar. Pelos levantamentos anteriores sabe-se que poucos jornais estão organizados em arquivos encadernados disponíveis para consulta. Nestas condições estão apenas *Folha do Norte*, *O Incentivo*, *Norte de Goyaz*, *A Palavra*, *Ecos do Tocantins*, *Anuário do Tocantins*, *Correio do Norte*, *O Cristalino* e *Jornal do Tocantins*, os demais estão dispersos em poder de familiares dos editores ou em arquivos particulares, e uma minoria em arquivos públicos.

O desenvolvimento da pesquisa de campo exigiu tempo, paciência e articulação para conseguir não só levantar as fontes documentais como sensibilizar os curadores a permitir a consulta a seus acervos. Para desempenho da missão foi necessário recorrer aos arquivos públicos como Biblioteca Nacional, Biblioteca do Senado Federal, Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG), Associação Goiana de Imprensa (AGI), Museu Zoroastro Artiaga, Museu Palácio Conde dos Arcos, Museu da Bandeira, Associação Tocantinense de Imprensa (ATI) que dispõem de documentos sobre a história de Goiás, incluindo periódicos do período em estudo.

O pesquisador em seu trabalho de campo encontrou jornais nas cidades de Porto Nacional, Pedro Afonso, Tocantinópolis, Paraíso do Tocantins, Gurupi, Cristalândia, Pium e Goiânia. Em Porto Nacional se encontra o maior número de jornais em estudo. Ao longo desta primeira fase da imprensa do norte de Goiás Porto Nacional contribuiu com 12 jornais para o desenvolvimento da imprensa regional. É, portanto, o local mais rico de informações para o desenvolvimento da pesquisa.

O dado animador e ao mesmo tempo preocupante é quanto aos jornais mais antigos do norte de Goiás – *Folha do Norte*, *O Incentivo* e *Norte de Goyaz* – estão preservados, mas já impedidos de serem consultados face a fragilidade dos documentos que inspira cuidados. *O Estado do Tocantins* é outro jornal de Porto Nacional que dispõe de acervo. Alguns exemplares estão em poder de Dona Hermione Braga, viúva do juiz Feliciano Machado Braga, em Goiânia, disponível para consulta. Trabalho realizado pelo Tribunal de Justiça do Tocantins (TJ) conseguiu recuperar um pouco do conteúdo editorial, do informativo do Movimento Pela Estruturação Jurídica do Estado do Tocantins, editado em 1956.

Em Pedro Afonso, se encontra em boas condições para consulta os três jornais editados na cidade – *A Voz de Pedro Afonso*, *O Colegial* e *A Palavra* – exemplares estão dispostos no Instituto Cultural Messias Tavares (ICMT), organizados por um dos editores dos periódicos *O Colegial* e *A Palavra*. O instituto, que guarda ainda documentos históricos sobre

a cidade, produção literária e toda a biblioteca de Messias Tavares, está sob os cuidados do filho Pedro Afonso Tavares, que exerce a função de curador do acervo.

Em Tocantinópolis, encontra-se alguns exemplares de dois dos cinco jornais editados na cidade – *Correio do Norte e Palavra Livre* – um dos editores do periódico *Palavra Livre*, Darci Martins Coelho, dispõe de alguns exemplares do seu jornal, disponível para consulta. Familiares de Antônio Gomes Pereira, editor do *Correio do Norte* guardam acervo do jornal fundado por ele. A segunda fase do *Correio do Norte*, agora editado em Araguaína também se encontra totalmente preservado pelo seu editor jornalista Luiz Pires, disponível para consulta.

As buscas prosseguiram por outras cidades tocantinenses, antigo norte de Goiás, que abrigaram atividade de imprensa como Natividade, Arraias, Tocantinópolis, Pium, Araguaína, Gurupi, Augustinópolis e Paraíso do Tocantins. onde se constata a existência de exemplares de jornais editados nestas cidades, mas não disponíveis para consulta.

A pesquisa apurou que jornais da primeira fase (1891-1930) pertencem a fontes cada vez mais escassas e imprecisas. Alguns jornais não há evidência da existência de exemplares. Faz se necessário continuar as buscas nas localidades onde se editou jornais em busca de vestígios, impressões e opiniões sobre os primeiros jornais que circularam na região.

Sobre o período da década de 30 a 60 as fontes são menos escassas. Há coleção completa de alguns jornais que circularam na região nesta época. A prelaia de Cristalândia dispõe de uma coleção completa do *Ecos do Tocantins*; dados sobre este periódico são encontrados também com colecionadores de Pium e sobre o movimento de 1956, lançado em Porto Nacional, por Feliciano Machado Braga são encontrados com a viúva Hermione Braga, em Goiânia.

Sobre o período de 60 a 88 as fontes são diversas. Muitos dos jornais deixaram de circular na versão impressa, mas continuam operando em outras plataformas. É o caso do *Jornal do Tocantins*, com sede em Palmas, *Folha da Cidade*, de Gurupi e *O Regional*, de Araguaína que migrou para Palmas, deixou de circular e em seu lugar surgiu o *Primeira Página*, que se mantém no mercado, bem como *O Estado do Tocantins* que nasceu como informativo do Movimento Pró-Estruturação Jurídica do Tocantins em 1956, reeditado a partir de 1975, com outro projeto e apesar das interrupções continua circulando.

Em Palmas encontra-se acervos disponíveis para consulta desses periódicos – *Jornal do Tocantins*, *O Estado do Tocantins* (2ª fase), e o *Regional*, que cedeu lugar para o *Primeira Página*. Empresas responsáveis pela edição desses periódicos tem representação na Capital. Em Porto Nacional e em Gurupi se encontram os arquivos de *O Paralelo 13*, *O Norte*, *O Semanário* e *Folha da Cidade*, respectivamente, também disponíveis para consulta.

Já o levantamento de fontes bibliográficas foi menos dispendioso. Consulta aos repositórios das bibliotecas das universidades com palavras chaves jornais do norte de Goiás pode se alcançar praticamente todos os estudos sobre o tema disponíveis na internet. Os estudos mais importantes tratam dos fundamentos históricos do Estado do Tocantins e do papel pioneiro dos primeiros periódicos e sua contribuição para o desenvolvimento da região norte. (PARENTE, 2003; FLORES, 2009; TELES, 1989; COSTA 2004, ANJOS, 2017).

Sob a guarda do advogado Luciano Ayres encontra-se em Palmas, o acervo dos primeiros jornais do norte de Goiás, *Folha do Norte*, *O Incentivo* e *Norte de Goyaz*. O primeiro, circulou de 1891 a 1894; o segundo de 1901 a 1902 e o terceiro de 1905 a 1987. O acervo contempla as seguintes edições: do nº 1 ao nº 51, do *Folha do Norte*, de 1891 a 1894; do nº 1 ao nº 22, de *O Incentivo* que corresponde ao período de 1901 a 1902 e do nº1 ao 120 do *Norte de Goyaz* que vai de 1905 a 1910.

Trata-se, portanto, do mais importante acervo da imprensa no norte de Goiás. O acervo que pertencia ao médico Francisco Ayres da Silva, Dr. Chiquin, conta com coleção quase completa dos três periódicos, mas praticamente inacessíveis para consulta em função fragilidade dos documentos que estão se decompondo ao serem manuseados.

Parte do acervo do *Norte de Goyaz* relativo aos anos de 1906 a 1912 já foi microfilmado e está disponível para consulta na Biblioteca Nacional, seção Hemeroteca Digital, catalogado como jornal de Goiás. O restante do acervo necessita urgentemente de ser microfilmado sob o risco de se tornar ilegível.

1.3.1 *Corpus* teórico

O corpus foi formado a partir de escolha de sete periódicos, dos 41 catalogados para a pesquisa. A escolha contempla periódicos das três fases – *Norte de Goyaz* e *A Palavra* da primeira fase; *Ecos do Tocantins e Estado do Tocantins*, da segunda fase e *Jornal do Tocantins* e *Correio do Norte*, da terceira fase; sendo que a escolha se deve ao critério de importância e relevância histórica para o objetivo do estudo.

O *Norte de Goyaz* é o periódico com maior tempo de circulação. São quase 80 anos circulando ininterruptamente. O *Ecos do Tocantins* é talvez o segundo mais importante em termo de tempo de circulação. Durou 10 anos, deixando de circular depois da morte do seu proprietário Trajano Coêlho Neto, assassinado em Pium, em 1961, três meses após tomar posse como prefeito da cidade.

O periódico foi o primeiro diário do norte, tinha uma das maiores tiragem, cinco mil exemplares e era distribuído para fora do Estado; e o *Jornal do Tocantins* é o que se pode considerar o veículo mais importante da fase moderna da imprensa do norte de Goiás.

Foram consultadas 1.263 edições, sendo 140 do *Norte de Goyaz*, 571 do *Ecos do Tocantins* mais 520 do *Jornal do Tocantins*. Em relação ao *Jornal do Tocantins* o recorte incluiu apenas o período de circulação anterior à criação do *Estado do Tocantins* e 12 edições do *Estado do Tocantins*.

Buscou-se nestes periódicos por meio da análise de conteúdo identificar mudanças e permanências de políticas editoriais que são evidências de comportamentos que refletem a mentalidade de cada época, tomando as narrativas sobre as manifestações pela autonomia da região como elementos fundantes da imprensa regional, o que permite contemplar os objetivos propostos. O estudo buscou ainda por meio de análise de narrativas compreender as razões do engajamento de alguns periódicos na luta pela criação do Estado e como se deu este processo.

1.3.2 Relevância da pesquisa

Os jornais do norte de Goiás têm sido ignorados pela história da imprensa Goiana. Suponha-se que talvez seja pela pouca representatividade desses periódicos no contexto estadual ou seria por puro desconhecimento das fontes documentais? A verdade é que pouco se sabe sobre os periódicos “sertanejos” que foram editados na região norte, no período anterior a criação do Estado do Tocantins. Conhecer estes jornais e compreender o papel que desempenharam no contexto regional contribui para ampliar a historiografia sobre o Tocantins e sobre a imprensa brasileira. Marialva Barbosa diz que o conhecimento histórico precede da compreensão da narrativa sem perder sua cientificidade.

É a partir de restos e vestígios que chegam do passado ao presente também que podemos recontar as histórias que envolvem prioritariamente as ações comunicacionais do passado. Muitas vezes nessas ações, o objetivo último é prefigurar os sistemas de comunicação existentes em dado momento e lugar. Nesse instante, história que afinal é comunicação, se torna história da comunicação (BARBOSA, 2007, p. 4).

Estudar esses jornais é mais do que compreender o desenvolvimento da imprensa produzida nesta região, é resgatar o passado que pode nos dizer muito sobre o futuro. Como assevera Montenegro ao explicar sobre a estreita ligação da memória como base para a história.

[...] o vivido que guardamos em nossas lembranças e que circunscreve ou funda o campo da memória se distingue da história. Entretanto, se são distintos, arriscaríamos afirmar também que são inseparáveis. Afinal, compreendemos a história como uma construção que, ao resgatar o passado (campo também da memória), aponta para formas de explicação do presente e projeta o futuro (MONTENEGRO, 1994, p. 17).

A história da imprensa do norte revela um pouco do cotidiano da região que viria a se tornar um novo Estado, cuja construção se deu também pelas páginas dos jornais. Investigando esses jornais vai ser possível negar ou confirmar a tese que alude que os periódicos que pautaram as manifestações pela criação do Estado são certamente precursores da imprensa tocantinense, já que a pauta no âmbito regional considerada mais relevante da época remetia a ideia de sua autonomia, como veio se concretizar.

Compreender a função da comunicação neste processo de conservação e mudança das fronteiras dos diversos imaginários sociais vai nos permitir compreender a influência que exerceu esses periódicos na elaboração de novos sentidos, afinal são os veículos de comunicação que propagam novos modelos culturais que nos permitem compreender as permanências que são evidências de comportamentos mentais.

Estudos sobre o tema apontam que os jornais editados na região não eram muito diferentes dos periódicos editados em outras regiões do país, exceto na cobertura regional que os diferenciavam e os tornavam dotados de sentido próprio. O estudo revela ainda que os jornais foram os primeiros porta-vozes da região levando alguns se engajarem na luta pela criação do Estado do Tocantins.

Os tipográficos não foram os únicos jornais a circular na região. Os manuscritos, ainda pouco estudados, também cumpriram relevante papel na comunicação da região. O estudo também contempla esses jornais que foram descobertos meio por acaso, durante a pesquisa de campo. A descoberta desses documentos que fazem parte de outra plataforma de comunicação denominada de ordem manuscrita (BARBOSA, 2017) enriqueceu o estudo, criando novas linhas de pesquisa sobre a imprensa regional que se praticava na região norte. Pelo menos nove manuscritos foram catalogados, no que se pode considerar um verdadeiro achado, a grande surpresa da pesquisa.

1.3.3 Encaminhamento da pesquisa

Para alcançar os resultados pretendidos foi preciso empreender esforços em duas frentes distintas. A primeira, no levantamento de fontes bibliográficas de relatos históricos de Goiás e do Tocantins, com especial atenção para estudos de imprensa que podem contribuir muito para o sucesso da segunda fase que foi a pesquisa de campo que buscou localizar exemplares dos jornais conceituados como imprensa do norte de Goiás.

Após a catalogação de fontes bibliográficas o trabalho se voltou para a segunda fase com o início do trabalho de campo. O levantamento bibliográfico apontou alguns indícios importantes. A existência de acervo documental em poder de particulares. Foram catalogados acervos em Porto Nacional, Pedro Afonso, Tocantinópolis, Pium, Cristalândia, Gurupi, Palmas e Goiânia. Muitos acervos apontados na pesquisa bibliográfica não puderam ser encontrados.

Apesar do esforço com viagens a todos os polos de imprensa alguns jornais não foram localizados. O que chama atenção é que os jornais não encontrados em maior número, integram a fase mais recente, o que faz supor que eles existem só não foi possível encontrar seus acervos.

Quanto aos jornais antigos não localizados é possível que alguns tenham desaparecido e existem na lembrança de velhos leitores. E que só por meio da história oral poderão ser reconstruídos. A ausência de materialidade não comprometeu o estudo exploratório que tinha como objetivo levantar informações documentais sobre os jornais desse período.

A pesquisa de campo compreendeu um roteiro amplo que além de cidades do Tocantins incluiu ainda necessidade de visita aos arquivos públicos de Goiás. Assim como parte da história da imprensa goiana foi escrita no norte de Goiás por alguns jornais que fizeram da identidade regional uma motivação para fazer uma imprensa diferente, com as cores e sentimento da região, parte da história da imprensa tocantinense tem raízes em Goiás.

1.4 Plano geral e organização da dissertação

De acordo com a meta do trabalho se buscou apresentar um panorama da imprensa tocantinense traçada por meio da catalogação dos jornais editados na região norte de Goiás, buscando formular um conceito que permita responder o que é imprensa tocantinense e qual a sua contribuição na formação do Estado do Tocantins. Análise do conjunto dos periódicos do norte permite apreender como esta atividade jornalística se desenvolveu na região se apropriando de suas representações para legitimar uma identidade regional.

Parte-se do princípio de que há uma imprensa tocantinense, que tem características próprias, de natureza regional, cujo processo de formação está vinculado às condições históricas, políticas e culturais da região norte de Goiás. Que se desenvolveu sendo influenciada pelas transformações que passaram a região. O estudo segue a metodologia de análise do discurso, análise de narrativa e método indiciário. O método indiciário desenvolvido por Gimzburg consagrado pela técnica de investigação com base em indícios tem ajudado a descobrir jornais editados no norte de Goiás que ainda não haviam sido catalogados.

A estruturação deste trabalho de investigação que resultou na dissertação *Ecos do Tocantins: a imprensa no norte de Goiás* está disposta em seis capítulos e dois eixos de análise e investigação.

O primeiro capítulo, trata-se de um lavamento completo dos jornais editados no norte de Goiás, a partir de pesquisa bibliográfica e levantamento por meio de pesquisa de campo. Essa primeira parte faz referência ainda aos jornais artesanais que fogem ao conceito de jornais, mas que foram arrolados como elementos de análise como exemplo de um modelo de jornalismo alternativo que representa o estágio pré-imprensa, mas persistiu após a chegada do prelo. Periódicos de iniciativa de estudantes e movimentos populares, mas que teve uma importância como estágio anterior aos jornais impressos em tipografias.

O segundo, traça um panorama da realidade do norte de Goiás, desde a invenção da imprensa na região aos dias atuais, como elemento histórico de contextualização. O norte de Goiás que ao longo de três séculos construiu representações de lugar isolado, esquecido pelos governos e marcados por injustiças, e ao mesmo tempo projetou uma imagem de palco de grandes acontecimentos, violentos e radicais. No sentido do uso da força pelas armas e rompimento da ordem vigente, no contexto estadual com reflexos no âmbito federal. Levantes contra a administração, tentativas de rompimento, conflitos armados de várias naturezas; banditismo, disputas pela posse da terra e principalmente disputa pelo controle do poder de mando da região (PALACÍN, 1990).

O terceiro, faz um apanhado das mudanças nos estudos de história que permitiram os jornais serem considerados como fonte de historiografia, ressaltando a influência do campo do jornalismo em outros campos das ciências sociais. Levantamento exploratório da distribuição espacial dos jornais na região verifica-se que a atividade manteve sempre estreita ligação com fatores econômicos e políticos que dominaram a região. Sodré observa que o desenvolvimento da imprensa acompanha o desenvolvimento da sociedade capitalista (SODRÉ, 1983). A Escola dos Annales, considerada a Revolução Francesa da história deu origem a um novo

processo de estudo da história, permitindo inúmeras possibilidades de escrita da história a partir de análise das narrativas dos jornais.

O quarto, dedica-se a pesquisa propriamente. Apresenta a relação cronológica dos jornais do norte de Goiás, contendo ficha técnica de cada periódico, bem como um perfil sintético dos editores. Ainda, análise das características desses periódicos a partir da premissa de que o que os diferenciavam de outros periódicos editados em outras regiões era a cobertura regional. O estudo revela que o desenvolvimento da imprensa no norte de Goiás é resultado das condições sociais, históricas e políticas que moldaram a região.

O quinto, apresenta o resultado da pesquisa. Jornais do norte de Goiás contribuíram para a formação do Tocantins. Foi por meio dos jornais, primeira mídia regional, que representações da região se tornaram elementos de composição da identidade do Tocantins.

O sexto, apresenta as considerações do pesquisador sobre o desenvolvimento da pesquisa e possíveis impactos e alinha ainda sugestões de novas linhas de investigação como projetos futuros. Neste capítulo a pesquisa procura responder como pequenos jornais, editados em precárias condições, controlados por chefetes políticos que disputavam a ferro e fogo a representação da região, em meio à censura dos governos e alto índice de analfabetismo conseguiram transformar sentimentos autonomistas arraigados no imaginário da região em seus fundamentos identitários que iriam exercer fortes influências no processo de transformação da região?

2 NORTE DE GOIÁS: PALCO DE CONFLITOS E DISPUTAS VIOLENTAS

A história se repete, a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa.
Karl Marx

O norte de Goiás que ao longo de três séculos construiu representações de lugar isolado, esquecido pelos governos e marcados por injustiças, e ao mesmo tempo projetou uma imagem de palco de grandes acontecimentos, violentos e radicais. No sentido do uso da força pelas armas e rompimento da ordem vigente, no contexto estadual com reflexos no âmbito federal. Levantes contra a administração, tentativas de rompimento, conflitos armados de várias naturezas; banditismo, disputas pela posse da terra e principalmente disputa pelo controle do poder de mando da região (PALACÍN, 1990).

Muitos destes conflitos extrapolaram as suas fronteiras e repercutiram em todo o país contribuindo para mitificação do norte como um lugar incompreendido, de miséria e violência. Alguns foram planejados fora para eclodir no norte e outros nasceram das suas mais genuínas contradições regionais. O norte que se dizia de uma gente indolente é também o lugar de uma gente de espírito libertário, que desde muito cedo alimenta o ideal de autonomista.

Da revolta dos mineiros, no século XVIII apontada por historiadores como origem da cisão entre norte e sul (PALACÍN, 1990; CAVALCANTE, 2003), ao Governo Provisório do Norte, em 1821; passando pelas revoluções de Boa Vista, de 1892 a 1947; pela Quinta-Feira Sangrenta, em 1919, em São José do Duro, hoje Dianópolis; a passagem da Coluna Prestes, pelo norte em 1925; o assassinato do jornalista Trajano Coêlho Neto, então prefeito de Pium, em 1961; à Guerrilha do Araguaia, a luta armada contra a Ditadura Civil-Militar no início dos anos 70; o norte sempre surpreendeu o país pela passividade e explosão de violência a um só tempo.

A linha do tempo dos grandes acontecimentos que sacudiram o norte nas últimas décadas tem como objetivo oferecer elementos contextuais para se entender o norte e compreender o Brasil do interior. São apresentados aqui por meio de narrativas de jornais da época. Muitos desses acontecimentos sequer foram mencionados pela imprensa regional, dada a sua limitação diante de fatos de longa duração e a dificuldade de manter a imparcialidade em meio a conflitos que extrapolam as fronteiras da região.

Vamos nos ater aqui apenas aos fatos ocorridos após a chegada da imprensa no norte de Goiás.

Em 1892, um ano após o surgimento da imprensa no norte de Goiás estoura a revolução de Boa Vista do Tocantins, atual Tocantinópolis, que viria a ser a primeira de uma série de três, num decurso de tempo de meio século e que abalou o extremo norte do Estado com poder de fogo de guerra civil, em que “a revolução se tornou um meio normal de solucionar tensões políticas e sociais”. (PALACÍN, 1990, p.5).

NOTICIÁRIO. SUCESSOS DE BOA-VISTA

Na impossibilidade de termos notícias certas deste ponto que ultimamente tem estado em luta intestina pedimos venha ao nosso prezado colega O NORTE de Barra do Corda para transcrevermos relativamente aos grandes acontecimentos que têm se desenrolado naquella longinqua cidade.

NOTICIAS DE BOA VISTA

Novas notícias appareceram confirmando os anteriores boatos acerca de Boa Vista. Alcançaram a data de 14 do corrente mez ultimamente recebidas nesta cidade.

Segundo suas informações, aliás fornecidas por pessoas vindas da própria comarca em que se estão dando os acontecimentos e por cartas de pessoas residentes nas proximidades do lado direito do Tocantins fronteiro à Boa Vista. Os animos ali não serenaram, como nós já se suppoz. Infelizmente tanto sitiantes como sitiados se apresentam activamente para a luta reunindo elementos para ella tanto na propria comarca como no lado opposto do rio, no Estado do Maranhão.

A cidade esta de facto, segundo as ultimas noticias, mas com quanto cortada em suas comunicações, em pontos muitos afastados do seu perímetro, ainda assim tem conseguido reunir elementos para a sua resistência.

Consta que a cidade conta com cerca de duzentos homens para sua defesa, muito protegida pelas condições de natural estratégia e que para o seu abastecimento tem grande numero de bois e cereais [sic]. [...] (NORTE DE GOYAS, Nº 68, 1908; DO Nº 798 D’O NORTE DE BARRA DO CORDA, 30 DE MAIO ÚLTIMO).

Em 1919 explode em São José do Duro, atual Dianópolis, o conflito armado denominado de Quinta-Feira Sangrenta, liderado por Abílio Wolney que iria inspirar o romance *O Tronco*, de Bernardo Elis. Mais uma manifestação coronelista no norte de Goiás que deixou profundas marcas no cotidiano da região.

Occorrencias do Duro

O presidente do Estado recebeu os seguintes telegrammas sobre os acontecimentos em São José do Duro:

Boa Vista, ---10

Grande numero de jagunços chefiados por Abilio Wolney, Abilio Araujo, seu irmão Marôto, Roberto Dourado e João Belém atacam quartel da força policial no Duro da força policial, às 11 horas do dia 17, tendo sido mortos mais de 50 jagunços e um solado da força, saídos 3 baleados, inclusive 2º Tenente Catulino; depois de 2 dias e duas noites de fôgo cerrado os soldados

dispersaram-se, retirando todas auctoridades: Juiz Almeida, Delegado, acompanhados Catulino, seu Cornêta, Collector, Escrivão e outros, tendo acompanhado o 2º Tenente Ulysses dezenove praças. Ignora-se paradeiro do 2º Tenente Salles, inclusive o resto da força. Nossa situação é gravíssima, as famílias daqui estão horrorizadas e retiram-se para fora da cidade, temendo ataque ao povo em massa, pedem e confiam vosso governo energias providencias junto ao Governo Federal e Bahia salvamento zonas.

Saudações

Deocleciano

Nunes

(CORREIO OFFICIAL DE GOYAZ, Nº 208, 15 DE FEV. 1919, p.7).

A Coluna Prestes em passagem pelo norte de Goiás empastela jornal em Porto Nacional. A data, outubro de 1925. O jornal, o *Norte de Goyaz*, o único periódico que circulava na região naquela época. Os revoltosos, como eram chamados os soldados do “exército revolucionário”, comandado pelo capitão Carlos Prestes, foram bem recebidos pelos frades dominicanos. O convento, que na época tinha o Frei Audrin como superior, foi transformado em quartel general. Foram talvez os sete dias mais tranquilos dos dois anos de cruzada da Coluna pelo Brasil. Prestes fez questão de registrar que foi bem tratado pelos dominicanos, a base de vinho francês.

Uma semana de paz na atribulada trajetória da Coluna Prestes, se não fosse o empastelamento do jornal *Norte de Goyaz*,² que ficou marcado na memória da cidade como ato autoritário contra o único veículo de comunicação da região.

A Coluna Prestes despertava medo e terror no sertanejo portuense. A imprensa, o governo, descreviam os homens de Prestes como bandidos, desordeiros e perigosos. Com o boato da possível invasão o pânico tomou conta da cidade, pois aqueles homens que incendiaram São Paulo no ano anterior “vêm agora nos atacar, desesperados, queimando casas, roubando, deshonrando, matando gado, carregando cavalo e burro etc.” (SANTOS, 1996, p. 132, 133).

² Empastelar significa inutilizar as oficinas de um jornal (misturar os tipos de chumbo) para impedir a sua circulação, portanto, sabotar a circulação de um jornal que se teme pela divulgação de suas informações. E foi isso que se diz que a Coluna Prestes fez com o *Norte de Goyaz* em sua passagem por Porto Nacional. Temendo será o que?

Prefeito de Pium, norte de Goiás é assassinato por atirador que foge sem deixar vestígios. Trajano Coelho Neto foi alvejado com dois tiros de revólver em pleno centro da cidade quando retornava para casa a pé. Trajano morre menos de dois meses após tomar posse como prefeito eleito de Pium, município recém-emancipado, de origem de garimpos de cristal de rocha.

Jornalista polêmico que editava os periódicos *Ecos do Tocantins* e o *Anuário do Tocantins*. Crime político ou atentado contra a imprensa? Até hoje não se sabe o que motivou a morte do líder político e jornalista mais influente do norte de Goiás e um dos mais destacados líderes da luta pela criação do Estado do Tocantins.

No dia 30 de março do corrente ano, o sr. Trajano Coelho Neto concedeu entrevista a êste jornal, fazendo sérias acusações aos dois ex-prefeitos. Catorze dias depois, o sr. Trajano Coelho Neto era morto pelas costas e o criminoso não fôra identificado. Começara a rumorosa novela que até o momento não fôra desfechada. No dia 15, recebia-se a notícia de que um cabo da polícia militar teria sido contratado por várias pessoas, para realizar a empreitada sinistra. Começara o rigoroso inquérito. (O POPULAR, 7 DE MAIO, 1961).

Em 1972 o país toma conhecimento do surgimento de mais um foco da luta armada contra Ditadura Militar, denominada de Guerrilha do Araguaia, na região do Bico do Papagaio compreendendo os municípios de Xambioá (GO) e São Geraldo (PA) na divisa de Goiás com o Pará. Como retrata uma das primeiras matérias jornalísticas sobre o assunto, publicada pelo jornal *Estado de São Paulo*, Xambioá naquele momento fora transformada em praça de guerra.

Em Xambioá, a luta é contra guerrilheiros e atraso Enquanto as forças conjugadas do Exército, Marinha e Aeronautica somam, nas selvas da margem esquerda do rio Araguaia, cerca de cinco mil homens, na caça de guerrilheiros, o Exército iniciou, ontem, simultaneamente, em Xambioá e Araguatins, em Goiás, à margem direita do rio e no extremo norte do Estado, a Ação Cívico Social – Aciso – visando levar assistência a toda a população da área. (...) Xambioá é, hoje, uma grande praça de guerra, onde caminhões, jipes, oficiais, soldados, circulam fortemente armados, por suas ruas de terras, suas casas de taipa e sob o calor escaldante que, nesta época atinge a marca dos 38 graus centígrados durante a maior parte do dia. Localizado à margem direita do Araguaia, Xambioá é um município com dez mil habitantes, dos quais apenas três mil se localizam no setor urbano. Tem 2.500 quilômetros quadrados de área e 519 propriedades rurais legalmente reconhecidas pelo INCRA. A região desfruta dos incentivos da Sudam, que financia ali grande projetos pecuarios, beneficiando os poucos criadores. Os fazendeiros têm problemas com posseiros; o primeiro incidente entre ambos data de 1956, segundo assinala o prefeito João Saraiva, eleito

pelo MDB. Ele é o político mais influente da região, desde que Xambioá foi elevado à categoria de município, 1969. Ele próprio foi eleito e assumiu a Prefeitura, que pretende entregar, agora, a um de seus correligionários. O próximo pleito será disputado entre três candidatos do MDB – Manoel Ferreira, José Pereira e Vicente Monteiro; e dois da Arena – Manoel Pinho e Horacio Albuquerque [sic]. (ACERVO O ESTADO DE S. PAULO, 1972, p.27).

Em 10 de maio de 1986, Dia das Mães, um assassinato abalou o país: a execução do padre Josimo Moraes Tavares, nas escadas do prédio da Mitra Diocesana de Imperatriz (MA), uma região conhecida como Bico do Papagaio, marcada pelos conflitos agrários entre os sem-terra e fazendeiros, na divisa dos estados do Pará, Maranhão e Tocantins.

O religioso, que havia escapado de um atentado semanas antes, quando teve seu jipe Toyota perfurado por balas, angariou apoiadores e desafetos numa área de grande concentração fundiária, em que os embates eram frequentes. Ciente do risco que corria, segundo artigo do frei e padre Gilvander Moreira, em pronunciamento durante a Assembleia Diocesana de Tocantinópolis, em 27 de abril, padre Josimo teria afirmado.

Agora estou empenhado na luta pela causa dos pobres lavradores indefesos, povo oprimido nas garras dos latifúndios. Se eu me calar, quem os defenderá? Quem lutará a seu favor? Eu pelo menos nada tenho a perder. Não tenho mulher, filhos e nem riqueza sequer, ninguém chorará por mim. Só tenho pena de uma pessoa: de minha mãe, que só tem a mim e mais ninguém por ela. Pobre. Viúva. Mas vocês ficam aí e cuidarão dela (ACERVO O GLOBO, 2016).

Esses são alguns acontecimentos que marcaram a região norte de Goiás, hoje Estado do Tocantins, repercutiram na imprensa nacional que ainda alimentam o imaginário da região, mas inexplicavelmente não mereceram registro na imprensa local.

Com exceção das manifestações pela criação do Estado do Tocantins a imprensa regional parece desconhecer por completo os acontecimentos que sacudiram este território. Uma contradição notável já que a imprensa regional se destacava na cobertura das pautas locais. Aliás o questionamento se estende também a grande imprensa. São escassos os registros nos jornais de circulação nacional destes episódios que abalaram o norte de Goiás desde o século XIX.

2.1 Imprensa do interior

A imprensa surge no norte³ de Goiás em 1891, quando essa atividade já estava plenamente consolidada no sul do Estado. Em sua divisão metodológica da história da imprensa goiana, o historiador José Mendonça Teles estabelece pelo menos cinco períodos. O primeiro jornal do norte de Goiás, *Folha de Norte* faz parte do terceiro período que vai de 1890 a 1930, do fechamento do *Correio Oficial de Goiás* à expansão da imprensa com o surgimento de vários jornais pelos municípios goianos. Período histórico de jornalismo contundente, segundo o pesquisador.

Época do jornalismo contundente, desaforado, em defesa dos grupos políticos. Expressivos nomes do nosso jornalismo, como Moisés Santana e outros. A revolução de Trinta e a mudança da Capital para Goiânia. A fundação da Associação Goiana de Imprensa, em 1934, e a transferência do Correio Oficial para Goiânia, 1936. (TELES, 1989).

No norte a imprensa se desenvolve num ritmo bem diferente da do sul em função das características da região, marcada por fortes contradições e enormes carências. Também não surge com esta contundência toda do sul, como assinala Teles. A falta de estradas influenciava o desenvolvimento dos transportes, que por sua vez afetava as comunicações. No norte no final do século XIX não havia sequer serviços postais funcionando com regularidade, um dos primeiros serviços públicos instalados pela Coroa Portuguesa no Brasil. O índice de analfabetismo era bem maior que o do sul, como em todo o Brasil, também era um grande obstáculo ao desenvolvimento das letras.

O periódico *Folha do Norte*, primeiro jornal da região, aparece seis décadas depois do florescimento da imprensa no sul com o *Matutina Meiapotense*, primeiro jornal de Goiás, editado em Meia Ponte, hoje Pirenópolis, e que começou a circular em 1830, dando início ao desenvolvimento de um tipo de imprensa regional da qual os jornais do norte fazem parte,

³ Optou-se por grafar norte de Goiás com caixa baixa seguindo uma tradição campo da história. Pesquisadores da história do Tocantins na escrita de seus trabalhos adotam esta forma de grafia para diferenciar da grafia de Norte quando se refere à região geográfica do país. (Parente, 2003; Giraldin, 2002; Flores, 2009).

mas deste se diferencia pelo contexto regional em que estavam inseridos, cujos interesses e motivação seriam outros, alterados de acordo com a nova realidade social dinâmica e em permanente transformação.

Pode-se dividir a história da imprensa no norte em dois grandes períodos: do aparecimento do primeiro jornal até a criação do estado do Tocantins e depois da criação do estado até os dias atuais. O primeiro período que compreende um lastro temporal de 100 anos pode ser dividido em três fases: de 1891 a 1930, de 1930 a 1960 e de 1960 a 1988. Já o segundo período compreende um lastro de 30 anos e pode igualmente ser dividido em três fases: 1988 a 1998, da criação do Estado à consolidação da imprensa diária com a transformação do *Jornal do Tocantins* de trissemanário para diário; de 1998 a 2018, da predominância dos veículos virtuais com a emergência do jornalismo selfie ao fim do *Jornal do Tocantins*, versão impressa e de 2018 ao fim do *Jornal do Tocantins*, versão impressa ao início da crise da imprensa que pode levar ao seu completo desaparecimento na região.

Devido a amplitude do tema este estudo se concentra apenas no primeiro período – 1891 a 1988. O recorte temporal pode parecer grande, quase um século, mas quando se avalia pelo número de periódicos, apenas 41, o recorte não é tão grande assim.

O critério de escolha do recorte leva em consideração dois marcos no desenvolvimento da imprensa no norte de Goiás, o surgimento do primeiro jornal em 1891 e o início da explosão da imprensa a partir da criação do Estado. Quanto a data do surgimento do primeiro jornal é consenso, até agora não se tem notícias de atividades jornalísticas no norte de Goiás antes da *Folha do Norte*. O outro marco, a criação do Estado do Tocantins, tem uso interdisciplinar. Os dois marcos podem ser tomados como baliza temporal para melhor compreensão da trajetória da imprensa tocantina.

São considerados jornais do norte de Goiás para efeito deste estudo, periódicos editados ou não na região que tinham o norte no cabeçalho como indicativo de pertencimento a um lugar ou que tinham a região como foco do conteúdo editorial.

Esses periódicos guardam semelhanças e diferenças que os definem como veículos pertencente ao um mesmo território ligados por laços históricos, políticos e sociais que ao longo de um século viveu profundas transformações. Sodré (1983) diz que rigorosamente a história da imprensa brasileira deveria ser dividida em duas fases: imprensa artesanal e imprensa industrial. Ele, porém, adotou outras divisões tendo a preocupação em ser didático. Neste trabalho seguiu-se este fundamento conceitual.

No que se refere à imprensa do norte de Goiás não seria diferente. Um longo período de imprensa artesanal e um período relativamente curto de imprensa industrial. A divisão em mais períodos adotada neste trabalho, segue a compreensão metodológico de Sodré (1983).

Para efeito de sistematização, neste estudo adota-se a divisão deste primeiro período em três fases distintas. De 1891 a 1930, em que se observa que a atividade ficou restrita a uma única região – Porto Nacional e entorno. De 1930 a 1960, quando a imprensa se espalha por toda região norte, ganhando mais dos polos representativos – Pedro Afonso e Tocantinópolis, antiga Boa Vista. (durante este período Porto Nacional se mantém como o grande centro de produção da imprensa). De 1960 a 1988, a fase de profundas mudanças técnicas na produção da imprensa – Araguaína assume a condição de polo de produção de notícias. Nesta época já era a maior cidade da região, núcleo urbano que surge com muita força às margens da BR-153, Belém-Brasília, novo eixo de desenvolvimento do norte. Paraíso do Tocantins e Gurupi integram o grande eixo da imprensa da época como novos polos.

A imprensa deste período tem acabamento mais moderno, cobertura mais ampla, bem como a circulação, que vai além das fronteiras do norte. Mas perde, sobretudo, na cobertura regional. As demandas regionais já não recebem mais o tratamento do período anterior (SODRÉ, 1983; TELES, 1989; ANJOS, 2017).

3 IMPRENSA NO NORTE DE GOIÁS: comunicação, história e memória

[...] os mitos são capazes de mover montanhas.

Robert Darnton

Figura 2 - Jornais do norte de Goiás (1891 - 1988)



Fonte: Adaptação do autor

Durante quase 100 anos os jornais reinaram sozinhos no norte de Goiás como a única mídia regional capaz de dá conta dos acontecimentos locais para conhecimento dos próprios habitantes da região tocantina que viam nas narrativas dos periódicos sua própria representação e reportar a outros centros o que ali acontecia.

Dados que por si só revelam o tamanho da importância dos jornais para compreensão do norte, quer seja nos aspectos econômicos, políticos, sociais ou culturais. Conceituando “mídia como lugar de memória e o jornalismo como um produto social marcado pelas influências do tempo e do espaço” (PINHEIRO, 2018, p. 5). Jornais são fontes de produção historiográfica como propõe Barbosa para quem “a história é sempre um ato comunicacional.” (BARBOSA, 2007, p.1).

A partir das narrativas dos jornais as representações sobre a região norte de Goiás com caráter identitário são disseminadas em massa. Representações que comunicam significados

que criam consenso e identificam costumes, tradições e cultura de um lugar geograficamente identificado como um território dotado de especificidades.

A imprensa no norte de Goiás surge como espaço de resistência, de ressignificação e de construção do imaginário da região que viria a se tornar o Estado do Tocantins. (BUCAR, 2018; MACEDO, 2015; OLIVEIRA, 1997). Os jornais foram os primeiros e únicos veículos com “lugar de fala” (RIBEIRO, 2017) da região desde o surgimento da imprensa até a criação do Estado. A partir de então dar-se a formação de um novo panorama das comunicações e que leva os jornais a perder a supremacia. O rádio e a televisão passaram a receber fortes investimentos e suplantam os jornais em audiência, prestígio e faturamento.

O estudo do desenvolvimento da mídia na região norte de Goiás, no primeiro ciclo anterior a criação do Estado do Tocantins, a rigor, se resume a história dos jornais que de alguma forma é um pouco da própria história do Tocantins. Levantamento exploratório da distribuição espacial dos jornais na região verifica-se que a atividade manteve sempre estreita ligação com fatores econômicos e políticos que dominaram a região. Sodré observa que o desenvolvimento da imprensa acompanha o desenvolvimento da sociedade capitalista “numa ligação dialética e não simplesmente mecânica.” (SODRÉ, 1983, p.1).

Surge na maior cidade do Estado, Porto Nacional expande para novas fronteiras de desenvolvimento, Pedro Afonso e Tocantinópolis e se transforma em porta voz da região. Estas três cidades formam o que se passou a chamar de corredor fluvial da notícia. Até os anos 50 os municípios mais desenvolvidos da região se localizavam nas margens do rio Tocantins, favorecidos pela navegação que impulsionava o comércio, a comunicação e promovia a integração.

No início dos anos 40 a aviação alcança o norte de Goiás integrando os mais importantes núcleos urbanos da região. Em 1943, o Correio Aéreo Nacional (CAN) inaugura uma nova rota de navegação aérea ligando Rio de Janeiro a Belém (PA). A nova rota exigiu a implantação de uma série de pistas de pouso nos estados de Minas Gerais, Goiás, Maranhão e Pará, para dá sustentação ao transporte aéreo.

O norte de Goiás foi bastante beneficiado com esta medida. Os municípios contemplados com pista de pouso situavam justamente na margem do rio Tocantins, a principal rota de navegação. Paranã, Peixe, Porto Nacional, Tocantínia, Pedro Afonso e Tocantinópolis foram algumas das localidades que passaram a integrar a rota de navegação aérea.

A construção de rodovias de integração nacional inicia um novo ciclo de desenvolvimento do país com forte impacto na região norte de Goiás que passa a integrar o mapa rodoviário brasileiro. A partir dos anos 80 o polo de comunicação deixa a margem do rio Tocantins e passa a se estabelecer nas margens da BR – 153, a Rodovia Belém-Brasília, o novo eixo de desenvolvimento da região. Gurupi, Paraíso do Norte, hoje Paraíso do Tocantins e Araguaína passam a contar com jornais e emissoras de Rádio, sendo que Gurupi e Araguaína passam a contar também como emissora de Televisão. Os grupos de comunicação multimídia começam a enxergar o norte como mercado potencial para seus produtos.

As três localidades – Gurupi, Paraíso e Araguaína - emergentes do norte que apresentam altos índices de crescimento despontam como os grandes polos de irradiação de notícias. Araguaína é agora, a cidade com maior número de jornais que são impressos em Goiânia e distribuídos para todo o Estado.

Os jornais eram ao mesmo tempo influência para as mudanças e influenciados pelas mudanças, num processo dialético que caracteriza o desenvolvimento dos mass média em qualquer contexto mediado em que a opinião pública influencia o meio que a influência. Compreendendo a mídia como sistema de reprodução e transformação da ordem social. (BOURDIEU, 2007; DeFLEUR.1993; SODRÉ, 1983). É possível inferir por meio de evidências históricas que os jornais tiveram peso fundamental no que o Tocantins é hoje (CAVALCANTE, 2003; ANJOS, 2017; BUCAR, 1018).

Os jornais eram mensageiros de novidades, difusores de conhecimentos e repositórios de memória dos acontecimentos que marcavam o cotidiano da região. Instrumento de cidadania, meio pelo qual os habitantes do norte se faziam ouvir por seus governantes; construtores de sentido e, também de legitimação do poder na região. O estudo constatou que os jornais no norte começou com os coronéis que detinham poder de mando e recursos para os investimentos necessários à produção; passou para as mãos de intelectuais e profissionais liberais desejosos de levar esclarecimento e informação ao público e finalmente nas mãos de jornalistas profissionais ligados aos grandes grupos empresariais ou a pequenos negócios.

De acordo com levantamento bibliográfico, a maioria dos proprietários e editores de jornais teve forte projeção política na região. Exerceram cargos públicos da maior representação e foram os líderes influentes. Até os anos 60 a inclinação dos donos de jornais pela política era quase que uma regra de conduta. O que permite inferir que a arte de difusão da palavra também era meio de articulação, manutenção e reprodução do poder.

Foi pelas páginas dos jornais que se empreendeu um processo de transformação simbólica dos mais significativos. A denominação de norte de Goiás cede lugar a Tocantins. Neste novo esquema de representação Norte e Tocantins deixam de significar a mesma coisa, não são mais sinônimos e sim, antônimos. Norte era a figuração do atraso e abandono a qual a região estava relegada há anos, em decorrência do desprezo dos governos. Já o termo Tocantins surge para representar o ideal da região que agora deveria ser vista como rica, com enorme potencial de desenvolvimento e que conquistaria este estágio a partir da sua emancipação.

O termo Tocantins que deu nome ao Estado do Tocantins, criado pela Constituição de 1988, deriva do rio Tocantins, o grande rio que corta o Estado de norte a sul e que historicamente sempre teve uma forte ligação com a região norte, sendo parte fundamental na formação do Tocantins. Não há divergências entre linguísticos e historiadores quanto a esta tese da origem do nome do Estado. A origem do termo, porém, é controverso; apresenta uma série de versões, todas fazendo referência à origem indígena.

Do Dicionário de Palavras Brasileira de Origem Indígena, de Clóvis Chiaradia, o termo Tocantins em tupi significa tukan (tucano) e tim (nariz), bico de tucano, que segundo o autor faz referência à convergência dos rios Araguaia e Tocantins, que tem um formato curvo que lembra o bico da ave. (CHIARADIA, 2018). Essa analogia parece explicar a ideia de bico do papagaio para a região do extremo norte do Tocantins, chamada de Bico do Papagaio, de origem popular.

A associação do termo Tocantins com a ideia de autonomia da região norte ganha força a partir da década de 40, com a sugestão de criação do Território do Tocantins, proposta pelo Major-Brigadeiro-do-Ar Lysias Augusto Rodrigues, depois de participar da expedição para implantação de nova rota de navegação aérea. O projeto chegou a ser encaminhado ao presidente da República Getúlio Vargas.

Lysias Rodrigues que chefiou a expedição considerou o trecho do Tocantins o mais difícil e mais importante, daí a ideia de criação do Território Federal. O aviador escreveu um livro *Roteiro do Tocantins*, narrando a experiência. O projeto do aviador ressignificou o norte de Goiás que ganha a representação de Estado. Depois do projeto a ideia do Tocantins passa a substituir norte nas narrativas dos jornais.

Líderes do norte se apropriaram da ideia de Tocantins e passaram a defender a criação do Estado e não o Território Federal. Era o início da Marcha para Oeste que iria proporcionar a ocupação da Amazônia brasileira. O juiz de Direito da Comarca de Porto Nacional Feliciano

Machado Braga que liderou o movimento pela criação do Estado do Tocantins na década de 50, revela que se encantou com o tema do Tocantins a partir das ideias defendidas por Lysias Rodrigues, propagadas por meio da imprensa.

Os termos Norte e Tocantins vão mudando a representação geográfica da região, conforme avanço das fronteiras com a ocupação de espaço. No período imperial a representação geográfica de norte de Goiás era bem mais ampla e incluía uma longa faixa abaixo do paralelo 13 próximo a Porangatu (GO).

A palavra Tocantins já aparecia como designação geográfica, numa proximidade com o vale do rio Tocantins, a exemplo de São José do Tocantins, hoje Niquelândia. Neste mesmo período Carolina (MA) fazia parte de Goiás, pois não havia um limite definido entre as províncias de Goiás e do Maranhão. Essa divisão só foi estabelecida ao gerar conflitos por disputas entre as duas províncias e obrigou o governo imperial estabelecer os limites, adotando o acidente geográfico natural, no caso o rio Tocantins como limite.

Os contornos geográficos da região norte como território dotado de especificidades, cultura, costumes e identidade se deu em muito a partir das representações das narrativas dos jornais que como veículos de difusão da palavra imprensa inauguraram a “época das luzes”, vivenciaram profundas transformações da região e assumiram posição em defesa de demandas locais que os tornaram diferentes de outros periódicos de Goiás. Porta-vozes de uma região que era representada como isolada e esquecida pelos governos e que contrastava com o sul desenvolvido, onde se concentrava quase que a totalidade dos investimentos públicos.

O isolamento, a falta de estrutura e de leitores, realidade do norte de Goiás na época, foi motivo de retardamento, mas não de impedimento para o florescimento da imprensa na região que teve início no final do século XIX, no alvorecer da República.

Goiás ainda mantinha as características de província. Os dados da época em nível nacional eram desanimadores para a atividade da imprensa. Mais de 90% da população vivia na zona rural e 85% era analfabeta. Não deixa de ser um feito notável o desenvolvimento da imprensa no norte nestas condições de isolamento e carência de infraestrutura de toda natureza e baixo nível de escolaridade dos leitores.

A chegada da imprensa era ao mesmo tempo o rompimento do isolamento, a abertura de vias de integração a outros mundos e reafirmação do caráter regional, na medida em que a partir dos jornais a região dispunha de um canal de enorme alcance para manifestar suas necessidades, desejos e aspirações. E se afirmava cada vez mais como um território dotado de características próprias.

Macedo observa que o “Tocantins surgiu como território singular bem antes de sua criação com a constituição de 1988, especialmente a partir da abordagem de alguns jornais da região”, (MACEDO, 2015, p. 205). Que segundo a autora, forjaram o sentimento de pertença e contribuíram para emancipação da região.

Quando o Estado do Tocantins foi criado, o jornal ainda era único veículo com “lugar de fala”, da região (RODRIGUES, 2017), com cobertura local que evidencia uma característica primordial da imprensa regional (ANJOS, 2017). Constata-se que o norte não teve uma profusão de periódicos como outras regiões do país, tendo em vista o recorte de longo período do estudo e a pouca ocorrência de periódicos.

Em um século de atuação a imprensa no norte soma um total de 41 jornais catalogados como periódicos editados na região. A pesquisa de campo revelou um dado novo. A descoberta de novos periódicos que não estavam relacionados. Foram incluídos na relação – *O Colegial* e *A Voz de Pedro Afonso*, de Pedro Afonso (1940), *Tribuna da Amazônia*, de Araguaína (1973) e o *Cristalino*, Cristalândia (1985) *Folha dos Moços*, *Porto Nacional* e o *Paralelo 13* (1968), da Cenog, editado em Goiânia; *Jornal O Norte*, *O Semanário* e *Folha do Norte*, de Gurupi; *O Governo*, *Jornal de Paraíso do Norte*, *Tribuna de Paraíso do Norte*, e *O Diálogo*, de Paraíso do Tocantins; *Folha de Gurupi* (1963), *O Norte* (1983) e *O Semanário* (1988), de Gurupi . A descoberta reforça a relevância da pesquisa que ainda pode revelar novas surpresas

Para ter-se uma ideia da predominância dos jornais no norte, o rádio chega à região na década 70 e a televisão um pouco depois, nas décadas de 70 e 80 (SANTOS, 2007) no mesmo impulso desenvolvimentista que teve início com a Marcha para o Oeste (RODRIGUES, 2001) e prosseguiu com a construção de Brasília e da Belém-Brasília. A criação do Estado do Tocantins provocou uma enorme transformação sócio-político e econômica do norte de Goiás com impacto positivo em praticamente todas as áreas, inclusive na comunicação com a eclosão de novas mídias e consolidação da imprensa, passando a contar com jornal diário.

O telejornalismo e o radiojornalismo são conquistas pós-emergência do Estado do Tocantins. Foi a partir da implantação do Estado que as emissoras de Rádio e de Televisão instaladas na região se viram compelidos a produzir jornalismo. Aliás, uma das grandes transformações nas comunicações a partir da criação do Estado foi a retomada do jornalismo local que havia se perdido nos anos 80.

É enganoso contudo imaginar que a imprensa tocantinense tenha surgido no bojo deste mesmo processo. Uma miríade de novos períodos invadiu a nova capital. A imprensa, porém,

já era uma atividade largamente praticada em todo o norte de Goiás, ao longo de quase um século antes da efetivação do Tocantins.

O estudo estabeleceu como objetivo compreender a influência da mídia impressa na formação do imaginário da região norte de Goiás que viria a se tornar o Estado do Tocantins, tomando as narrativas sobre as manifestações pela autonomia da região como elementos fundantes da imprensa regional.

Conceituando imprensa como um meio complexo que tem a função de construir a realidade das pessoas, criando uma ideia geral. De acordo com Gomis a mídia oferece a possibilidade de se perceber e comentar a realidade como uma referência geral. (GOMIS, 1991), ideia compartilhada por Schmitz para quem o jornalismo é uma forma de conhecimento da realidade.

A atividade jornalística gera diferentes modos de conhecimento, extrapolando a simples técnica, sendo uma forma social de conhecimento da realidade. Utiliza a singularidade, como essência da notícia, sempre considerando a objetividade, uma característica exigida na prática e motivo de discórdia entre os teóricos. (SCHMITZ, 2011, p.15).

O estudo toma jornal do norte de Goiás como periódico editado na região ou fora dela e que tinha o norte como foco do conteúdo editorial. Durante 100 anos os jornais se mantiveram como os únicos porta-vozes da região. Eram veículos de construção da realidade local e ao mesmo tempo difusores de elementos identitários da região norte que formou o Estado do Tocantins (GOMIS, 1991; ANJOS, 2017).

A pesquisa nasceu a partir da constatação de vazio nos estudos de imprensa regional e o desejo e a oportunidade de poder contribuir para organizar um corpus teórico que permita escrever a historiografia da imprensa tocantinense. O trabalho, portanto, parte de uma inquietação e ao mesmo tempo de uma pretensão. Da inquietação com desinteresse acadêmico por estudos de imprensa e a pretensão que este estudo possa despertar o interesse de pesquisadores pelo tema e abrir novos caminhos de compreensão da realidade do norte de Goiás impresso nas narrativas dos jornais.

Destarte, este estudo pode ajudar a responder indagações pertinentes que dizem respeito à identidade da imprensa que se faz hoje no Tocantins. O que é afinal imprensa tocantinense? Qual a sua origem e o que a diferencia de outras? Qual a importância dos jornais na formação do imaginário da região norte de Goiás que deixou de ser uma região esquecida e abandonada para se tornar Estado do Tocantins?

A historiografia sobre o desenvolvimento da imprensa no Tocantins deu passos significativos com o interesse da academia pelo tema que vem crescendo a cada dia, mas ainda não alcançou a importância que merece como uma área de produção de conhecimento sobre a própria história do Tocantins. Em que pese à movimentação em torno do tema da história da imprensa, pouco ou quase nada se sabe da trajetória dos jornais do norte de Goiás, suas características, narrativas e que papel exerceram como veículos regionais num contexto de fronteira cultural, geográfica e política em que a linha editorial era a mais clara expressão de identidade.

A imprensa surge no norte de Goiás no final do século XIX com enorme atraso em relação sua ocorrência no sul da província. Qual a explicação para esse atraso? Seria a ausência de condições básicas para o desenvolvimento desta atividade, o atraso cultural da sociedade local ou a falta de capital para financiar a atividade ou a combinação das três assertivas? Sodré sustenta que o desenvolvimento da imprensa é resultado das relações capitalistas. A essas razões acrescenta-se ainda o analfabetismo que constituiu desde a instalação dos primeiros prelos em Goiás no grande obstáculo para expansão da palavra impressa.

No final do século XIX no dizer de Teles, Goiás já não era mais uma província pobre e abandonada no Planalto Central.

O centro cultural do Estado não pertencia mais à Capital, outros municípios como Porto Nacional, Mataúna, atual Palmeiras de Goiás, Catalão, Suçuapara, atual Bela Vista de Goiás, Corumbáiba, Itaberaí, Luziânia, Silvânia, Urutá, Itumbiara, Vianópolis, Pirenópolis, Anápolis, Jataí e outros fundaram também o seu jornal e agora já participam abertamente dos debates políticos. (TELES, 1989, p.39).

A imprensa surge no norte de Goiás, em Porto Nacional que se projeta como o grande centro difusor de ideias da região. Era a maior cidade do norte e a mais importante no contexto regional. O primeiro periódico impresso na região, o *Folha do Norte*, começou a circular no dia três de junho de 1891, mais de meio século depois do aparecimento da *Matutina Meiapontense*, o primeiro jornal goiano, editado no arraial de Meia Ponte, atual Pirenópolis, em 1830. (ALMANAK DE GOYAZ, 1897; TELES, 1989; COSTA, 2004,).

Ressalta-se que quando o *Folha do Norte* surge em Porto Nacional, inaugurando um “período de luzes” no norte, o sul da província já somava mais de quatro dezenas de títulos de periódicos. A imprensa deste período no norte de Goiás tinha como motivação a defesa da região ressignificada como isolada e esquecida do centro do poder burocrático instalado da Capital, sul do Estado.

No contexto nacional a imprensa vivia uma fase de transição de pequenos jornais para a grande imprensa que se consolidaria na virada do século (SODRÉ, 1983). O *Folha do Norte* é contemporâneo do *Jornal do Brasil*, o primeiro jornal da chamada grande imprensa, fundado, no Rio de Janeiro, em 1891.

Até o surgimento da grande imprensa o modelo clássico dos jornais era uma folha solta, tamanho ofício ou tabloide, que dobrada ao meio virava um caderno de quatro páginas. Daí a explicação de folha ser sinônimo de jornal.

A mudança de regime da Monarquia para a República não alterou o desenvolvimento da imprensa que seguiria o caminho da modernização. É nesse processo de transição que nasce a imprensa burguesa, comercial e moderna, como resultado da expansão capitalista (SODRÉ, 1983) no contexto nacional, já que interior de Goiás predominava a imprensa sertaneja, pequenos jornais.

Nas três primeiras décadas iniciais da atuação da imprensa no norte o fenômeno da multiplicação de textos fica restrito a Porto Nacional. Quatro periódicos são editados neste período – *Folha do Norte* (1891), *O Incentivo* (1893), *Norte de Goyaz* (1905) e *Jornal do Povo* (1920) - quase 30 anos depois se tem conhecimento de impressão de folha fora município, em Natividade com os jornais *Corisco* (1927) e *Voz do Norte* (1929). A arte de multiplicar textos se expande para Arraias, passa por Pedro Afonso e no mesmo período surge também em Tocantinópolis, antiga Boa Vista de Goiás, segunda maior cidade do norte e também a segunda em ocorrência de jornais. É o início de uma nova fase.

A partir dos anos 40 Tocantinópolis rivaliza com Porto Nacional o domínio desta atividade que teve o seu apogeu por volta dos anos 50. Neste período se registra o maior número de periódicos editados na região. Foi o período também de maior movimentação em torno das manifestações pela criação do Estado do Tocantins. A partir da década de 80 Araguaína assume a condição de polo de produção da imprensa mais importante do norte. Porto Nacional ainda se mantém como sede de jornais regionais, mas já não é mais o principal polo de irradiação de notícias. Araguaína neste período já era o maior município do norte.

Neste período a imprensa passa por mais uma grande mudança. Periódicos que até então dispunham de poucos recursos gráficos entram na fase da modernidade. Em vez de pequenas tipografias os jornais passam a ser impressos em rotativas da grande imprensa goiana com melhor acabamento final. Jornais deste período ganham em qualidade, mas perdem em cobertura regional. Preocupados em atingir um público cada vez maior os jornais

passam a se apresentar como veículos estaduais, desprezando a cobertura local e se distanciando do conceito de imprensa regional.

Levantamento criterioso de acordo com pesquisas sobre o tema (TELES, 1989; CERQUEIRA, 1956; COSTA, 2004) dá conta de uma relação expressiva de periódicos que teriam sido publicados no norte de Goiás, do final do século XIX quando a imprensa aparece na região norte até a sua autonomia em 1988.

Tabela 1- Relação geral dos jornais do norte de Goiás (1891-1988)

Jornal	Publicação	Localidade	Editores responsáveis
<i>Folha do Norte</i>	1891/1894	Porto Nacional	Frederico Ferreira Lemos e Luis Leite Ribeiro
<i>O Incentivo</i>	1901/1902	Porto Nacional	Frederico Ferreira Lemos e Luis Leite Ribeiro
<i>Norte de Goyaz</i>	1905/1087	Porto Nacional	Francisco Ayres, João Joca Ayres
<i>Jornal do Povo</i>	1920	Porto Nacional	Abílio Nunes, Frederico F. Lemos, Quintiliano da Silva, Rafael Fernandes Belles.
<i>O Corisco</i>	1927	Natividade	José Lopes Rodrigues
<i>Voz do Norte</i>	1929	Natividade	Quintiliano da Silva
<i>O Norte</i>	1929	Arraias	João de Abreu
<i>Folha dos Moços</i>	1930	Porto Nacional	Frades Dominicanos
<i>O Colegial</i>	1940	Pedro Afonso	Messias Tavares e Álvaro Japiaçu
<i>Voz do Norte</i>	1940/1940	Tocantinópolis	Olíbrio Lima
<i>A Palavra</i>	1938/1942	Pedro Afonso	Raimundo Costa Júnior, Messias Tavares, Álvaro Japiaçu
<i>A Voz de Pedro Afonso</i>	1942/1942	Pedro Afonso	João Matos Quinaud
<i>Correio do Norte</i>	1948/1953	Tocantinópolis	Antônio Gomes Pereira e Renato Soares

<i>O Tocantins</i>	1950	Tocantinópolis	Tibério Maranhão Azevedo
<i>O Goiás Central</i>	1950	Porto Nacional	João Mattos Quinaud
<i>Ecos do Tocantins</i>	1951/1961	Pium	Trajano Coelho Neto
<i>A Norma</i>	1953	Porto Nacional	Osvaldo Ayres da Silva
<i>A Palavra Livre</i>	1953	Tocantinópolis	Darci Martins Coêlho e Messias Alves Bezerra
<i>A Verdade</i>	1956	Tocantinópolis	Ribamar Marinho e Antonio Fernandes Santos e gerente Raimundo Guimarães.
<i>O Estado do Tocantins</i>	1956/1960	Porto Nacional	Feliciano Machado Braga, João Mattos Quinaud, Fabrício César Freire.
<i>Anuário do Tocantins</i>	1957/1958	Pium	Trajano Coelho Neto e Ateneu Rego Santos
<i>Folha da Natividade</i>	1958/ (?)	Natividade	Adail Viana Santana, redator-chefe Cairo Porfírio Carneiro.
<i>O Polígrafo</i>	1957/1957	Porto Nacional	João Matos Quinaud
<i>Folha de Gurupi</i>	1963/1963	Gurupi	Antônio Poincaré Andrade
<i>Porto Nacional Jornal</i>	1964/1966	Porto Nacional	Antônio Poincaré Andrade
<i>Paralelo 13</i>	1968/1068	Goiânia	Getúlio Matos Quinaud
<i>Tribuna da Amazônia</i>	1973/1975	Araguaína	Otávio Barros
<i>O Estado do Tocantins</i>	1975/2019...	Araguaína	Otávio Barros
<i>Jornal de Paraíso do Norte</i>	1975/1975	Paraíso do Tocantins	Anadir Costa Galvão
<i>Folha do Tocantins</i>	1978/1999	Araguaína	Aldo Ayres, Rosimeire Ayres
<i>Jornal do Tocantins</i>	1979/2018	Araguaína	Grupo Jaime Câmara – Clélio

			Silveira Filho e Luiza Renovato
<i>O Governo</i>	1980/1999	Paraíso do Tocantins	Aldo Ayres Costa Filho, Cínthya Ayres e Rosimeire Ayres
<i>A Tribuna de Paraíso do Norte</i>	1980/1982	Paraíso do Tocantins	Sebastião Reis de Oliveira Filho
<i>Jornal o Norte</i>	1983	Gurupi	Divino Alan
<i>Correio do Norte</i>	1984/1990	Araguaína	Luiz de Souza Pires
<i>O Paralelo 13</i>	1986/2019...	Porto Nacional	Edson Rodrigues e Edvaldo Rodrigues
<i>O Cristalino</i>	1984/1988	Cristalândia	Joamar Carvalho Brito, Gutemberg Brasil
<i>O Regional</i>	1986	Araguaína	Sandra Miranda
<i>Folha da Cidade</i>	1988/2018	Gurupi	Luiz Barbosa Aguiar e Antônio Júnior Veras
<i>O Diálogo</i>	1988/1988	Paraíso do Tocantins	José Di Ambrósio e Carlos Ferreira Neves (Carlinhos Nevé)
<i>O Semanário</i>	1988/1988	Gurupi	Jarbas Coutinho, Ivonete Mota e Zacarias Martins

Fonte: Almanak de Goyaz (1887) Neto (1951), Teles (1989), Pina (1980), Silva (2003), Costa (2004), Anjos (2017), Bucar (2018).

Para melhor compreensão da organização das fontes sobre o desenvolvimento da imprensa no norte de Goiás pode se dividir esta atividade em dois grandes períodos compreendidos como antes e depois da criação do Estado do Tocantins.

O primeiro período, de 1891 a 1988, vai do aparecimento do primeiro jornal, *Folha do Norte*, até a criação do Estado. A imprensa deste período tinha como motivação, supõe-se, a defesa da região ressignificada como isolada e esquecida do centro do poder burocrático instalado da Capital, ao sul da província.

O segundo período, vai de 1988 aos dias atuais; a imprensa, em função da mudança de contexto, ganha outra motivação: agora, mais do que acompanhar a instalação do novo Estado, era preciso contribuir com o seu desenvolvimento. O presente estudo se ocupa de

investigar e sistematizar as fontes históricas do primeiro período. (CAVALCANTE, 2003, MUNARO 2017, GIRALDIN, 2002).

Para efeito de sistematização das fontes primárias este estudo adota uma divisão do primeiro período em três fases – 1891 a 1940, imprensa sertaneja; de 1940 a 1960, imprensa autonomista de 1960 a 1988, imprensa utilitária, obedecendo a tipologia escolhida de acordo com as características de cada época (SODRÉ, 1983).

Quadro 1 - Classificação dos jornais do norte de Goiás por período

Tipos	Período	Características
Sertaneja	1891 a 1930	Imprensa provinciana, circulação local, texto formal, linguagem impoluta, formato ofício, tiragem pequena de até 100 exemplares.
Autonomista	1930 a 1960	Circulação regional, texto informativo, linguagem formal, imprensa engajada que se colocava a serviço da transformação da região. Formato tabloide, projeto gráfico.
Utilitária	1960 a 1988	Imprensa comercial, autossuficiente, moderna, atuação ampla e fraca cobertura regional. Formato standard, 12 páginas, tiragem de 2 mil exemplares. Orientada por valores da objetividade e imparcialidade.

Fonte: Adaptação do autor com base em tipologias de Bardin (2009) e Sodré (1983).

A primeira fase 1891 a 1930 a atividade de imprensa se restringe a um polo, Porto Nacional e entorno. Segunda fase, de 1930 a 1960, a imprensa se espalha por toda região ganhando mais um polo importante que foi Tocantinópolis. Durante todo este período Porto Nacional se mantém como o grande centro da imprensa. A terceira fase de 1960 - 1988 – Araguaína assume a condição de polo da imprensa que pode ter relação com o fato de ter se

tornado a maior cidade da região, com localização geográfica privilegiada, na margem do novo eixo de desenvolvimento, a Rodovia Belém-Brasília.

A imprensa deste período tem acabamento mais moderno, tem cobertura mais ampla, bem como circulação. Mas perde na cobertura regional, em comparação com a imprensa de outros períodos. A cobertura demasiada da política, sobretudo em períodos eleitorais minguavam os espaços editoriais dedicados a problemática regional. Jornais que pretendiam ser estaduais se observa que não têm o mesmo tratamento noticioso de periódicos que se identificam apenas como regionais.

Esta lista não inclui jornais que embora apresente alguma relação com o norte de Goiás não tinham conteúdo editorial voltado para a região, portanto não se enquadram nos critérios adotados por este estudo para classificação de imprensa tocantinense.

Tabela 2 - Características editoriais jornais do norte de Goiás (1891-1988)

Jornal	Subtítulo	Formato/colunas	Estilo redacional
<i>Folha do Norte</i>	Órgão imparcial	Ofício, quatro páginas, três colunas	Texto corrido de fundo, linguagem formal, notas variedades
<i>O Incentivo</i>	Noticioso imparcial	Ofício, quatro páginas três colunas	Texto opinativo de fundo com notas em quatro colunas fixas
<i>Norte de Goyaz</i>	Periódico bimensal	Tabloide quatro páginas quatro colunas	Texto corrido de fundo virando a página e notas informativas diversas, Variedades, Noticioso, A Pedido e Última hora.
<i>Jornal do Povo</i>			
<i>O Corisco</i>			
<i>Voz do Norte</i>	Informativo noticioso	Ofício, quatro páginas, colunas	Texto corrido de fundo e notas sociais
<i>O Norte</i>	Noticioso político	Ofício, quatro páginas, quatro	Texto corrido de fundo com notas diversas

		colunas	
<i>Folha dos Moços</i>	Órgão católico	Ofício, quatro páginas, uma coluna	Texto corrido sem divisão de espaço
<i>O Tocantins</i>	Noticioso	Ofício, quatro páginas, três colunas	Texto corrido com notas diversas
<i>O Colegial</i>	Juvenil informativo literário	Ofício, quatro páginas, três colunas	Textos corridos assinados nas três colunas e notas sociais
<i>Voz do Norte</i>	Porta voz da Aliança Liberal	Ofício, quatro páginas, três colunas	Texto corrido de fundo com composição de notas diversas
<i>A Palavra</i>	Não tem	Ofício, quatro páginas, quatro colunas	Textos separados por linhas muito bem distribuídos
<i>A Voz de Pedro Afonso</i>	Sob a égide de João Matos Quinaud	Ofício, quatro páginas, três colunas	Texto corrido principal com quebras para notícias menores
<i>Correio do Norte</i>	Informativo noticioso	Ofício, quatro páginas, quatro colunas	Matérias divididas por linhas bem diagramadas
<i>O Goiás Central</i>	Informativo noticioso	Tabloide, seis páginas, quatro colunas	Manchetes, matérias distribuídas conforme projeto gráfico
<i>Ecos do Tocantins</i>	Hebdomadário político independente	Tabloide, quatro páginas, cinco colunas	Texto opinativo e matérias e colunas fixas, projeto gráfico moderno e limpo
<i>A Norma</i>	Informativo partidário	Ofício, quatro páginas, quatro colunas	Textos divididos por linhas
<i>A Palavra Livre</i>	Informativo noticioso	Ofício, quatro páginas, quatro colunas	Matérias bem distribuídas de acordo com projeto gráfico

		colunas	
<i>A Verdade</i>	Não tem	Ofício, quatro páginas, quatro colunas	Matérias a partir da capa compondo com notas diversas
<i>O Estado do Tocantins</i>	Periódico independente	Tabloide, quatro páginas, cinco colunas	Matérias principais a partir da primeira página melhor utilização do espaço
<i>Anuário do Tocantins</i>	Órgão de divulgação do Tocantins	Revista, 200 páginas, seis colunas	Texto jornalístico compilação de dados para consulta
<i>Folha da Natividade</i>			
<i>O Polígrafo</i>		Formato ofício, quatro páginas, quatro colunas	Texto principal como fundo com notas políticas, sociais e de variedades
<i>Folha de Gurupi</i>	Não tem Informativo noticioso	Formato tabloide, quatro páginas, quatro colunas	Matérias a partir da primeira página com colunas de opinião e de variedades
<i>Porto Nacional Jornal</i>	Informativo	Tabloide, seis páginas, cinco colunas	Matérias distribuídas de acordo com projeto gráfico
<i>Tribuna da Amazônia</i>	Opinativo	Tabloide, oito páginas, quatro colunas	Manchete principal, colunas de opinião e de notas políticas
<i>O Estado do Tocantins</i>	Não tem	Tabloide, 12 páginas, seis colunas	Manchete principal, colunas opinativas, e veiculação de material de cunho histórico
<i>Paralelo 13</i>	Órgão difusor do Norte Goiano	Germânico, 12 páginas, seis colunas	Chamadas de capa, artigos e distribuição de matérias de acordo com projeto gráfico
<i>Jornal de Paraíso</i>		Tabloide, oito	Matérias em lugar de

<i>do Norte</i>		páginas, cinco colunas	manchetes distribuição aleatória e irregular
<i>Folha do Tocantins</i>	Não tem	Standard, 12 páginas, seis colunas	Manchete principal com chamadas correlatas projeto gráfico
<i>Jornal do Tocantins</i>	Não tem	Standard, 12 páginas, quatro colunas	Projeto gráfico dividido por editoriais da política ao esporte
<i>O Governo</i>	Não tem	Standard, 10 páginas, seis colunas	Manchetes extensas, distribuição aleatória de matérias
<i>A Tribuna de Paraíso do Norte</i>			
<i>Jornal O Norte</i>		Standard, 12 páginas, cinco colunas	
<i>Correio do Norte</i>	Não tem No expediente consta Órgão de veiculação dirigida	Standard, 12 páginas, seis colunas	Manchetes, distribuição de matérias de acordo com projeto gráfico
<i>O Paralelo 13</i>	Noticiando a verdade	Standard, 12 páginas, seis colunas	Manchetes em letras garrafais e diagramação cercada por traços
<i>O Cristalino</i>	Órgão informativo do município de Cristalândia e região	Tabloide, oito páginas, cinco colunas	Chamadas de capa, distribuição hierárquica das matérias projeto gráfico
<i>O Regional</i>	Informativo	Standard, 14 páginas cinco colunas	Manchetes extensas
<i>Folha da Cidade</i>	Não tem	Tabloide, oito páginas, cinco colunas	Manchetes pulverizadas contemplando assuntos mais

			importantes, colunas diversas
<i>O Diálogo</i>		Tabloide, oito páginas quatro colunas	Manchetes como matérias corridas, distribuição aleatória, colunas de variedades
<i>O Semanário</i>	Informativo noticioso	Tabloide, oito páginas, cinco colunas	Manchetes, contemplando principais assuntos, projeto gráfico e utilização de ilustração

Fonte: Almanak de Goyaz (1887) Neto (1951), Teles (1989), Pina (1980), Silva (2003), Costa (2004), Anjos (2017), Bucar (2018).

Analisando dos dados da tabela 2 que apresenta as características editoriais dos jornais do norte de Goiás, pode-se observar uma evolução editorial dos periódicos ao longo do período estudado. Tanto do ponto de vista gráfico quanto ao conteúdo jornalístico. Na primeira fase se tem jornais nanicos, com texto opinativo de capa, virando as páginas, com pouco recurso de diagramação. Na segunda fase já se tem jornais maiores, tamanho tabloide com projeto gráfico. Na terceira fase se encontra jornais grandes, formato standard, com 12 ou mais páginas com chamada de capa e moderno projeto gráfico com recursos de ilustração e fotos jornalísticas. Pelos dados da tabela se constata uma diferença acentuada de uma fase para a outra.

3.1 Imprensa artesanal: os manuscritos do norte de Goiás, imprensa feita com graça e ousadia

O complexo aparato de comunicação que o Tocantins dispõe atualmente como resultado direto das transformações operadas principalmente a partir da criação do Estado se torna difícil imaginar como era a comunicação na região norte de Goiás até a criação do Estado. Durante quase 100 anos a imprensa exerceu completa supremacia no contexto da produção jornalística como a única mídia no norte com lugar de fala da região.

Mas não esteve sozinha, aos poucos, conforme avanço das pesquisas de mídia percebe-se a existência de outras formas de comunicação que estiveram até agora invisíveis e que foram largamente empregadas no norte de Goiás. Os manuscritos, classificados de “estranhos e insólitos jornais” (CUNHA, 1994, apud BARBOSA, 2017, p. 7) ainda não

descobertos por estudos acadêmicos, construíram uma trajetória própria e curiosa na história da comunicação da região no norte de Goiás.

Constatamos ocorrências de jornais manuscritos em várias cidades do norte de Goiás, como Porto Nacional e Pedro Afonso, tradicionais polos de imprensa tipográfica, mas também em Dianópolis e Cristalândia que nunca tiveram prelos, dentre outras, sem nenhuma relação direta, mas concomitantemente com a imprensa tipográfica que revela desejo de comunicar dos moradores locais, recorrendo aos processos disponíveis.

Os manuscritos são conceituados como publicações alternativas, artesanais, de baixo custo e tiragem limitada (RIZZINI, 1977; SODRÉ, 1983), praticado quase sempre por estudantes, que integram o que Barbosa conceitua de ordem comunicacional manuscrita do qual fazem parte panfletos, cartas, proclamas, editos e avisos, cuja “evidência de sua existência permite pensar numa ordem manuscrita pública preexistente à circulação de jornais” (BARBOSA, 2017, p.19).

[...] há a exploração no espaço público, primeiro de uma ordem manuscrita diversa, para só então ser possível produzir jornais que sintetizam dois mundos: novo da tecnologia imprensa e o mais antigo da tecnologia das letras manuscritas que também tem o objetivo de se tornar expressivo no espaço público. (BARBOSA, 2017, p.19).

Os manuscritos têm uma tradição na cultura ocidental. Rizzini (1977) aponta que desde a Grécia Clássica se tem registro sobre a sua utilização como meio de produção de notícias.

Até onde chega a nossa penetração na Antiguidade, lá encontramos – em pedra, pau, metal, barro, concha, fibra, pele e papel – o jornal, isto é, a informação rudimentar de algum acontecimento contemporâneo conservado pelos símbolos; [...] (RIZZINI, 1977, p. 3).

A historiografia do jornalismo aponta que os manuscritos são anteriores aos tipográficos Rizzini (1977) e estes já eram produzidos bem antes da invenção de Gutemberg, no século XV. No Brasil proliferaram no século XIX, como manifestação da palavra pública a partir da chegada da Corte de D. João VI, em 1808. Em Goiás, e mais especificamente na região norte não se sabe exatamente quando surgiu. Talvez junto ou até antes do aparecimento da tipografia, no final do século XIX.

Barbosa ressalta que estas folhas não foram pontos de intermediação até serem transformadas em impresso, “muitas resistiram assumindo a materialidade manuscrita”

(BARBOSA, 2017, p. 20). Periódicos produzidos muitas vezes com a utilização de recursos rudimentares, mas revelando o desejo de conexão com os avanços tecnológicos como relata Miranda (1973), sobre a experiência de *O Colegial*, em Pedro Afonso.

Em dezembro de 1940, dois jovens estudantes Messias Tavares e Álvaro Maranhão Japiassú lançaram um jornal manuscrito – *O Colegial*, que chegou a circular com clichês confeccionados em casca de cajazeira. O pequeno jornal circulou 43 vezes, no período compreendido entre 1º de dezembro de 1940 a 9 de julho de 1942. (MIRANDA, 1973, p.52).

O uso de clichê confeccionado manualmente demonstra a vontade de acompanhar os recursos da tipografia. Essa mistura de manuscrito com recurso tecnológico tipográfico acompanha o desenvolvimento destas duas ordens, que num determinado período era comum a fusão de elementos compondo uma mesma plataforma. “Mas a não existência de tipografias para a impressão dos periódicos não representou necessariamente entraves à circulação de jornais”. (BARBOSA, 2017, p. 21).

Os manuscritos seguiam o formato *in quatro* no modelo de livro, praticado pelos jornais do século XIX. Com o advento da tipografia passaram a cultivar o formato tipográfico. Normalmente com quatro páginas, em papel almaço com pauta ou liso, em três colunas.

Esse tipo de periódico foge ao conceito de imprensa que faz referência ao equipamento, prensa móvel, mecanismo de multiplicação de textos por meio da impressão, mas recebem a classificação de jornais porque praticavam a difusão de notícias e ao seu modo, cumpriam a missão de informar, de fazer jornalismo. Um tipo de jornalismo, bem próprio, em função das suas condições de produção.

Jornalismo epistolar, quase periódico ou periódico – geralmente semanal de acordo com os ordinários – variado e indiscreto, dispendo de um público resumido, mas ávido e crescente, não necessitava senão atravessar do diletantismo ao profissionalismo para encarrear no seu próprio e sôfrego destino de informar mais, mais depressa e a mais gente. (RIZZINI, 1977, p. 73).

Críticos, debochados e às vezes ferinos, mas sempre bem-humorados. Os manuscritos faziam jornalismo com graça, ousadia e irreverência. Tratavam de assuntos corriqueiros, iam da política ao colunismo social, passando pela cultura e a polícia. Como dispunham de pouco espaço iam direto ao assunto, sem rodeios, apontavam o dedo e causavam polêmica. Eram admirados e odiados ao mesmo tempo. A grande maioria teve vida efêmera.

Os manuscritos eram mantidos basicamente com recursos oriundos da venda de assinaturas que funcionava como um reconhecimento ao esforço e talento dos editores. A assinatura, mas que apoio financeiro estabelecia um vínculo de fidelidade de leitura que justificava a sua produção. Rizzini (1977) observa que assinatura garantiu a sobrevivência da informação escrita em momentos de cerceamento desta atividade.

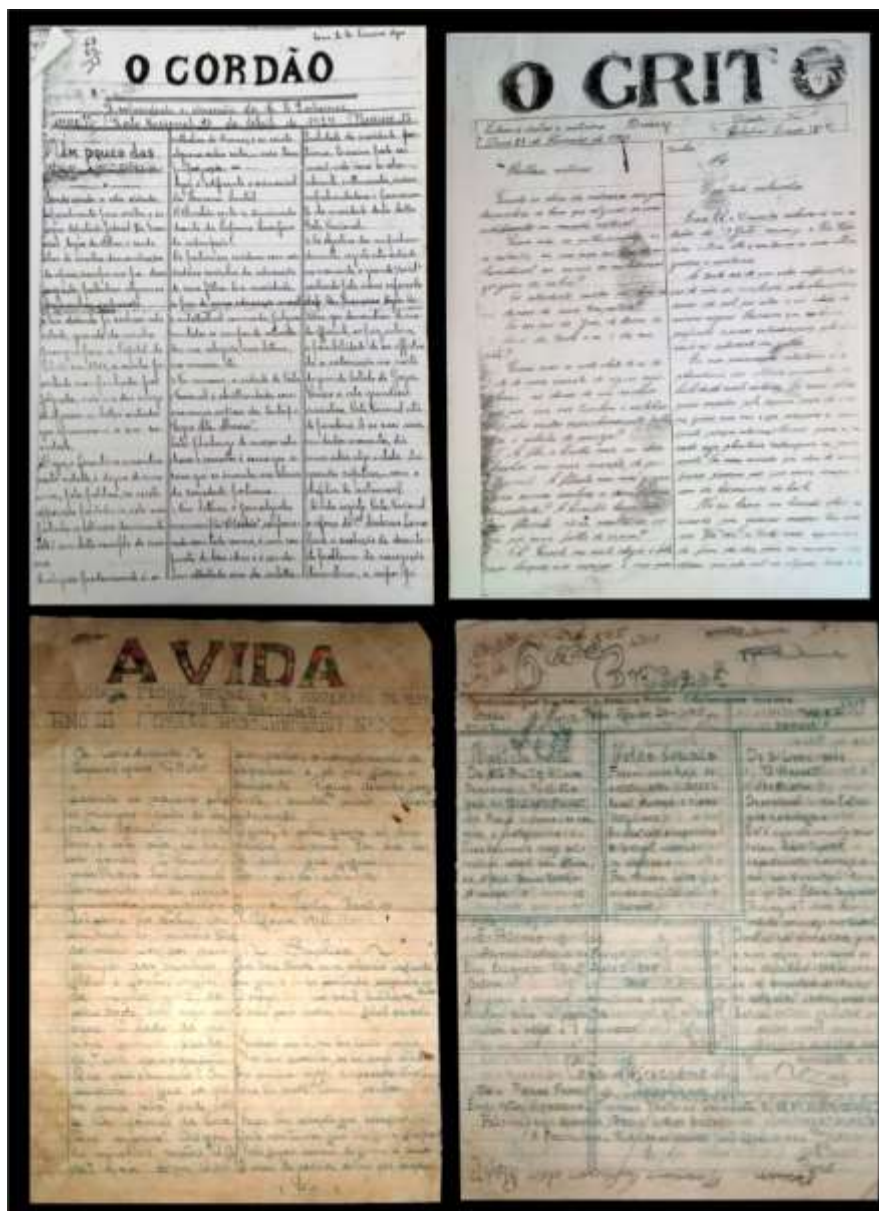
O pesquisador ressalta que das três vias econômicas gradualmente rompidas pelo jornal – assinatura, venda avulsa e publicidade – a gazeta manuscrita “adiantou-se a das assinaturas, única tateável nas trevas em que longamente se foragiu a informação escrita” (RIZZINI, 1977, p. 73).

Rizzini (1977) pontua que levou muito tempo para a gazeta manuscrita superar o público assinante e garimpar o leitor avulso que podia ser abordado na rua, oferecendo maior segurança, já que historicamente a atividade dos gazeteiros era duramente reprimida, embora largamente praticada e bem recebida pelo público leitor.

O presente estudo apresenta o resultado de trabalho investigativo sobre os periódicos manuscritos do norte de Goiás, analisando suas características técnicas, motivos da sua existência e com que propósitos eram produzidos, preenchendo assim uma lacuna na história da imprensa tocantinense que ainda não contemplou os manuscritos produzidos na região.

A pesquisa tem como fonte de informação as narrativas dos jornais manuscritos e tem como referencial teórico Sodré (1983), com o seu clássico História da Imprensa no Brasil; Bourdieu (2007) e o seu conceito de representações mediadas e Barbosa (2017) com seu estudo inédito sobre os manuscritos do Brasil. O trabalho tem como base os métodos, indiciário de Ginzburg (2006) e de análise de conteúdo de Baldim (2009).

Figura 3- Manuscritos do norte de Goiás O Cordão, O Grito, A Vida e O Brasil



Fonte: Acervos particulares

Estudos revelam que o norte contou com um número considerável de jornais de variados formatos envolvendo diferentes modos de produção (COSTA, 2004; MACEDO, 2015; BUCAR, 2018). A diversidade desses jornais que se estende por ciclo temporal de cerca de 100 anos que inclui os manuscritos com ocorrências em várias cidades da região e que formam uma ordem própria. Fonte de informações sobre a produção jornalística ainda pouco estudada no Brasil; no Tocantins sequer mereceu registro em algum estudo de história da imprensa regional.

Ao contrário do que se imagina não se trata de uma prática jornalística que poderia ser chamada de pré-imprensa, mas um tipo de produção que surgiu antes, mas não cessou com o desenvolvimento da tipografia. “O que observamos é que o surgimento dos impressos não

significou o término de tais periódicos pertencentes a um mundo mais antigo: ordem comunicacional manuscrita.” (Barbosa, 2017, p. 19).

Este pesquisador encontrou pelo menos nove manuscritos em acervos particulares em meio a documentos históricos do norte de Goiás. A descoberta foi meio por acaso. Não sabia da existência de manuscritos e nem os procurava, mas num dado momento da pesquisa de campo esses jornais foram surgindo revelando uma nova faceta da imprensa no norte de Goiás. A princípio o que mais chamou atenção foi tom crítico e o bom humor, algo que não via nos tipográficos.

No início pensou-se apenas em fazer um registro de alta achado. Com o andar da pesquisa se pode constatar a ocorrência de manuscritos em várias localidades. Ficou impossível continuar desconhecendo esses periódicos que segundo Marialva (2017) compõe uma ordem própria, a ordem manuscrita.

O primeiro contato com estes periódicos foi em Pedro Afonso. Fiquei encantado com o conteúdo jornalístico e a riqueza textual, mas não o via ainda naquele momento, como objetivo de estudo, visto que imaginava tratar-se de uma experiência local. Mas logo fui demovido da ideia quando se constatou a existência de manuscritos em outras cidades, supondo então a existência de uma ordem de manuscritos em âmbito regional.

No decorrer da pesquisa foi confirmada a existência de manuscritos também em Porto Nacional e posteriormente em Dianópolis, tendo circulado em épocas diferentes. Com o uso do método indiciário de Ginzburg (2006) passei a investigar vestígios desses periódicos e já alcancei o total de nove títulos.

Continuei as buscas pelos tipográficos, mas ao mesmo tempo tenho desviado o olhar para esse tipo de publicação que virou a grande surpresa da pesquisa. Depois de receber mais informações sobre a existência de novos manuscritos conclui que existiu no norte de Goiás uma ordem manuscrita regional e que seria muito produtivo conhecê-la.

Para efeito de ilustração segue levantamento dos periódicos do norte de Goiás que se enquadram na ordem comunicacional manuscrita, conforme data de publicação – *A Luz* (1920), de Pedro Afonso; *O Cordão* (1928), de Porto Nacional; *O Grito* (1930), de Dianópolis; *A Vida* (1935), *O Norte* (1935), *O Brasil* (1940) e *O Colegial* (1940), de Pedro Afonso; *Voz do Araguaia*, de Cristalândia (1958) e *Terra Boa* (1972) de Dianópolis.

Em Porto Nacional circulou ainda na década de 80 o manuscrito Jacumã que teria sido editado pela organização Comsaúde. Por falta de mais informações este periódico não foi incluído na relação dos manuscritos de norte de Goiás.

Tabela 3- Relação de jornais manuscritos no norte de Goiás (1891-1988)

Periódico	Circulação	Cidade	Editor
<i>A Luz</i>	1920	Pedro Afonso	Silvina de Souza Brito
<i>O Cordão</i>	1928/1929	Porto Nacional	E. S. Portuense
<i>O Grito</i>	1930/1931	Dianópolis	Fianel
<i>A Vida</i>	1935/1935	Pedro Afonso	Redação anônima
<i>O Norte</i>	1935/1935	Pedro Afonso	Maria da Conceição Tavares
<i>O Brasil</i>	1940/1940	Pedro Afonso	Messias Tavares e Álvaro Japiassú
<i>O Colegial</i>	1940/1942	Pedro Afonso	Messias Tavares e Álvaro Japiassú
<i>Voz do Araguaia</i>	1958/1958	Cristalândia	Sebastião A. Oliveira e Alberto Pinheiro Lemos
<i>Terra Boa</i>	1972/1974	Dianópolis	Edilton Bartolomeu Silva, Benedito Pereira Lima e Antonio Costa Aires

Fonte: Acervos particulares

O primeiro jornal manuscrito no norte de Goiás que se tem conhecimento é mensário *A Luz*, que teria circulado em 1920, em Pedro Afonso, fundado pela estudante Silvina de Souza Brito. Sobre este periódico encontramos apenas registro na obra *História de Pedro Afonso*, de Ana Brito Miranda.

O primeiro jornalzinho escrito à mão – A LUZ – foi fundado pela estudante Silvina de Souza Brito, que circulou em 1920, quando a cidade de Pedro Afonso começava a renascer das próprias cinzas, como a fênix da lenda. A referida estudante era sobrinha e aluna da autora. (MIRANDA, 1973, p.51).

O segundo parece ser *O Cordão*, que surgiu em 1928, em Porto Nacional, tendo permanecido ativo pelo menos até 1929. Escrito em papel almaço, quatro páginas e pequena tiragem. No alto da primeira página, abaixo do cabeçalho vinha a identificação. Propriedade e

direção do E. S. Portuense. A assinatura do editor sugere a ideia de pseudônimo, uma maneira de mostrar que tinha dono e autoria, mas sem revelar, no entanto, a identidade do jornalista responsável.

Formato A4, escrito em papel almaço com pauta, quatro páginas, em três colunas sem ilustrações. Na dição de número 15 o editor fala da missão do periódico.

[...] o jornalzinho manuscrito “O Cordão”, confeccionado com todo esmero é um conjunto de boas ideias e é ainda um atestado vivo da intelectualidade da mocidade portuense. E assim pode ser considerado como responsável, vibrante, entusiasta, cívica, empreendedora e perseverante da mocidade desta bela Porto Nacional. (O CORDÃO, Nº 15, 1929).

A diagramação seguia o padrão dos jornais tipográficos da época. As matérias não tinham título e seguiam a coluna, passa para a seguinte e conforme o tamanho do texto virava a página. Os temas de pauta eram os mais variados possíveis, um pouco de tudo; informação, opinião, e notas capciosas em tom bem-humorado e ao mesmo tempo crítico como esta. “Gratificamos com bôa amizade a quem nos disser qual foi o cidadão que dançou de revolver à cinta no baile do dia 7?” (O CORDÃO, Nº 15, 1929).

O tom crítico e a linguagem despojada revelam o cotidiano da cidade com seus costumes e hábitos que não deixam de causar estranhamento. Imaginemos, no caso da nota acima. Se era o costume da época, nada mais normal, mas ao abordar o assunto o periódico não apenas registra um flagrante da cultura local, mas parece questionar a conduta, ainda que de forma bastante dissimulada. O que os manuscritos tinham de melhor, a crítica aos costumes.

Em 1930 surge em São José do Duro, Dianópolis, o semanário *O Grito*, que circulou até 1931. Abaixo do cabeçalho vinham os dizeres: literário, crítico e noticioso; diretor Fianel, redatores diversos. Escrito em papel almaço, quatro páginas, duas colunas sem qualquer ilustração. Assim como *O Cordão* a assinatura Fianel atendia a dois propósitos. Apontar que havia um autor intelectual e responsável pela publicação, mas ao mesmo tempo proteger a identidade.

Na maioria das vezes os leitores sabiam muito bem quem eram os autores daqueles escritos que chegaram às suas mãos, mas não havia como provar. Possivelmente era uma estratégia para preservar a linha crítica sem enfrentar as ameaças que acompanhavam esse tipo de publicação. O pedido de desculpa de um colaborador pode nos ajudar a compreender melhor esse dilema.

<<Perdão>>

Tendo eu a ousadia de no Grito do dia 20 me utilizar de um nome para publicar um Acrostico, e como me conta que pessoas que tem o referido nome tenha ficado bastante amarrado, por isso venho por meio deste folheiro implorar-nos o perdão de tamanho atrevimento [...]. (O GRITO, Nº 22, 1931).

Pedro Afonso parece ser o berço desse tipo de publicação. Ao menos cinco jornais manuscritos circularam na cidade, mesmo depois da chegada de um prelo na localidade a trajetória dos manuscritos continuou ativa. Os manuscritos de Pedro Afonso surgiram antes dos tipógrafos e permaneceram junto com eles.

Figura 4— Manuscritos do norte de Goiás O Norte, Terra Boa e O Colegial



Fonte: Acervos particulares

A Luz foi o primeiro, fundado em 1920, pela estudante Silvina de Souza Brito o periódico abriu caminho para novos empreendimentos. Outro manuscrito que marcou época na cidade pela irreverência foi A Vida, redação anônima. Escrito em papel almaço, formato

A4, quatro páginas, duas colunas. No subtítulo vinha a identidade, Redação Anônima. Trazia informações do cotidiano da cidade.

Messias Tavares em suas memórias sobre Pedro Afonso, em *Vozes do Tempo* relata que todos sabiam quem escrevia o jornalzinho debochado, mas a autora que era sua irmã (Maria da Conceição Tavares) não assinava para evitar retaliações já que o veículo era crítico e humorístico, e fazia muita fofoca. (TAVARES, 2016). O jornalista registra que seguiu até o fim de sua trajetória sem ocorrência de incidentes por conta da sua linha editorial.

Com o título *Considerando*, especial para “*A Vida*”, leitor narra preocupação e surpresa ao voltar para sua terra e se deparar com a publicação.

Quando eu viajava as mansas águas do caudaloso Tocantins com destino a esta vila, eu lia um jornal. A lancha marchava lentamente lançando ao ar escura fumaça enquanto eu pensava no destino, com saudade da minha terra dos meus rios, dos meus campos, das minhas flores e fontes enfim, da minha gente, da sociedade em cujo meio cresci. A lado da minha grande saudade, um pensamento. Que pensamento? Eu pensava...que ia para um vila onde não se lia jornal da terra. Que engano! Chegou às minhas mãos “*A Vida*”, lia-a com tanta simpatia, o pensamento desapareceu e ficou a saudade. Fiquei deveras contente; e ainda mais...considerando. Ô que, e sobre quem só direi noutro numero. Por ora basta saber que fiquei... Com-si-de-ran-do. [sic] (*A VIDA*, nº XX).

Ainda em 1935 surge *O Norte*, o segundo jornal editado por uma mulher. Maria da Conceição Tavares, que bem pode merecer o título de pioneira da imprensa de Pedro Afonso. Escrito em papel almaço, formato A4, quatro páginas em duas colunas, no mesmo formato de *A Vida*. Tinha tiragem de 15 exemplares, destinados aos assinantes. O periódico narrava fatos políticos, sociais e culturais da cidade.

No final dos anos 40, dois jovens estudantes – Messias Tavares e Álvaro Japiassú – que tinham acabado de concluir o ensino básico decidem empreender um projeto ousado. Editar um jornal para noticiar os acontecimentos da cidade. Talvez influenciados pelo *A Vida* e *O Norte* eles editam *O Brasil*, informativo juvenil bem-humorado, no mesmo formato dos manuscritos anteriores.

Uma nota de rodapé, sem título chama atenção para a missão do periódico. “Estamos trabalhando com todo o esforço para acendermos uma luz que aclare o espírito de todos e esta luz é o saber.” (*O BRASIL*, Nº38, 1940). Logo abaixo outra nota: “Prestes foi condenado. O capitão Luiz Carlos Prestes, chefe do comunismo no Brasil, acaba de ser condenado a 30 anos de prisão.” (*O BRASIL*, Nº38, 1940).

A essa altura Pedro Afonso contava com um prelo que imprimia o jornal *A Palavra*, lançado em 1938. Sem recursos para pagar a impressão na tipografia local, Messias e Japiassú resolvem montar um projeto mais bem elaborado que *O Brasil*. Nascia *O Colegial*. Escrito em papel almaço com pauta, quatro páginas, em três colunas e diagramado no formato de jornal.

Pelo visto a experiência com *O Brasil* fez a equipe avançar na produção de *O Colegial* que era bem mais apresentável. Tiragem de 50 exemplares distribuída junto aos assinantes. No editorial do primeiro número os editores dão a boa notícia.

Publica-se, neste luminoso domingo de dezembro, o primeiro número do jornalzinho, semanário, manuscrito, “O Colegial” destinado a ser o porta-voz da cidade de Pedro Afonso.

Apesar da modesta aparência está fadado a alcançar sucesso. Idealizado na noite de 25 de novembro, com grande entusiasmo dos seus fundadores, que desejam o progresso desta terra. [...] (O COLEGIAL, Nº 1, 1940).

A aventura dura pelo menos dois anos. Com a reativação da impressora o “jornalzinho” passa a ser impresso em tipografia e ganha formato de jornal. *O Colegial* que já tinha um público cativo amplia a sua audiência. O jornal, porém, deixa de existir em 1942, quando seus editores são convidados a assumir a edição do semanário *A Palavra*, criado por Raimundo Costa Júnior, proprietário do parque gráfico, posteriormente vendido aos dois jovens empreendedores.

O Terra Boa é o manuscrito mais contemporâneo, surgiu em 1972 em Dianópolis. Com boa apresentação gráfica. No subtítulo vinha a identificação da linha editorial com os dizeres, Informativo Educativo. Tendo como patrono João Terra Holmis.⁴ *O Terra Boa* era datilografado em papel de mimeógrafo que permitia a reprodução com melhor qualidade e dispo de recursos para ilustração.

Formato ofício, quatro páginas, duas colunas e recursos de ilustrações, assinadas por EB que deve se tratar do diretor Edilton Bartolomeu. O jornal contava com várias colunas que ajudava a separar os assuntos, dando ideia de dispor de projeto gráfico.

⁴Jornalista, músico e gestor público, assassinado em 1942, no garimpo de Santo Elias, em Dianópolis. Holmis atuou nos jornais *A Tarde*, de Carolina (MA) e *A Palavra*, de Pedro Afonso, cidade que chegou a ocupar o cargo de secretário da Prefeitura, e nessa condição, o de prefeito interino, em substituição ao titular.

O respeito pelo patrono João Terra Hólmis ia muito além de inspiração, chagava a alguma forma de veneração. Na edição de número seis traz uma relação completa dos bens deixados pelo jornalista, morto no início da década de 40. Abaixo da relação dos bens vem uma nota que revela a natureza da relação que os jornalistas do *Terra Boa* mantinham com o seu patrono.

consequimos em conceição do norte uma bicicleta que foi vendida por João Terra Holmis ao senhor Sebastião Guedes – na década de 30 – encontra-se em perfeito estado de conservação, rodaremos pela ruas dianopolinas nos próximos dias, agradecemos ao senhor Jonas Fernandes [sic]. (TERRA BOA, Nº 06, 1973).⁵

O jornal manuscrito que pode ser classificado como referência por este estudo é *O Colegial*, que se identifica como um veículo juvenil, humorístico e noticioso, mas que já pretendia ser porta-voz de Pedro Afonso. No segundo ano de circulação o periódico passou a contar com a participação de mais um estudante que foi saudado como um reforço de peso.

Na edição passada esquecemos de comunicar aos nossos leitores que o distinto jovem Florísval Rêgo assumiu as funções de redatôr-chefe deste jornal.

A sua entrada para o campo das letras pedroafonsinas contribuirá grandemente para o melhoramento leterario e humorístico deste semanario que tem na pessoa deste ilustre estudante o seu mais incansavel defensôr. Portanto estamos agora mais corajosos para prosseguir na árdua jornada do jornalismo [sic]. (O COLEGIAL, Nº 29, 1941).

Com o título João Terra Holmis, na edição que circulou no dia 10 de agosto de 1941, *O Colegial* dá a notícia do assassinato de um jornalista no norte de Goiás, não descreve as condições nem cita a motivação.

⁵ Como se pode ver pela citação o jornal era datilografado em letras minúsculas, o que indica que possivelmente a máquina usada para a sua produção devia ter algum problema mecânico com a alavanca da caixa alta ou poderia tratar-se de escolha de estilo? Neste caso, não deixa de ser uma atitude de irreverência e que por outro lado, revela as precárias condições de produção da imprensa na região.

Fomos informados de que foi assassinado no Município de Dianópolis no garimpo denominado de Sto. Elias em 18 de p findo o brilhante jornalista João Terra Holmis que colaborou com assiduidade durante um ano nos jornais “A Tarde” e “A Palavra”

Ocupou diversos cargos sendo que nesta cidade exerceu o de secretario e o de prefeito interino.

“O Colegial” apresenta aos desolados membros da família enlutada sentidas condolências [sic]. (O COLEGIAL, nº 27, 1941).

A partir de 9 de julho de 1942 passa a ser impresso na gráfica do semanário *A Palavra* que foi adquirida pelos jovens editores. O que indica que com a experiência na feitura de manuscritos tomaram gosto pelo jornalismo e empreenderam no negócio.

Quando iniciamos a feitura do nosso jornalzinho escrito à mão, nem dicionários possuíamos. Consultávamos alheios dicionários e íamos decorando palavras e definições.

No dia 22 de setembro de 1941, eu e Álvaro Japiassú nos associamos na compra de um exemplar usado do dicionário prático ilustrado de Jayme Sérguier. Experimentei a maior alegria de minha vida, quando me senti dono de parte do referido dicionário[...]. (TAVARES, 2016, p. 201).

Jornal bem produzido que refletia muito bem o idealismo da dupla que o criou. *O Colegial* pode ser considerado um manuscrito referência, já que conseguiu alcançar a versão tipográfica. O único manuscrito do norte de Goiás que conseguiu essa transição.

E mesmo depois de encerrado o contrato com a gráfica que o obrigou a voltar a ser manuscrito, não perdeu em qualidade. O periódico só deixou de circular depois que os seus editores adquiriram a gráfica do jornal *A Palavra* e tiveram direito ao título do semanário que por contar com registro junto ao Ministério do Trabalho, como recomendava a legislação da época, tornou-se mais viável que *O Colegial* que não tinha esse registro junto ao regulador.

Sobre o *Voz do Araguaia*, de Cristalândia que surgiu em 1958 só sabemos que era datilografado com a reprodução de um exemplar por vez, como o mecanismo de manuscrito.

No final da década de 70 quando o rádio e a televisão estavam chegando ao norte de Goiás ainda se podia encontrar manuscritos circulando normalmente. O *Terra Boa*, de Dianópolis circulou até 1974, tendo alcançado um padrão gráfico bem apresentável. Formato ofício, quatro páginas, duas colunas e utilização de ilustração. Era datilografado e rodado em mimeógrafo. Continha títulos nas matérias, retrancas, e até chamada de capa. A linha editorial era muito clara, embora inatingível, como aponta texto do colaborador convidado pela direção para exercer a função de correspondente.

Nosso correspondente de Goiânia

Introdução

Olha caro leitor, é uma satisfação a toda prova que aceitei o convite para colaborar com este jornalzinho, cuja finalidade é levar até você um pouco de tudo que acontece em todo lugar. depois de ler alguns números e depois de ouvir o cel. antonio, conclui que este jornal é como dianópolis: atual, moderno: atuante: onde a ultima notícia chega em primeiro lugar. este é um jornal que, pelo plá que eu tive com o cel.; tem como preocupação servir você que é a razão direta da existencia do mesmo. a preocupação desses rapazes que odirige é buscar a verdade onde quer que ela se encontre. o ‘terra boa’ está em conformidade com o nosso pensamento, segundo as palavras do cel.; não tem preconceito: não em partido, cor, posição social ou raça. a sua meta é: elogiar o que está certo e criticar o que está errado. pois o que é certo, é certo; o que é errado, é errado! [sic] (TERRA BOA, Nº 06, 1973).

Quadro 2- Características editoriais

Jornal	Subtítulo	Secções fixas	Estilo editorial
<i>A Luz</i>	Voz da juventude	Artigo de fundo em forma de editorial folhetim noticioso charadas	Texto corrido em três colunas
<i>O Cordão</i>	Não possuía	Artigo de fundo em forma de editorial folhetim noticioso charadas	Texto corrido em três colunas
<i>O Grito</i>	Literato crítico e noticioso	Artigo de fundo em forma de editorial em duas colunas caligrafia de bico de pena	Texto corrido duas colunas
<i>A Vida</i>	Redação Anônima	Artigo de fundo em forma de editorial em duas colunas	Texto corrido em duas colunas
<i>O Norte</i>	Órgão da mocidade	Artigo de fundo de colaboradores como chamada principal	Texto corrido em duas colunas
<i>O Brasil</i>	Não possuía	Notas diversas e anúncios na chamada de capa	Texto corrido em três colunas

<i>O Colegial</i>	Órgão juvenil	Artigos de fundo como manchetes assinados pelos editores	Texto corrido em três colunas com continuidade na página 2
<i>Voz do Araguaia</i>	Órgão juvenil	Produzido pelo processo em mimeografo datilografado	Desconhecido
<i>Terra Boa</i>	Informativo educativo	Notas diversas como manchetes	Texto completo matéria de capa

Fonte: Construção do autor com base nas categorias de análise desenvolvida por Barbosa (2018)

Quando se analisa o desenvolvimento da imprensa manuscrita no norte de Goiás podemos destacar pelo menos dois aspectos que saltam aos olhos e que a justificam: a dificuldade de se fazer jornais na região e a gritante necessidade dos moradores de compartilhar informações, frente ao isolamento histórico a que foi submetido o norte de Goiás, por longos anos.

Com tiragem máxima de até 50 exemplares, os manuscritos se multiplicavam aos olhos dos leitores, eram passados de mão em mão, ampliando enormemente sua capacidade de leitura. Eram jornais de linguagem despojada, em tom satírico, bem-humorados, críticos, literários e até difamadores. O recurso de pseudônimo ou até produção anônima eram utilizados a fim de evitar retaliações.

A tiragem de 50 exemplares no caso do *Colegial*, de Pedro Afonso é significativa em comparação com os tipógrafos pioneiros que não passavam de 100 exemplares. Há que se ressaltar que neste período a imprensa no norte de Goiás se resumia a jornais locais de Porto Nacional compelidos pelos altos índices de analfabetismo, predominante na época.

Quadro 3- Estilo gráfico e materialidades

Jornal	Tipo de papel	Nº de colunas	Tipologia	Destaques
<i>A Luz</i>	Papel almaço	Desconhecido	Desconhecido	Desconhecido

<i>O Cordão</i>	Papel almaço com pauta de baixa gramatura	Três colunas separadas com traço duplo feito a régua	Letra cursiva com inúmeras imperfeições	Nome do jornal escrito em letra de forma com imperfeição
<i>O Grito</i>	Papel branco liso com linhas feitas a régua	Duas colunas separadas com traço duplo feito a régua	Letra cursiva com esmero e perfeição	Nome do jornal em letra de forma desenhada título em caixa alta
<i>A Vida</i>	Papel almaço com pauta de gramatura superior	Duas colunas simétricas separadas por um traço feito a régua	Letra cursiva com poucas imperfeições	Nome do jornal em letra de forma com bordaduras e cores chamativas
<i>O Norte</i>	Papel almaço pautado de baixa gramatura	Três colunas com formatação em forma de desenho	Letra de forma em caixa baixa com inúmeras imperfeições	Nome do jornal em letra de forma desenhada em caixa baixa
<i>O Brasil</i>	Papel almaço pautado de baixa gramatura	Três colunas separadas por traço duplo formando caixa	Letra de forma em caixa baixa com inúmeras imperfeições	O nome do jornal em letra de forma caixa baixo desenhado
<i>O Colegial</i>	Papel almaço pautado de gramatura superior	Três colunas simétricas separadas por traço simples feito a régua	Letra cursiva com esmero de	O nome do jornal em letra

			perfeição	de forma seguindo molde físico apresentando bordaduras em cores vivas
<i>Voz do Araguaia</i>	Desconhecido	Desconhecido	Letra de máquina de datilografia	Desconhecido
<i>Terra Boa</i>	Papel branco liso de baixa gramatura	Duas colunas irregulares separadas por espaço em branco	Letra de máquina de datilografia com apoio de ilustração feita a mão	Nome do jornal em letra de forma em caixa baixa desenhado

Fonte: Construção do autor com base nas categorias de análise desenvolvidas por Barbosa (2018)

Quadro 4- Estilo gráfico e marcas textuais

Jornal	Letra	Escrita	Marcas no texto	Autoria
<i>A Luz</i>	Desconhecido	Desconhecido	Desconhecido	Desconhecido
<i>O Cordão</i>	Irregular com caneta tinteiro preta	Bico de pena	Sem rasuras, ricas ou correções	Copiado por uma única pessoa
<i>O Grito</i>	Regular com caneta tinteiro preta	Bico de pena	Sem rasuras, ricas ou	Copiado por uma única pessoa

			correções	
<i>A Vida</i>	Regular com caneta azul	Bico de pena	Sem rasuras, riscos ou correções	Copiado por uma única pessoa
<i>O Norte</i>	Regular com lápis preto	Bico de pena com caixas retangulares como arranjo gráfico	Sem rasuras, riscos ou correções	Copiado por uma única pessoa
<i>O Brasil</i>	Irregular com caneta tinteiro azul	Bico de pena com traço duplo formando quadrados	Com rasuras e vestígios de vazamento da tinta	Copiado por uma única pessoa
<i>O Colegial</i>	Regular com lápis de várias cores	Bico de pena com traço quase invisível separando as colunas	Sem rasuras, riscos ou correções	Copiado por uma única pessoa
<i>Voz do Araguaia</i>	Desconhecido	Desconhecido	Letra de máquina de datilografia	Desconhecido
<i>Terra Boa</i>	Regular	Letra de máquina de datilografia	Sem rasuras, riscos ou correções.	Produzido por uma equipe

Fonte: Construção do autor com base nas categorias de análise desenvolvidas por Barbosa (2018)

Jornais manuscritos são ignorados pelo estudo de mídia, mas tiveram sua importância na história da imprensa brasileira. Os manuscritos eram quase sempre distribuídos gratuitamente e, muitas vezes apresentavam notícias em forma de verso, recurso que servia para compensar a impossibilidade de reprodução em massa. O verso facilitava a memorização. Os jornais manuscritos são testemunho de um interessante cruzamento entre cultura oral e cultura escrita no século XIX.

No Brasil o manuscrito antecipou a tipografia e não cessou com a instalação da indústria gráfica. A Biblioteca Nacional mantém em seu acervo 22 desses periódicos, dos quais 20 estão sob a guarda do Setor de Manuscritos. O título mais antigo presente nesta exposição é *A Careta*, de 1863, produzido na Rua Direita, atual Primeiro de Março, espaço de grande importância comercial no Rio de Janeiro da época. Os jornais manuscritos do norte de Goiás constituem importante fonte de informações sobre os vários processos de produção de comunicação na região. Suas carências, necessidades e desejos. Como assinala Barbosa (2018), desvendá-los é mergulhar num universo ainda pouco estudado, que nos leva a uma nova ordem comunicacional que tem raízes históricas no Brasil.

Pela análise dos manuscritos pode-se definir algumas características da imprensa desta região comum a todos os periódicos ou pelo menos a maioria deles. Engajamento e o cultivo à imparcialidade são aspectos bastante acentuados quando se observa o conjunto desses periódicos. A imprensa do norte era uma imprensa “sisuda” e formal que não deu margens para o surgimento de pasquins. Este papel foi exercido pelos manuscritos, que pelo visto o desempenharam bem.

Deboche, irreverência, linguagem direta e bem-humorada. São as características dos manuscritos que também questionavam a imprensa tradicional. Eram contundentes nas críticas aos costumes, observadores atentos do cotidiano da comunidade local. Mas bebiam na mesma fonte do engajamento dos jornais impressos na luta pela criação do Estado.

Dois aspectos ficam bem evidentes quando se analisa os manuscritos do norte de Goiás. O envolvimento de jovens estudantes e mulheres na sua produção. O que não se verifica nos tipográficos. Só nos anos 70 vamos encontrar mulheres na direção de jornais tipográficos. Enquanto isso os manuscritos contavam com a participação das mulheres desde os anos 20.

Pelo menos três dos nove manuscritos catalogados por esta pesquisa foram criados e dirigidos por mulheres. São eles: *A Luz*, criado pela estudante Silvína de Souza Brito, em 1920; *A Vida e o Norte* editado por Maria da Conceição Tavares, 1935, todos de Pedro Afonso. *A Vida* mantinha no cabeçalho o indicativo, redação anônima, mas todos sabiam que era escrito por Maria da Conceição Tavares que logo depois lançou *O Norte*, com as mesmas características.

Um indicativo bastante forte de que os manuscritos eram mais abertos e inovadores. A evidência de sua existência concomitantemente com os tipográficos também indica uma crítica ou contraposição à imprensa tradicional. O que explica a existência de manuscritos em cidades polo de produção de imprensa como Porto Nacional e Pedro Afonso.

O baixo custo contribui para a proliferação desse tipo de jornais no norte de Goiás, marcado por enorme carência de comunicação. Não podendo arcar com os custos gráficos da tipografia ou impressão off set apelavam para o manuscrito. Uma alternativa barata, de fácil produção e que cumpria o mesmo objetivo levar sua mensagem ao público.

Após esta apresentação panorâmica dos manuscritos do norte de Goiás a história da imprensa tocantinense não pode mais continuar ignorando esses periódicos. Foram relacionados neste estudo pelo menos nove periódicos que foram encontrados meio por acaso, na esteira da investigação sobre a imprensa tocantinense.

Um número significativo para um estudo que não visava esse tipo de periódico. É possível que a produção de manuscritos na região seja um fenômeno mais amplo e mais complexo que este panorama sucinto ora apresentado.

Assim como os jornais impressos, cuja relação tem ampliado consideravelmente a partir dos avanços dos estudos de história da imprensa mais manuscritos antigos podem vir a aparecer, enriquecendo a historiografia da imprensa no norte de Goiás e do Brasil.

3.2 Estado da arte

A história da imprensa tocantinense ainda é uma área a ser ocupada. São poucos os trabalhos científicos sobre a temática. Os estudos sobre os jornais pioneiros da imprensa do norte de Goiás, *Folha do Norte* e *Norte de Goyaz*, liderado Laiton Costa é um trabalho pioneiro que vem despertando novos estudos.

Em seu estudo Costa destaca o pioneirismo do *Folha do Norte* que surge 61 anos depois do aparecimento da imprensa em Goiás e de 40 jornais publicados no sul do Estado. Costa usa como referência a obra de José Mendonça Teles sobre a história da imprensa

goiana, Matutina Meiapontense que traz a relação dos primeiros jornais goianos, incluindo os editados no norte de Goiás.

O que se sabe pela parca literatura que bebeu na fonte dos jornais antigos, é que na região que compreende o atual Tocantins houve inúmeros periódicos a serviço não apenas das elites políticas e econômicas da região, mas também a serviço da sociedade do norte, servindo, inclusive, como suporte para as diversas manifestações separatistas. (COSTA, 2004, p. 5).

Teles sustenta que o *Folha do Norte* foi o primeiro jornal do Norte. Narrativas do próprio jornal de outros periódicos que circularam posteriormente e que trazem informações sobre a imprensa da região confirmam esse dado. O Jornal *Ecos do Tocantins*, em sua edição de número 8, de 9 de setembro de 1951, divulga uma relação de jornais de Porto Nacional, elaborada pelo colaborador Ananias Pinto Cerqueira. Segundo Cerqueira está é a relação cronológica dos jornais que teriam sido editados em Porto Nacional até aquela data. O primeiro jornal editado em Porto Nacional foi o *Folha do Norte* (1891); o segundo, *O Incentivo* (1902); o terceiro *Norte de Goyaz* (1905), o quarto, *Jornal do Povo* (1920); O quinto, *Folha dos Moços* (1930); o sexto foi o *Goyaz Central* (1945), o sétimo foi o próprio *Ecos do Tocantins* (1951).

Macedo em artigo apresentado no Intercom analisa o jornal *Norte de Goyaz* e chega à conclusão que o periódico exerceu forte influência na criação do Estado.

(...) o Jornal Norte de Goyaz esteve ideologicamente envolvido com as questões de seu tempo e de sua região, deixando claro a perspectiva de defesa e compromisso com certos ideais. A principal delas, certamente, foi a defesa da fragmentação do estado do Goiás, libertando o norte para buscar seu próprio desenvolvimento. (MACEDO, 2015, p.2).

Oliveira, em seu estudo sobre Porto Nacional denominado de Um Porto no Sertão: Cultura e Cotidiano em Porto Nacional 1880-1910, contempla aspectos da história da imprensa ao destacar narrativas dos periódicos *Folha do Norte*, *O Incentivo* e *Norte de Goyaz* na construção do imaginário de um dos municípios do norte mais comentados nos registros dos viajantes.

O trabalho revela dados sobre o acervo dos três periódicos ao apresentar uma síntese das fontes consultadas. Foram consultados do nº 1 ao nº 51, do *Folha do Norte*, de 1891 a 1894; do nº 1 ao nº 22, de *O Incentivo* que corresponde ao período de 1901 a 1902 e do nº1 ao 120 do *Norte de Goyaz* que vai de 1905 a 1910. Esse acervo se encontra com familiares dos

editores dos respectivos veículos e só podem ser consultados com autorização do curador. Por estas informações pode-se concluir que o acervo dos três jornais pioneiros da imprensa do norte está conservado e disponíveis para consulta.

Paralelo aos estes primeiros estudos científicos sobre a imprensa do norte de Goiás são lançados alguns livros sobre o tema, editados por jornalísticas, cujas obras não atendem o rigor do método da academia. O primeiro trabalho neste sentido, *Vozes da Consolidação, A Comunicação Social no Tocantins*, de Luiz de Carvalho, que afirma que a imprensa está presente no norte de Goiás desde o século XVI quando a região fazia parte da Capitania de São Paulo. Carvalho, no entanto, só relaciona jornais a partir do final do século XIX. Em sua relação consta *O Tocantins*, que era editado em Vila Boa, hoje Cidade de Goiás, Goiás Velho e não era voltado para o leitor nortense. Carvalho acrescenta à relação jornais editados mais recentemente, a exemplo de *O Estado do Tocantins* e o *Correio do Norte*, que foram reeditados; o primeiro em 75 e o segundo em 84; o *Jornal do Tocantins*, 79; *O Regional*, em 84 e *O Jornal*, que foi fundado já depois da criação do Estado, em 1989. A obra de Carvalho faz uma retrospectiva dos jornais implantados a partir da criação do Estado.

Outra obra que traça um panorama da imprensa no norte de Goiás é a *História da Imprensa Tocantinense*, do pesquisador Otávio Barros, que faz um relato da atuação da imprensa no Tocantins, destacando os percussores até os periódicos contemporâneos. O trabalho apresenta narrativas de jornalistas com atuação na região, destaca jornais pioneiros que teriam dado início a produção jornalística na região, mas não faz uma cronologia da imprensa no norte de Goiás. O livro não faz jus ao nome de história da imprensa, está mais para um ensaio sobre atuação da imprensa que se desenvolveu depois da criação do Estado.

Essas obras apresentam dois grandes problemas metodológicos. Não fornecem as referências bibliográficas necessárias, em caso de consultas a fontes documentais, para que outros pesquisadores possam fazer o mesmo percurso e chegar aos mesmos resultados; também não apresentam análise, dispõem o material bruto como foram encontrados junto às fontes. Os acontecimentos são apresentados como fatos isolados sem a devida contextualização, o que leva a interpretações rasas e frágeis. Quase sempre utilizam o modelo positivista da compreensão da realidade social, como um processo de evolução contínua. (GRUPPI, 2001, p. 49).

São iniciativas que só reforçam a necessidade de se empreender estudos que consigam penetrar nestes universos dos jornais do norte de Goiás, criando uma perspectiva teórica que dê conta de abarcar a história da imprensa tocantinense.

A primeira referência bibliográfica sobre a história da imprensa de Goiás que inclui jornais editados no norte do Estado que se tem catalogado é o Almanak de Goyaz, 1887, uma publicação do Ten. Costa Brandão e edição de A. F. de Bulhões Jardim, que apresenta relação cronológica dos jornais editados na província. Fonte de consulta obrigatória de pesquisas sobre as origens da imprensa goiana que inclui jornais que deram origem a imprensa tocantina. Disponível na Biblioteca Nacional.

Outra obra indispensável sobre as origens da imprensa goiana e que cita jornais editados no norte do Estado é o Anuario, Historico, Geographico e Descriptivo do Estado de Goyaz para 1910. Organizado por Francisco Ferreira dos Santos Azevedo.

Com base nestas duas fontes e dados de novos estudos o pesquisador José Mendonça Teles se lançou numa missão árdua e quase impossível, reeditar o periódico pioneiro da imprensa de Goiás e do Centro-Oeste. O resultado é uma obra referência nos estudos de imprensa. O pesquisador em sua monumental *A Imprensa Matutina* compilou informações que permitem reconstruir a trajetória da imprensa goiana.

Conta nesta lista de jornais goianos pelo menos 11 periódicos editados no norte de Goiás. *Folha do Norte* (1891), *O Incentivo* (1893), *Norte de Goiás* (1905), *O Corisco* (1927), *Voz do Norte*, (1929), *Voz do Norte* (1934), *Voz do Norte*, (1939), *A Palavra*, (1942), *Ecos do Tocantins* (1951), *Estado do Tocantins*, (1956) e *Anuário do Tocantins* (1957). Esse é um dos trabalhos mais completos sobre a historiografia da imprensa goiana.

Segundo Teles, os periódicos editados no norte de Goiás não diferenciam muito de outros editados em outras regiões. Ele observa que de um modo geral esses veículos defendiam os interesses do norte (TELES, 1989, p. 43) naquilo que atendiam também aos interesses dos seus proprietários, na maioria dos casos, líderes políticos que disputavam cargos de representação da região. Alguns desses jornais se diferenciavam dos demais. Denunciavam as mazelas da região como todos os outros, mas iam além, defendiam a autonomia da região. E apresentavam esta proposta como única alternativa para superar o atraso. Em suas narrativas apresentavam o norte como uma região isolada e esquecida.

Este estudo adota esta relação, acrescida de novos títulos mencionados por Ananias Pinto Cerqueira no jornal *Ecos do Tocantins* e outros que surgiram como resultado da pesquisa de campo.

4 DAS FOLHAS SERTANEJAS AOS JORNAIS ENGAJADOS: trajetória da imprensa no norte de goiás

Neste centro abundante de intelligencias incultas, porque (seja dito de passagem) a instrução raras vezes é louvavelmente distribuída, a Folha do Norte atira-se nas luctas do porvir, e é mais uma escola preparadora da nossa sociedade fuctura [sic].

Folha do Norte, 1891

A imprensa no norte de Goiás surge dois anos após a Proclamação da República, como realização de dois coronéis identificados com os ideais republicanos (Oliveira, 1997; Costa 2004) num contexto de enormes desafios para a produção jornalística.

Nas primeiras décadas da República, em Porto Nacional, os principais representantes das famílias tradicionais adquiriram tipografias, fundaram jornais e estruturaram uma forma mais organizada dos grupos locais se expressarem e veicularem suas ideias e reivindicações, bem como “defender os interesses” do norte do estado de Goiás. (DOURADO, 2010, p. 90).

A novidade chega em 1891, em Porto Nacional, com o quinzenário *Folha do Norte* que rompe o silêncio e inaugura um novo tempo na região. “Fundado pelos coronéis Frederico Lemes e Luiz Leite Ribeiro, defendia os interesses da região norte do Estado”. (TELES, 1989, p. 43).

[...] dois republicanos Luis Leite Ribeiro e Frederico Lemos fundaram o jornal *Folha do Norte*, inaugurando o jornalismo do Norte de Goiás. Era 3 de julho de 1891. A data foi escolhida por ser o 30º aniversário de Frederico Lemos, um dos comerciantes mais poderosos de Porto Nacional. Foi ele quem financiou a compra da tipografia e controlava o periódico. (COSTA, 2004, p.7).

Formato ofício, bimensal, no formato 1/8, media 30 cm de altura por x 21cm de largura, quatro páginas, três colunas. A primeira edição do primeiro periódico tocantino circulou no dia 13 de junho.

Até à criação do Estado do Tocantins, em 1988, o norte contou com 41 jornais impressos, conforme levantamento realizado por esta pesquisa, com base em fontes documentais.

Para melhor compreensão do desenvolvimento da imprensa tocantina adotou-se neste trabalho, com base em critério técnico e geográfico o agrupamento dos periódicos de acordo com período de circulação.

Seguindo este raciocínio dividiu-se o período em três fases distintas tomando por base acontecimentos regionais que impactaram a produção jornalística. As datas constituem referencial cronológico aproximativo. A primeira fase vai de 1891 a 1930, do surgimento da imprensa em Porto Nacional ao início da expansão para outros polos. A segunda, de 1930 a 1960, da expansão da atividade à formação de corredores de comunicação e a terceira, de 1960 a 1988, dos corredores de comunicação à estadualização.

4.1 Primeira fase

Tudo começa com o *Folha do Norte*. Quanto à comprovação documental que assegura ser este periódico o primeiro jornal do norte de Goiás como tem sido considerado por diversos estudos, o editorial da primeira edição não deixa dúvida.

Para ficar consignado entre os acontecimentos que hão de figurar na fectura história de Porto Nacional, noticiamos que a nossa typografia é a primeira que se estabelece no Norte de Goyaz e em todo a zona do Alto-Tocantins. (FOLHA DO NORTE, Nº 1, 1891).

A tipografia foi importada de Nova Iorque, da fábrica Joseph Watson, e veio diretamente para Porto Nacional. Instalada na antiga rua da Intendência, nº. 3, recebeu o nome de Tipographia Tocantina. Defendia os interesses da região norte. (OLIVEIRA, 1997; COSTA, 2004).

É o seu principal compromisso pugnar pelo bem público, observando inteira neutralidade no combate da política. Como defensor especialmente dos direitos do Norte, a nossa modesta folha, sem brilho da ciência e da grandeza de ilustração, aparece servida da melhor vontade de constituir-se uma pequena luz com o auxílio da qual fiquem transparentes as necessidades desta parte de Goiás, onde bem custosa é a vida (LOBO, 2017, p.55).

Lobo (2017) e Teles (1989) apontam o ano de 1893 como o de encerramento das atividades do periódico pioneiro. Oliveira (1997) e Costa (2004) atualizam a data para 1894; a mais provável, tendo em vista o número de edições. O periódico *Folha do Norte* é o único

jornal do norte de Goiás do século XIX, tendo alcançando a edição de nº 51. A divergência de datas é compreensível tendo em vista a escassez de informações sobre publicações desse período na época dos primeiros levantamentos, devidamente atualizados por estudos mais recentes.

No final do século XIX Porto Nacional despontava como o grande centro difusor de ideias da região. Era a maior cidade do norte e o mais importante polo regional. Localização privilegiada como entreposto comercial, condição que explica o seu rápido crescimento servindo como intercâmbio entre dois núcleos mineratórios de Carmo e Pontal. Seu desenvolvimento se deu em função do esgotamento da atividade mineratória na região. (OLIVEIRA, 1997).

Sobre a produção jornalística Oliveira (1997) infere que a cidade contava com uma elite intelectual que tinha consciência do seu papel naquele contexto de carências e desafios.

A fundação dos periódicos, mostra que havia uma elite intelectual na cidade, e mais, que esta elite estava consciente da importância tanto para a época quanto para os tempos vindouros do papel destes periódicos. (OLIVEIRA, 1997, p. 155).

No alvorecer do século XX, no dia 1º de novembro de 1901, Porto Nacional ganha o segundo periódico, *O Incentivo*, depois de um longo período sem jornal, no mesmo formato do anterior, como continuidade dessa primeira experiência, tendo sido fundado por Luiz Leite Ribeiro, que integrou a equipe do *Folha do Norte*.

Periodicidade bimensal, formato ofício com medida de 30 X 22 cm, com quatro páginas e três colunas. Pretendia manter completa neutralidade política. (Lobo, 2017; Oliveira, 1997). Será noticioso, defenderá a fé, e pugnará pelo bem estar de todos, respeitando quando lhe for possível, os princípios gerais da sã harmonia [sic] (O INCENTIVO, N ° 1, 1901).

A última edição de *O Incentivo* circulou no dia 29 de novembro de 1902 e já no dia 30 de novembro circulou uma única edição do periódico *Faceto*, que parece ter surgido para tentar explicar a falência de *O Incentivo*, conforme relata em seu editorial.

O Incentivo achando-se gravemente enfermo de empapelitte aguda, já fez testamento que não admite pendenga, contendo as seguintes disposições: Nasci nesta cidade na vespera do dia de...finados, no 11º mez do primeiro anno do século XX e sou filho natural da d. *Folha do Norte*, já fallecida. Sou solteiro, mas tenho Faceto meu filho, a que constituo cum'herdeiro, dos meus troços, e dará as seguintes disposições [sic] (FACTO N ° ÚNICO, 1902).

O testamento do *Faceto* não deixa dúvida que o *Folha do Norte*, *O Incentivo* e próprio faziam parte de uma mesma família. Editados no mesmo prelo e provavelmente pela mesma equipe. Do ponto de vista da política editorial os três periódicos seguiam a linha da imparcialidade como manifestaram em seus editoriais. Na época, Frederico Lemes e Luiz Leite Ribeiro já se destacavam como líderes políticos em ascensão em Porto Nacional e entorno. Ambos exerceram os cargos de professor e de intendente de Porto Nacional. Intendente era como se denominava o cargo de prefeito atualmente.

Esse dado confirma uma percepção de que as publicações eram organizadas em torno de um prelo. Primeiro chegava a máquina de impressão e em torno desta estrutura instalava-se vários projetos jornalísticos desenvolvidos por atores diferentes. O projeto executado não tinha necessariamente vinculação direta com o proprietário do prelo, que normalmente era dono de um jornal, mas confeccionava qualquer outro que viesse solicitar impressão. Daí explica também a ideia de polos de comunicação e a criação de redes de comunicação formadas a partir da necessidade de integração dos polos.

Os três periódicos ajudaram a formar em Porto Nacional um público leitor ávido por notícias regionais. De olho neste mercado emergente em 1905 surge o *Norte de Goyaz*, considerado por historiadores goianos um dos mais importantes periódicos de Goiás. Na década de 40 chegou a figurar como o segundo com mais tempo de circulação. (Lobo, 2017).

O periódico acompanhou os principais acontecimentos que abalaram a região e repercutiram em todo o país. A exemplo dos conflitos sangrentos, de Boa Vista do Tocantins, atual Tocantinópolis, em 1908, e da Chacina dos nove, em São José do Duro, atual Dianópolis, em 1919.

Editado pelo médico e posteriormente líder político Francisco Ayres, tendo como diretor-gerente seu irmão J. Ayres Joca que também fez carreira política paralela a de jornalista. Informativo político, formado tabloide, (39cm X 30cm) quatro páginas, quatro colunas, sem recurso de ilustração.

[...] num período de mais de quarenta anos, vem sendo publicado com rigorosa pontualidade, quinzenalmente, ocupando portanto, o honroso título de decano da imprensa goiana, menos a oficial (LOBO, 2017, p. 56).

O *Norte de Goyaz* consolida a atividade de imprensa na região. Depois desse periódico a atividade jornalística em Porto Nacional se tornaria frequente e incorporada à cultura da cidade que continua ao longo do século como o polo mais importante de imprensa do norte.

Em 1920, o professor e líder político Frederico Lemos, pioneiro da imprensa no norte volta à atividade. Agora com um novo empreendimento o *Jornal do Povo*, nos moldes das publicações anteriores. Formato ofício, quinzenário, quatro páginas, em três colunas, tiragem desconhecida. Frederico F. Lemos nesta empreitada contou com o apoio de Abílio Nunes, Quintiliano Luiz da Silva e Rafael Fernandes Belles.

Em 1927, em Natividade é lançado *O Corisco* que se tornaria o primeiro jornal do norte de Goiás editado fora de Porto Nacional que até aquele momento dominava a produção jornalística na região. Formato tabloide, quatro páginas, em três colunas. Uma iniciativa do professor José Lopes Rodrigues teve vida efêmera como a maioria dos periódicos do norte de Goiás.

Dois anos após a experiência de *O Corisco*, Natividade ganha novo projeto jornalístico, o jornal *Voz do Norte*, editado em 1929 pelo médico e líder político Quintiliano Luiz da Silva. O periódico é citado pelo professor José Lopes Rodrigues em conferência durante evento da Loja Maçônica, realizada em 1978, em Natividade. “[...] porta-voz da Aliança Liberal, no Setentrião Goiano, e que teve vida efêmera, ante as dificuldades do meio”. (RODRIGUES, 1978, p. 70-71). Lobo em sua Contribuição à História da Imprensa Goiana registrou assim o periódico de Natividade.

No ano de 1929 apareceu na cidade acima referida, pelo Dr. Quintiliano Silva, o órgão de publicidade denominado *Voz do Norte*, que vem sendo publicado cdaquiloom pontualidade; jornal quinzenal, noticioso e dedicado aos interesses gerais do Estado. (LOBO, 2017, p. 57).

O periódico também é citado por Lysias Rodrigues durante sua passagem pela região, em 1937, conforme relato publicado em livro.

O Sr. Custódio deu-nos a ler um jornal do norte do estado. “A Voz do Norte”, de Natividade, que trazia uma conferência feita por ele sobre Meteorologia. Verifiquei que este Sr. É um dos mais cultos do local e é o chefe da estação climatológica que o Ministério Agricultura mantém aqui [sic]. (RODRIGUES, 2001, p.81).

Teles registra que o *Voz do Norte* deixou de circular no mesmo ano, mas teria reaparecido cinco anos depois, em 1934, agora sob a direção de André Ayres.

Ainda em 1929 surge em Arraias o periódico *O Norte*, criado pelo líder político da região João D’Abreu. Formato tabloide, quatro páginas, três colunas, dedicado aos interesses da região norte de Goiás.

Em 1930, Porto Nacional ganha novo período *Folha dos Moços*, que começou a circular em outubro 1930, editado pelos frades dominicanos. Periódico mensal, formato ofício, quatro páginas, duas colunas, dirigido ao público católico.

Continha essencialmente notícias da Diocese de Porto Nacional, mas também notas nacionais, internacionais e locais. No subtítulo vinha escrito órgão católico. O destaque eram informações de interesse da diocese. O jornal veiculava anúncios de comércio local, ou de produtos, quase sempre de medicamentos.

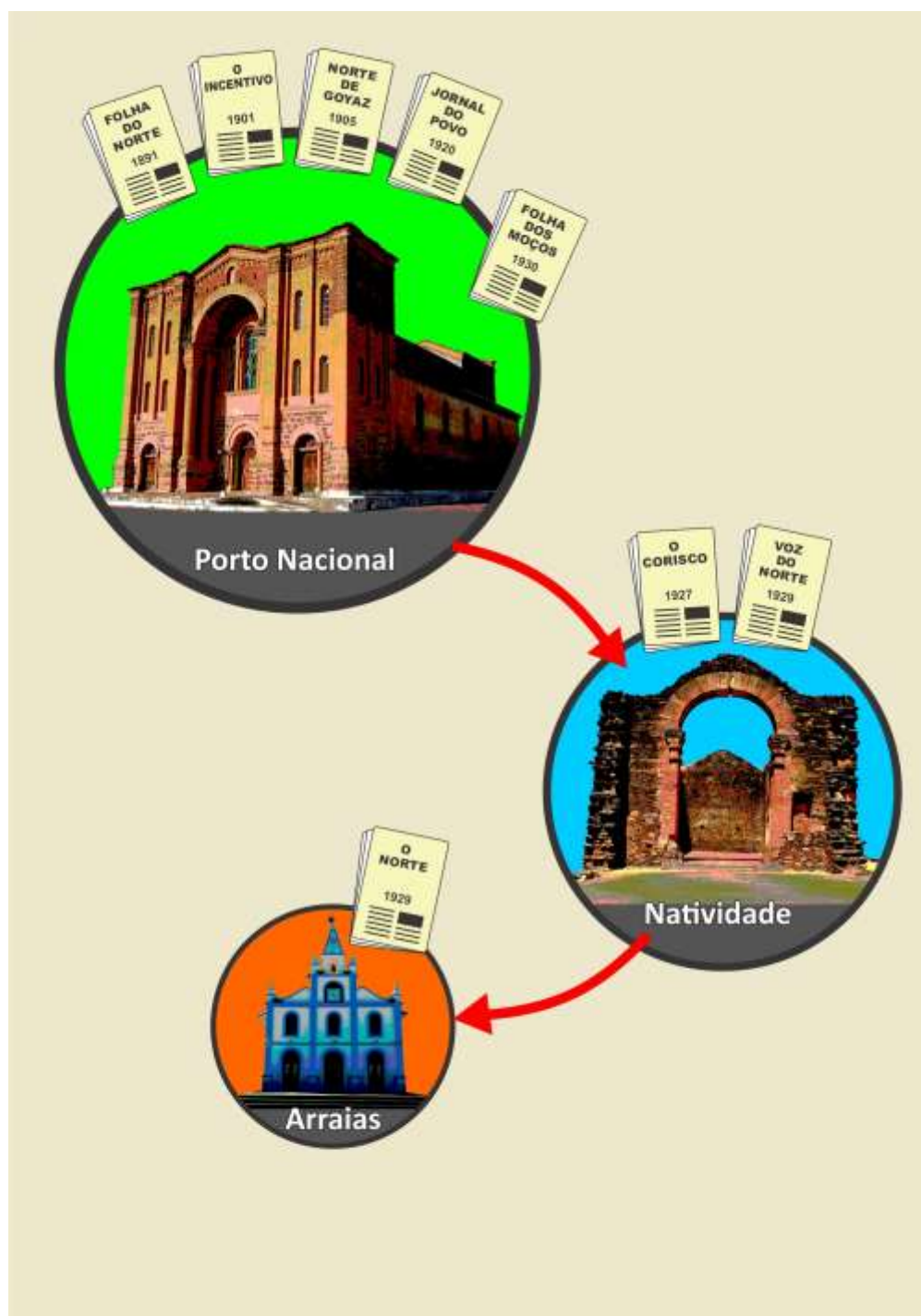
Diversos arcos de triunfo serão preparados na rua onde passara o cortejo; 1º. No Porto da Manga aos cuidados do Nozor. 2º. Na entrada rua do Sr. José Aires. 3º. na porta da Dª, Luduina 4º, na porta do Cel. Frederico Lemos. 5º Na porta da Igreja. Cada um destes senhores tem uma comissão para ajuda-lo. É preciso que os arcos, pelo menos as armaduras, sejam organizadas na véspera [sic]. (FOLHA DOS MOÇOS Nº 36, 1936).

No contexto nacional a imprensa iniciava a transição da fase de pequenos jornais para a grande imprensa que se consolidaria com o avanço da industrialização na década de 50. (Sodré, 1983). O quinzenário *Folha do Norte* é contemporâneo do *Jornal do Brasil*, o primeiro jornal da chamada grande imprensa, fundado, no Rio de Janeiro, em 1891.

Sodré chama a atenção para o fato de que até a década de 20 a literatura e jornalismo se confundiam, a ponto de os diários serem escritos com uma "linguagem empolada", pouco adequada para a veiculação das notícias. (SODRÉ, 1983).

A primeira fase da imprensa do norte registra ao todo oito periódicos. Nas três primeiras décadas iniciais o fenômeno da multiplicação de textos fica restrito a Porto Nacional com os periódicos *Folha do Norte* (1891), *O Incentivo* (1902), *Norte de Goyaz* (1905), *Jornal do Povo* (1920) e *Folha dos Moços* (1930). Quase quatro décadas depois se tem conhecimento de impressão de folha fora do município; em Natividade com os jornais *Corisco* (1927) e *Voz do Norte* (1929) e em Arraias com o jornal *O Norte*.

Figura 5– Trajetória da imprensa no norte de Goiás (1891-1930)



Fonte: Almanak de Goyaz (1887) Neto (1951), Teles (1989), Pina (1980), Silva (2003), Costa (2004), Anjos (2017), Bucar (2018).

Oliveira, em seu estudo sobre cultura e cotidiano de Porto Nacional conclui que a presença dos frades dominicanos vocacionados à educação que se instalaram na cidade no

final do século XIX contribuiu decisivamente para Porto Nacional ser uma cidade diferente das demais.

Há consenso de que a presença dos dominicanos na cidade foi um fator importante para o seu desenvolvimento. A idéia de Porto Nacional ser a capital cultural do norte de Goiás é atribuída à boa educação ministrada nos colégios dos padres e das freiras [sic]. (OLIVEIRA, 1997, p. 155).

Nesta primeira fase esses são os nomes com maior destaque no jornalismo regional - Frederico Ferreira Lemos, Luiz Leite Ribeiro, Francisco Ayres da Silva, Quintiliano Luiz da Silva e João D'Abreu, responsáveis pela criação dos periódicos deste período e que podem ser considerados os jornalistas pioneiros do norte de Goiás. Todos, sem exceção fizeram carreira política após a experiência jornalística. Integram ainda a lista como colaboradores João Matos Quinaud, que era gráfico; João Joca Ayres, Abílio Nunes, Rafael Fernandes Belles. Dois desses, João Joca Ayres e Rafael Fernandes Belles seguiram carreira política. Belles foi prefeito de Porto Nacional e João Joca Ayres, deputado estadual.

4.1.2 Pioneiros

Frederico Ferreira Lemos, natural de Porto Nacional, em 1891 foi indicado presidente da Intendência de Porto Nacional, o que equivale hoje ao cargo de prefeito. No mesmo ano fundou junto com Luiz Leite Ribeiro o *Folha do Norte*. Elegeu-se deputado estadual em fevereiro de 1903 e exerceu o mandato de maio desse ano a dezembro de 1905. Detentor da patente de coronel, da Guarda Nacional. Grande proprietário de imóveis em Porto Nacional. (CPDOCFGV, COSTA, 2004, OLIVEIRA, 1997).

Luiz Leite Ribeiro, natural de Porto Nacional, onde residiu boa parte da vida. Residiu ainda em Taguatinga. Servidor público exerceu a função de solicitador. Foi deputado estadual por dois mandatos (1898/1900, 1901/1994). Exerceu ainda as funções de Agente dos Correios em Porto Nacional, tendo sido nomeado em 1885; Coletor de Rendas, em Porto Nacional, nomeado em 1886 e Coletor Federal, em Taguatinga, tendo sido nomeado em 1924. Foi filiado ao Partido Republicano Federal de Goiás (PRFG).

Francisco Ayres da Silva, médico, líder político, e um dos homens mais influentes do norte de Goiás em sua época. Natural de Porto Nacional, inicia os estudos em sua cidade, segue depois para Goiás Velho para fazer curso preparatório e cursa Medicina na Faculdade de Medicina e Farmácia do Rio de Janeiro (RJ). Em 1900 retorna para Porto Nacional. Em 1905 funda junto com o irmão João Joca Ayres o periódico Norte de Goyaz que teria vida

longa, quase cinquenta anos de circulação. Dr. Chiquin como era chamado popularmente, exerceu cargo eletivo de deputado federal por quatro legislaturas.

Quintiliano Luiz da Silva, natural de Natividade, médico formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, como integrante da turma de 1915. Foi prefeito de Natividade, sendo ainda suplente de deputado federal. Depois de uma breve experiência no *Jornal do Povo*, de Porto Nacional em que teve oportunidade de trabalhar com Frederico Ferreira Lemes decide criar o seu jornal.

João D'Abreu, odontólogo, advogado, professor e líder político. Natural de Santa Maria de Taguatinga, hoje Taguatinga. Em 1911 diplomou-se em Odontologia pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (RJ), mais tarde em 1925 graduou em Direito pela Faculdade de Direito de Goiás. Iniciou a carreira política em Arraias como Intendente (1912/1913). Em seguida elegeu-se vereador da cidade, cargo que deixou em 1926 para ocupar o de prefeito que exerceu até 1930. Em 1934 elegeu-se deputado estadual, tendo tomado posse em 1935, ano em que cria o jornal *O Norte*, destinado a defender os interesses da região. Durante este mandato ocupa a presidência da Assembleia Legislativa de Goiás e nesta condição o de governador do Estado em substituição ao titular Pedro Ludovico Teixeira (1937). Foi ainda deputado federal eleito em 1945 e reeleito em 1950 e 1954, e eleito vice-governador em 1958. Encerrou a carreira como prefeito eleito de Arraias, (1968/1972). (CPDOC| FGV; MIRANDA, 1973).

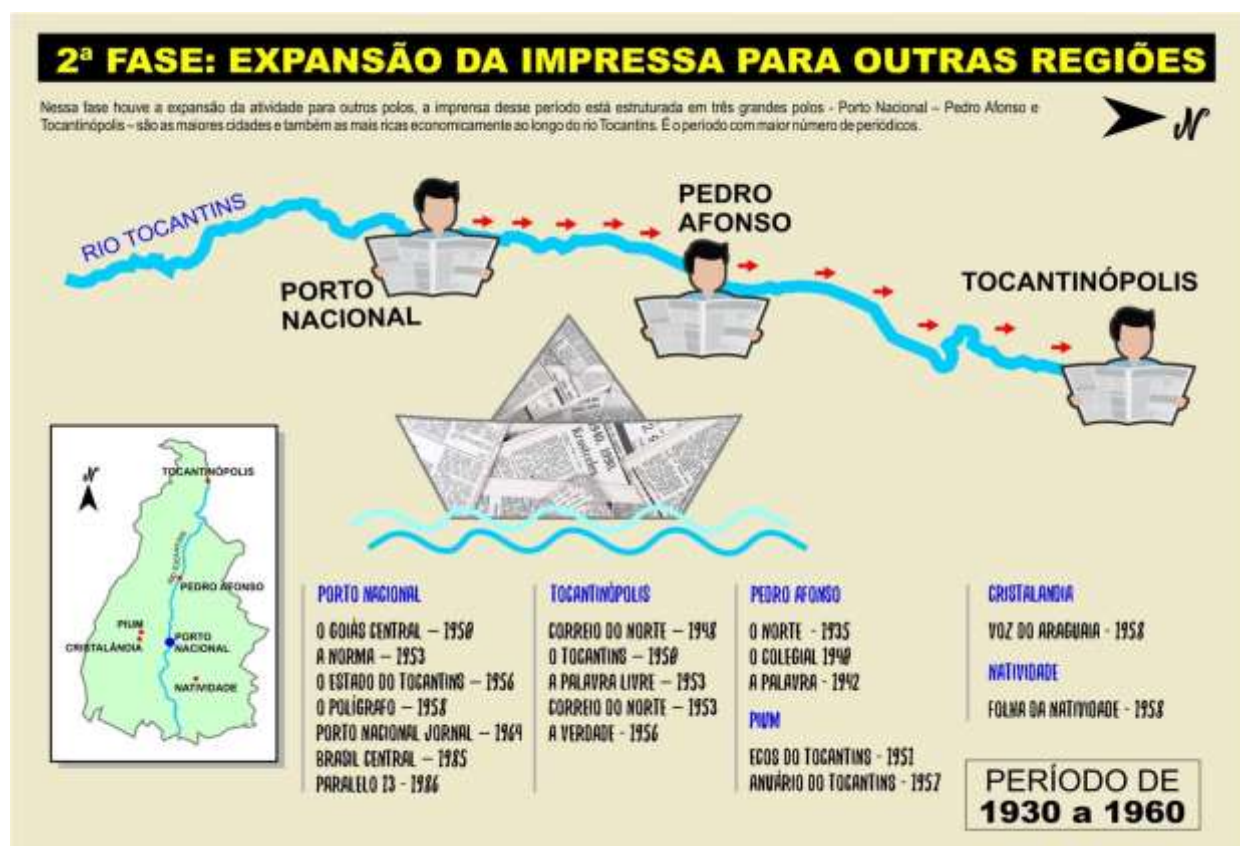
Rafael Fernandes Belles, comerciante, piloto náutico e líder político. Em 1920 participou da equipe comandada por Frederico Lemos que criou o *Jornal do Povo*, veículo dedicado aos interesses da região. Natural de Porto Nacional exerceu o cargo de prefeito de 1921 a 1923, deixou como legado a construção do Paço Municipal, o primeiro prédio com dois pavimentos da cidade. Foi ainda secretário na gestão de André Aires Sobrinho. Além do comércio se dedicou também à navegação. Foi proprietário da lancha Mercês, que adquiriu de Frederico Lemos, o coronel Dirico.

Em sua passagem Porto Nacional Lysias Rodrigues que foi recebido por Belles o descreve como um homem atencioso, “gordo, simpático, instruído”, completa, “o Major Rafael é comerciante local e vive mais de fazer transportes pelo rio com sua embarcação, da qual é o piloto.” (RODRIGUES, 2001, p.190).

4.2 Segunda fase

A segunda fase compreende o período de 1930 a 1960, da expansão da atividade de imprensa ao surgimento de corredores de comunicação. Ao todo somam 14 periódicos. Neste período a arte de multiplicar textos se expande para Pedro Afonso e no mesmo período surge em Boa Vista do Tocantins, hoje Tocantinópolis, segunda maior cidade do norte e também a segunda em ocorrência de jornais.

Figura 6- Trajetória da imprensa no norte de Goiás (1930-1960)



Fonte: Almanak de Goyaz (1887) Neto (1951), Teles (1989), Pina (1980), Silva (2003), Costa (2004), Anjos (2017), Bucar (2018)

Figura 7- Trajetória da imprensa no norte de Goiás (1930-1960)



Fonte: Almanak de Goyaz (1887) Neto (1951), Teles (1989), Pina (1980), Silva (2003), Costa (2004), Anjos (2017), Bucar (2018)

A relação começa com o semanário *A Palavra*. Informativo, formato ofício, quatro páginas, três colunas. Começou a circular no dia 7 de setembro de 1938 e se manteve até 1948. Criado por Raimundo Costa Júnior que adquiriu uma tipografia em Porto Nacional junto aos padres dominicanos para viabilizar o projeto de produzir um jornal local.

O empreendimento atraiu para a cidade o gráfico João Matos Quinaud que ajudou Pedro Afonso a se transformar em um polo de imprensa. A partir da edição de nº 43, que circulou no dia 7 de setembro de 1942 o semanário passou a ser editado pelos jovens Messias Tavares e Álvaro Japiassú que permanecem na sua direção até 1945, quando transferem a responsabilidade para Josias Batista. O periódico trazia no subtítulo os dizeres, órgão dos interesses da região norte goiana. Colaboradores diversos.

Consta “A Palavra” com quatro anos de útil existência, toda consagrada à grandeza deste vastíssimo Norte. E, nós como seus continuadores, estamos certos de que os habitantes da gloriosa terra de Rafael Targia, não deixarão de cooperar conosco nesta aspérrima jornada, pois, como devem saber é na

imprensa que se defende os direitos da família, da pátria e da humanidade!
(A PALAVRA, Nº43, 1942).

Em artigo assinado pelo médico José de Albuquerque o jornal abre espaço para o debate de assuntos da atualidade e de interesse, sobretudo da juventude.

Sou do tempo, e não vai longe esse tempo, que eram olhadas com repulsa e desprezo, tres disciplinas educativas que hoje em dia empolgam o mundo: a educação physica, a educação esportiva e a educação sexual [sic]. (A PALAVRA, Nº 41, 1942).

O artigo ressalta a importância da busca do conhecimento para evitar preconceito e discriminação. Podemos observar ainda anúncios curiosos que chamavam atenção, registro contundente do cotidiano interiorano. “Florisval Rego avisa que aos domingos aluga sua BICYCLETA. PREÇO. 4\$000 a hora”, [...] (A PALAVRA, Nº, 42, 1942).

Com o título “A Palavra” o periódico registra em editorial de primeira página a data e faz um balanço positivo de sua trajetória. “Hoje é para nós pedroafonsinos uma data verdadeiramente simbólica – dia do aniversário da ‘A Palavra’” (A PALAVRA, nº 43, 1942).

Jornal fundado pelo invicto jornalista Costa Júnior, em 7 de setembro de 1938 vem sempre trabalhando incansavelmente em prol da vasta região norte goiana passando agora, a circular sob a nossa direção, conforme transferência firmada entre nós e o seu antigo proprietário. (A PALAVRA, nº 43, 1942).

Em 1940 Tocantinópolis inicia a trajetória que a levaria a se tornar polo de imprensa com o periódico *Voz do Norte*, editado por Olíbrio Lima. Formato tabloide, quatro páginas, quatro colunas, tiragem desconhecida. Não há registro de quando deixou de circular. Em seus apontamentos sobre a história da imprensa goiana Lobo faz referência ao periódico de Boa Vista do Tocantins, hoje Tocantinópolis.

No ano de 1940, como órgão dos interesses do município e de toda a região norte goiana, foi iniciada a publicação do órgão *Voz do Norte*, sob a direção de Olíbrio Lima. O jornal em apreço deixou de circular depois de um ano de publicidade. Teve o nome do que se publica na cidade de Natividade. (LOBO, 2017, p. 57).

Em 1941 surge em Pedro Afonso o semanário *A Voz de Pedro Afonso*, um empreendimento resultado da estrutura gráfica de *A Palavra*. Como o próprio nome indica era um periódico de interesse local de Pedro Afonso, idealizado pelo gráfico João Matos

Quinaud, de Porto Nacional, que esteve na cidade para implantação da tipografia adquirida por Raimundo Costa Júnior.

O semanário em formato ofício, quatro páginas, quatro colunas, teve curta duração. Deixou de circular em 1942, antes de completar um ano. A mudança no comando da gráfica do periódico *A Palavra* inviabilizou o concorrente que disputava espaço com *O Colegial*.

No alto da página acima do cabeçalho vinha em destaque a venda de assinatura em forma de apelo. “Leitor: se a leitura de *A Voz de Pedro Afonso* te agradou, assegura o recebimento certo do jornal”. (*A VOZ DE PEDRO AFONSO*, Nº 5, 1942).

Em 1941 os estudantes Messias Tavares e Álvaro Japiassú dão um grande passo para transformar o manuscrito *Colegial* em um “jornal”. A dupla depois de várias tentativas de aquisição de um prelo finalmente consegue adquirir uma gráfica para viabilizar o projeto do semanário *O Colegial* que começou a circular no dia 1º de dezembro de 1940, destinado a ser porta voz da cidade de Pedro Afonso.

Trazia no subtítulo a inscrição, órgão juvenil – literário – informativo – humorístico. A partir de 1941 passou a ser impresso na tipografia do jornal *A Palavra*. Formato ofício, quatro páginas, três colunas com títulos e uso de recursos gráficos como filetes que permitiam separar as matérias. Deixou de circular em 1942.

O jornal contava ainda com a participação de Janaína Tavares e Florisval Rêgo como redatores. Na fase manuscrita foi produzido no formato A4, em papel almaço com pauta, quatro páginas, em três colunas com tiragem de 50 exemplares.

Em 1948 Tocantinópolis ganha o seu segundo periódico *Correio do Norte*, periódico quinzenal, formato tabloide, quatro páginas, três colunas, ligado ao PSD. Editado por Antônio Gomes Pereira, líder político local que exerceu o cargo de prefeito. A edição foi assumida posteriormente por Renato Soares que era ligado politicamente ao Pereira.

Formato tabloide, quatro páginas e quatro colunas, impresso em gráfica própria. Um dos mais importantes periódicos da sua época. Era direcionado ao público da região extremo norte de Goiás, denominada de Bico do Papagaio. A partir de 1953 passou a ser editado por Renato Soares, que deu continuidade ao projeto original. Renato Soares era ligado politicamente ao criador do periódico Pereira que chegou a ser prefeito de Tocantinópolis.

Em 1950 Tocantinópolis passa a contar com mais um periódico, o *Tocantins*, veículo de sustentação política da UDN/PSP, editado pelo líder político Darci Marinho. Formato tabloide, quatro páginas, quatro colunas, preto e branco com uso de fotografia por meio de clichê. Depois de alguns números sofre interdição e em seguida é relançado sob a direção do

comerciante Tibério Maranhão Azevedo, que posteriormente se dedicaria também a carreira política.

O Tocantins é o terceiro jornal de Tocantinópolis que agora se consolida como um polo de jornalismo no norte de Goiás. Não há informações sobre tiragem e tempo de duração do periódico. A partir de 1953 o periódico passa a ser dirigido pela dupla A.F. Santos e J. de Souza Lima.

Em 1950, o gráfico João Matos Quinaud lança em Porto Nacional, *O Goiás Central*, o segundo periódico que ele responde como editor. O primeiro foi o *Voz de Pedro Afonso* lançado em 1941, quando lá esteve para imprimir o semanário *A Palavra*. *O Goiás Central* surgiu no formato ofício, quatro páginas e quatro colunas, mas rapidamente evolui para tabloide, seis páginas e tiragem de mil exemplares.

Em 1951, o pequeno distrito de Pium entra para a história como sede de um dos mais importantes jornais do norte e Goiás, o *Ecos do Tocantins*. Formato tabloide, quatro páginas, cinco colunas, preto e branco, utilizava recursos de ilustração, clichê para reprodução de fotografia; começou com tiragem de 1000 exemplares, em três anos chegou de 5 mil exemplares, a maior tiragem de um jornal no norte de Goiás não ultrapassada nem pelo Jornal do Tocantins que também tinha tiragem regular de 5 mil exemplares.

O semanário trazia com subtítulo os dizeres, jornal político independente. O *Ecos do Tocantins* era um empreendimento jornalístico privado, mantido por meio de venda de assinatura e de espaço publicitário. Mantinha correspondentes espalhados por toda a região e até nos grandes centros como São Paulo e Rio de Janeiro.

Em 1954 chegou a ser diário. No ano seguinte volta a circular semanalmente. Trajano Coelho Neto além de diretor exercia a função de articulista político, assinava a coluna Comentário Político com o pseudônimo Da Silva e Silva. Em editorial de capa, da primeira edição que circulou no dia 22 de julho de 1951, com o título A causa do nosso aparecimento, Trajano Coelho Neto deixa bem claro a que veio o seu hebdomadário político e independente, como dizia no expediente.

Abraça sempre as causas justas. Luta sempre pela grandeza e progresso da pátria, e, particularmente, pelos interesses supremos da região em que se projeta.

Insto posto, bem compreensível se torna a razão e a causa do nosso aparecimento, e evidenciados os postulados normativos de nossa conduta, dos quais não nos afastaremos por nenhum preço [sic]. (ECOS DO TOCANTINS, Nº 1, 1951).

Em 1953 passa a circular em Porto Nacional o semanário *A Norma*, editado pelo farmacêutico e líder político Osvaldo Ayres, filho de Francisco Ayres da Silva, responsável pelo *Norte de Goyaz*. Formato ofício, quatro páginas, quatro colunas, muito bem escrito. Sua única bandeira era difusão de ideias em torno da criação do Estado do Tocantins.

Em 1953 dois jovens, de Tocantinópolis lançam o periódico *Palavra Livre*, fundado pelos estudantes Darci Martins Coelho e Messias Alves Bezerra que se identificam no cabeçalho, como diretores. Informativo independente, como constava no expediente, formato ofício, quatro páginas, quatro colunas e adoção de fotografia com impressão por meio de recursos de clichê, circulou até 1954. Era impresso nas oficinas gráficas do jornal *Correio do Norte*. Periódico bem escrito, boa apresentação gráfica e edição criteriosa com matérias políticas e reportagens na primeira página e nas seguintes, assuntos triviais como notas e sociais.

O periódico era mantido basicamente com recursos de assinaturas e alguns anúncios comerciais. A nota Assinaturas pagas sugere como o periódico garantia a sua manutenção.

Com fim de agradecer os nossos contribuintes e darmos uma idéia aproximada da situação financeira de “Palavra Livre” a seus leitores continuamos a publicação de assinaturas pagas.

Nesta cidade – Antônio Aguiar, Almir Silva, Francisco Souza Irmão, Francisco Alves da Silva, João Rodrigues da Fonseca, João Manoel Brito, Jaime Santana e Sinésio Galvão.

Porto Franco – Orey Rocha.

Em particular agradecemos Revdmo Pe. André Alice o ânimo que nos deu com sua agradável palestra e a sua vultosa que espontaneamente nos ofereceu [sic]. (PALAVRA LIVRE, Nº 04, 1954).

Em 1956 Tocantinópolis ganha mais um jornal, desta vez trata-se do semanário *Verdade*. Informativo, político independente, formato tabloide, quatro páginas, quatro colunas, editado por Ribamar Marinho e Antônio Fernandes Santos tendo Raimundo Guimarães como tipógrafo.

Em Porto Nacional surge *O Estado do Tocantins*, criado em 1956, pelo movimento Pró-Estruturação Jurídica do Estado do Tocantins, liderado pelo juiz de Direito Feliciano Machado Braga. Formato Tabloide, periodicidade mensal, quatro páginas, quatro colunas. Editado pela comissão de propaganda do movimento que tinha como integrantes Osvaldo Ayres, Fabricio Cesar Freire, José Fernandes da Conceição e João Matos Quinaud.

Em 1957 circula a primeira edição do *Anuário do Tocantins*, o primeiro almanaque cultural, político e econômico do norte de Goiás. O periódico tinha o objetivo de formar um grande banco de dados e indicadores sobre o norte de Goiás como estratégia de divulgação do

potencial da região que já se mobilizava para a criação do Estado do Tocantins. Projeto editorial do *Ecos do Tocantins*, elaborado por Ateneu Rêgo Santos e dirigido por Trajano Coelho Neto. A ideia foi lançada no final de 1955, conforme comunicado em chamada de capa, no *Ecos do Tocantins*.

ANUÁRIO DO TOCANTINS

Durante o próximo ano de 1956, as oficinas deste jornal estarão também a serviço do <Anuário do Tocantins> para 1957, publicação em forma de almanaque, com cerca de 200 páginas, a ser lançada em todo o Brasil, desta cidade.

Trata-se provavelmente, do mais arrojado empreendimento, no gênero, em toda a região tocantina, mercê da vultosa tiragem – 20 mil exemplares e caráter verdadeiramente original que se lhe pretende emprestar na feição gráfica e conteúdo, com o intuito de que represente uma verdadeira enciclopédia deste vasto pedaço do Brasil.

A programação dos trabalhos para a feitura de citada obra já está sendo elaborada pela própria equipe deste jornal, bem como a esquematização do vasto plano de difusão de seus propósitos em busca de apoio pelo país inteiro.

Voltaremos ao assunto em próximas edições, porém de logo asseguramos a realidade desta importante iniciativa que foi idealizada por nosso companheiro Ateneu Rêgo Santos e é dirigida pelo criador de “Ecos do Tocantins” – jornalista Trajano Coelho Neto. (ECOS DO TOCANTINS, Nº 358, 1955).

Em 1958 surge em Natividade o terceiro periódico editado nesta cidade o *Folha de Natividade*, uma iniciativa de Adail Viana Santana, que respondia pela função de redator-chefe e Cairo Porfírio Carneiro que desempenhava a função de ajudante. Formato tabloide, quatro páginas, quatro colunas, moderno projeto gráfico e uso de fotografia e ilustração. Mantido com recursos de venda de assinatura e venda de publicidade por meio de pequenos anúncios comerciais. Tiragem desconhecida. Teve curta duração.

Em 1958 foi lançando em Porto Nacional um novo periódico, *O Polígrafo*, editado pelo gráfico João Matos Quinaud, responsável pelo projeto gráfico de várias publicações da região. Este foi o terceiro periódico em que Quinaud assume a função de editor e jornalista responsável. O primeiro foi o *A Voz de Pedro Afonso* no início da década de 40 e o segundo é o *Goiás Central*, editado em 1950. O *Polígrafo* era no formato tabloide, quatro páginas, quatro colunas com utilização de ilustrações, fotografias em clichê. Tiragem desconhecida. Deixou de circular no mesmo ano.

Em 1960 é lançado em Gurupi, *A Folha de Gurupi*, o primeiro jornal do novo município emancipado de Porto Nacional. Periódico editado por Antônio Poincaré Andrade, de Porto Nacional que iniciava no ramo de impressões gráficas. João Matos Quinaud foi o

gráfico responsável pela impressão do periódico. O último jornal do segundo período. Formato tabloide, quatro páginas, cinco colunas com uso de fotografia e ilustração. Tiragem não conhecida. O periódico fez história em Gurupi que nas décadas seguintes iria se consolidar como um polo de imprensa no norte de Goiás integrando o corredor rodoviário de comunicação.

Nesta fase se observa a formação do corredor fluvial da imprensa integrando os polos de Porto Nacional, Pedro Afonso e Tocantinópolis. O polo de Pedro Afonso surge influenciado pela tradição gráfica de Porto Nacional e Tocantinópolis da experiência de Carolina (MA) que num passado recente pertencia a Goiás. Neste período se verifica a formação de um corredor de imprensa ao longo do rio Tocantins, interligando Porto Nacional, Pedro Afonso e Tocantinópolis, principais portos e empórios comerciais do sertão.

Se observa ainda neste período a ideia de redes de comunicação, que começam a ser formadas a partir do diálogo entre os vários periódicos. Era prática comum e muito bem aceita a parceria editorial entre os jornais que replicavam notícias de outros periódicos ampliando assim o raio de cobertura. Jornais de Pedro Afonso e Tocantinópolis replicavam notícias dos jornais de Porto Nacional e vice-versa. Parte do noticiário dos jornais da época era produzida com base na escuta do noticiário das emissoras de rádio de alcance nacional para reproduzir alguma informação de interesse regional. Foi por meio da escuta do rádio que o *Ecos do Tocantins* conseguiu noticiar a morte do médico e jornalista Francisco Ayres da Silva no dia seguinte.

Faleceu o DR. FRANCISCO AYRES DA SILVA

Segundo notícia divulgada por estação radiofônica de Goiânia, faleceu ontem, na cidade de Pôrto Nacional o venerável ancião Dr. Francisco Ayres da Silva.

Esta notícia abala profundamente a população tocantina [sic]. (ECOS DO TOCANTINS, N° 433, 1957).

As cidades ribeirinhas que tiveram o processo de desenvolvimento diferenciado das demais favorecidas pela navegação que integravam o transporte, o comércio e as comunicações. O surgimento do rádio nos anos 20 concorre para maior agilidade das notícias. Neste período acontece o lançamento da revista *O Cruzeiro*, em 1929, que vai influenciar os jornais a incorporar a ideia de estética gráfica na produção jornalística.

4.2.1 Autonomistas

Jornalistas que atuaram neste período estiveram ligados à ideia de autonomia do norte de Goiás, região que passou a ser denominada de Tocantins. Nomes que se destacaram deste período – Raimundo Costa Júnior, Messias Tavares, Álvaro Japiassú, João Matos Quinaud, Antonio Gomes Pereira, Trajano Coêlho Neto, Ateneu Rêgo Santos, Osvaldo Ayres, Fabrício Cesar Freire, João Fernandes da Conceição, Ananias Pinto Cerqueira, Darci Martins Coelho, Feliciano Machado Braga. Todos sem exceção comungavam da ideia da necessidade de criação do Estado do Tocantins.

Antônio Gomes Pereira, contador formado em São Luiz (MA), mudou-se para a então cidade de Boa Vista, na época norte de Goiás, em 1942, quando foi secretário da prefeitura na gestão de Francisco da Silva Queiroz. Assumiu a prefeitura durante a licença do então gestor, período que coincidiu com a necessidade de mudança da nomenclatura do local. Propôs um concurso público para a escolha do novo nome, que passou a ser Tocantinópolis. Pereira foi também assessor fiscal da Secretaria da Fazenda de Goiás, sendo responsável pela implantação da primeira Delegacia Fiscal de Tocantinópolis. Foi fundador do colégio Dom Oriane e proprietário do jornal *Correio do Norte*. Escritor e poeta, é dele a autoria do hino da cidade de Araguatins.

Tibério Maranhão Azevedo, comerciante, fazendeiro e líder político. Natural de Carolina (MA), tendo chegado a Tocantinópolis no final da década de 40, depois de morar em São Paulo. Dedicou ao comércio de tecidos, tendo conseguido se projetar como um dos maiores comerciantes da cidade na época. Foi também fazendeiro. Exerceu cargo de vereador por quatro mandatos consecutivos. Em 1950 lançou o jornal O Tocantins, dedicado aos assuntos da região do Extremo Norte de Goiás, Bico do Papagaio.

Trajano Coêlho Neto, natural de Balsas (MA) filho do Major Mário Coêlho e dona Adalgiza Coêlho. O sétimo filho de uma prole de 10 irmãos. Chegou em 1942 atraído pela febre do garimpo e cristal de rocha e fez fortuna rapidamente. Começou com o jornal em 1951, em seguida veio a Gráfica Ecos do Tocantins que dava suporte para o jornal. Em 1954 inaugura a Casa Coêlho que em dois anos já tinha filiais espalhadas por Cristalândia, Itaporé, Dueré e Gameleira, distritos de Porto Nacional.

O empresário, jornalista e político tinha avião próprio que utilizava para distribuir o seu jornal entre viagens de negócios ou de articulação política que realizada quase toda semana, como atesta os registros na coluna social do seu jornal. Na área de comunicação Trajano começou com a aquisição da gráfica Ecos Tocantins, a única da região, que prestava

serviços para terceiros e que imprimia o Jornal *Ecos do Tocantins* e o *Anuário do Tocantins*. Posteriormente montou a Propagadora e Divulgadora do Tocantins, serviço de auto-falante que mantinha em Pium, uma espécie de agência de propaganda que prestava serviço de publicidade.

Darci Martins Coelho, magistrado, líder político, advogado e professor. Natural de Porto Franco (MA). Curso direito na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Goiás, tendo formado em 1965. Iniciou suas atividades profissionais como promotor de justiça do Ministério Público de Goiás em Goianésia, entre 1966 e 1967. A partir de então exerceu os cargos de juiz substituto (1968) e juiz de direito em Carmo do Rio Verde, Iporá e Inhumas. Foi, ainda, procurador da República do Ministério Público Federal em Goiânia (1973-1979), procurador regional eleitoral junto ao Tribunal Regional Eleitoral (TRE) de Goiás (1973-1979), juiz do TRE de Goiás (1979-1987) e juiz federal em Goiânia (1979-1987).

Em 1987/88 teve participação destacada na mobilização em favor da criação do Estado do Tocantins, como presidente do Comitê Pró-Criação do Estado do Tocantins. Em função dessa militância foi eleito vice-governador na primeira eleição do novo Estado. Exerceu o mandato de deputado federal por cinco legislaturas, uma como suplente. Ocupou diversas pastas no executivo do Estado e de Palmas. Atualmente dedica-se a advocacia. Em 1953, ainda estudante exerceu o jornalismo, tendo sido o criador do jornal *Palavra Livre* que já naquela época defendia a criação do Estado do Tocantins. (CPDOC|FGV).

Oswaldo Aires, natural de Porto Nacional, filho da tradicional família portuense. Farmacêutico, líder político e jornalista. Foi prefeito de Porto Nacional de 1942 a 1944. Deixou como legado o serviço de energia elétrica da cidade e a presença da gestão nos distritos de Pium e Cristalândia, de garimpo de cristal. É lembrado pela sua militância em prol da criação do Estado do Tocantins. Em 1953 cria o jornal *A Norma* para contribuir com a luta ajudando na difusão da ideia da criação. Em 1956 integra a equipe que criou o jornal *O Estado do Tocantins*, porta-voz do Movimento Pro-Estruturação Jurídica do Estado do Tocantins, liderado pelo juiz Feliciano Machado Braga.

Em nível nacional uma nova ordem política se estabelece. O Brasil embala no ritmo da Revolução de 30 que começou a alterar o contexto regional. Historiadores goianos apontam a ascensão de Vargas com a Marcha para o Oeste como o advento histórico que colocou Goiás no mapa do Brasil (PALACÍN, 1990). A construção de Goiânia e transferência da Capital federal para o Planalto Central, criou um sentimento de otimismo no norte do Estado.

Neste período são publicados em Porto Nacional os periódicos *Goiás Central* (1950), *A Norma* (1853), *O Estado do Tocantins* (1956) e o *Polígrafo* (1958); em Pedro Afonso, *A Palavra* (1938), *O Colegial* (1940) e *A Voz de Pedro Afonso* e em Boa Vista do Tocantins, hoje Tocantinópolis, *Correio do Norte* (1948), *O Tocantins* (1950), *A Palavra Livre* (1953) e *o Verdade* (1956); em Pium *Ecos do Tocantins* (1956) e *Anuário do Tocantins* (1957); em Natividade, *Folha da Natividade*, *Folha de Gurupi* (1963), em Gurupi.

A Revolução de 30 inicia um processo de modernização com o incentivo à industrialização que favorece o surgimento da grande imprensa. (SODRÉ, 1983, SKIDMORE, 1982). A imprensa sofre com as restrições do Estado Novo com a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão de controle da imprensa exercido pelo governo federal. A imprensa do norte de Goiás sente os efeitos da modernização. Surge a imprensa engajada que vai assumir posição clara não apenas de defesa da região, mas a favor da criação do Estado do Tocantins.

O Estado Novo marca o início da profissionalização da atividade jornalística com o decreto de 1937 que regulamenta a profissão de jornalista. A censura e as disputas políticas influenciavam na produção jornalística, mas o analfabetismo era o grande desafio para o desenvolvimento da imprensa. Neste período também acontece uma mudança importante, sai o beletismo dominado por escritores e entra o texto enxuto, informativo e objetivo. (Petrarca, 2007).

A partir dos anos 40 Tocantinópolis rivaliza com Porto Nacional o domínio da atividade. Neste período se registra o maior número de jornais editados no norte de Goiás, anterior a criação do Estado. Foi o período também de maior movimentação em torno das manifestações pela criação do Estado do Tocantins. Fora do eixo – Porto Nacional, Pedro Afonso e Tocantinópolis - apenas três periódicos foram editados. *Ecos do Tocantins* (1951), *Anuário do Tocantins* (1957), em Pium e *Folha de Natividade*, em Natividade. O primeiro pode ser relacionado como periódico de Porto Nacional já que Pium neste período era distrito de Porto Nacional.

Até a década de 50 quase todos os jornais do norte mantinham no expediente a disposição de veicular material de colaboradores. Os jornais desta época se davam ao luxo inclusive de contar com correspondente em cada cidade da região. Ver-se tratar de atividade não remunerada já que não havia regularidade no envio de matérias para publicação.

Quando havia um fato que merecesse registro o correspondente enviava a notícia para a redação que fazia questão de garantir os créditos. Quase sempre eram os procuradores do

veículo naquela localidade para cuidar dos seus interesses, distribuição, venda de assinatura e de eventuais anúncios. A contribuição de correspondente era uma atividade bastante comum nos jornais deste período.

No período de 30 a 60 foram produzidos ao todo 15 jornais. Os periódicos mais importantes do norte são desse ciclo. Visto que foi neste período que se consolidou a imprensa engajada que fez campanha aberta pela criação do Estado do Tocantins. No caso do jornal *O Estado do Tocantins*, de 1956, foi criado especialmente pelo movimento autonomista como instrumento de difusão dos ideais da campanha que atingiu toda a região.

O segundo corredor de notícias começou a se formar a partir dos anos 60 com a abertura da BR-014, posteriormente denominada de BR -153, a Belém-Brasília e se consolidou com a pavimentação da rodovia nos anos 70, como observa Oliveira em seu estudo sobre Porto Nacional.

Os novos povoados que surgiram ao longo da rodovia Belém Brasília passaram a competir com as cidades já existentes que ficaram fora do traçado da mesma, mudando assim o eixo de importância econômica das antigas cidades ribeirinhas para as novas cidades da beira da estrada. (OLIVEIRA, 2005, p. 6).

Esse eixo localizado nas margens da Belém-Brasília era formado pelos municípios de Araguaína, Paraíso do Tocantins e Gurupi, todos a partir dos anos 80 passaram a contar com emissoras de rádio e Gurupi e Araguaína também com estação de TV. (Rodrigues, 2001; Aquino, 2002; Flores, 2009).

4.3 Terceira fase

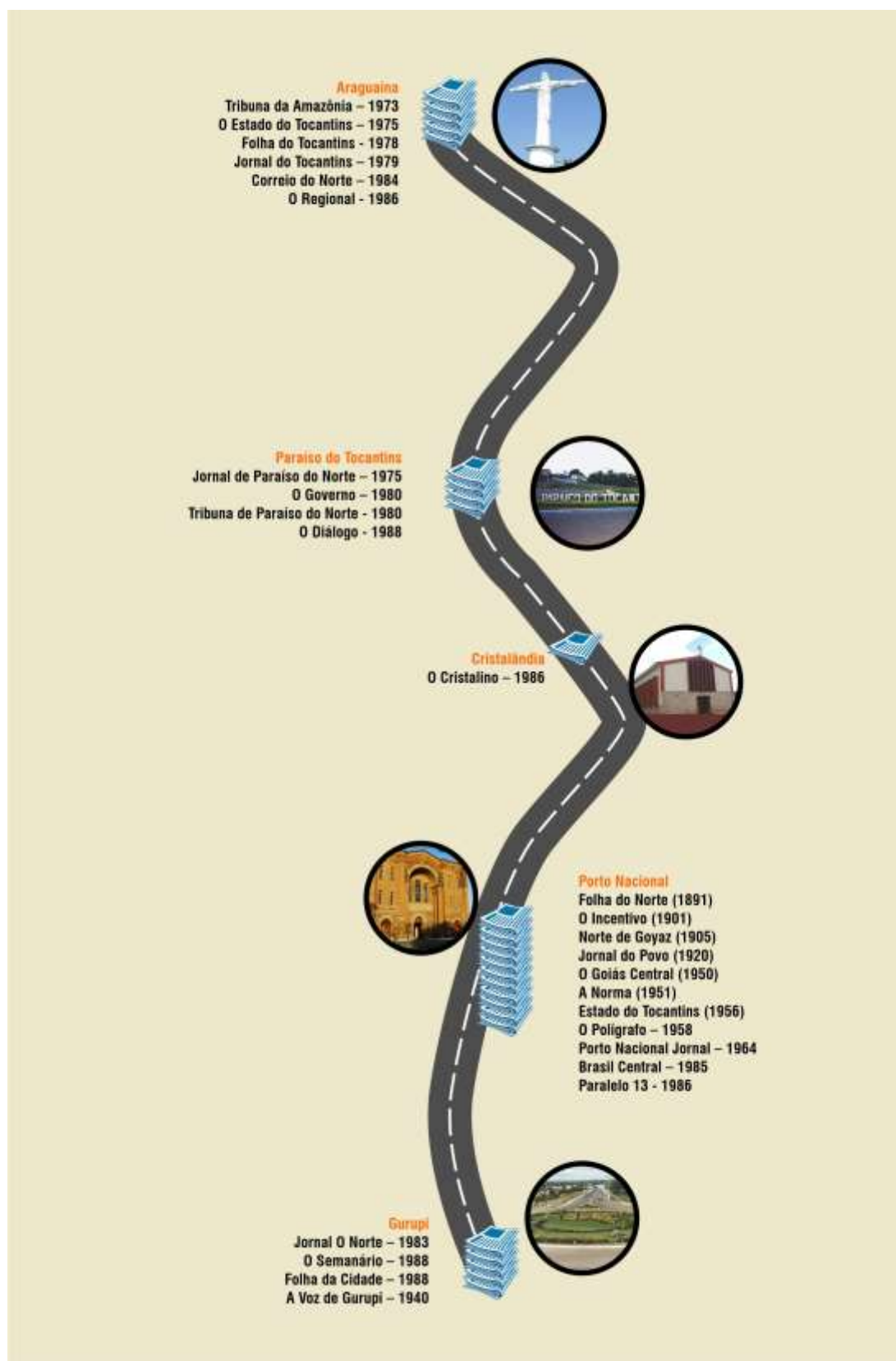
Terceira fase vai de 1960 a 1988, da consolidação do corredor rodoviário de comunicação à criação do Estado do Tocantins. No contexto nacional o país passa pelo surto da industrialização dentro do plano de metas do governo JK que inclui as grandes obras como a construção de Brasília e abertura Rodovia BR 153, a Belém-Brasília, fatores que indiretamente contribuíram para a criação do Estado do Tocantins, em 1988.

Figura 8- Trajetória da imprensa no norte de Goiás (1960-1988)



Fonte: Almanak de Goyaz (1887) Neto (1951), Teles (1989), Pina (1980), Silva (2003), Costa (2004), Anjos (2017), Bucar (2018)

Figura 9- Trajetória da imprensa no norte de Goiás (1960-1988)



Fonte: Almanak de Goyaz (1887) Neto (1951), Teles (1989), Pina (1980), Silva (2003), Costa (2004), Anjos (2017), Bucar (2018)

No norte de Goiás a imprensa passa por uma enorme transformação, deixa de ser partidária para se transformar em comercial. É o período que Sodré (1983) classifica como o início da formação dos conglomerados da imprensa. No norte de Goiás a imprensa começa a experimentar a fase comercial. Os jornais deixaram de ser rodados em pequenos prelos tipográficos e passam a ser impressos nos parques gráficos da grande imprensa, de Goiânia e de Brasília. A imprensa alcança a escala industrial.

O primeiro veículo desta nova fase é o *Porto Nacional Jornal*, lançado em 1964, em Porto Nacional, dirigido por Antônio Poincaré Andrade que dois anos antes tinha tido a primeira experiência como jornalista com a edição do *Voz de Gurupi*, em Gurupi. Formato tabloide, quatro páginas, quatro colunas com recursos de fotografia. Este periódico ainda era rodado em tipografia.

O jornal *Paralelo 13*, fundado em 1968, como instrumento de reivindicação do norte, projeto coordenado pela Casa do Estudante Norte Goiano (Cenog). O periódico era produzido em Goiânia e distribuído na região, trazia como subtítulo a inscrição, Órgão Difusor do Norte de Goiás, que dava indicativo da linha editorial do veículo. Periodicidade mensal, formato standard, 10 páginas, seis colunas e tiragem não revelada. Rodado pelo sistema offset em rotativas de grande porte.

A CASA DO ESTUDANTE NORTE GOIANO (CENOG, entidade social devidamente registrada no C.N. S.S., cuja finalidade especial é a de proporcionar ao estudante suas mais legítimas aspirações, compreendeu que, devido ao grande isolamento em que se acham os municípios do Norte de Goiano, proveniente da vasta extensão territorial e da falta de recursos comunicadores – Estradas, Correios, Telégrafos, Telefones, etc.) urgia fundar um órgão divulgador de grande penetração. E assim surgiu o PARALELO 13. (PARALELO 13, nº 05, 1968).

Em 1975 surge em Araguaína o mensário *Tribuna da Amazônia*, editado pelo jornalista Otávio Barros da Silva. mensário, opinativo, formato tabloide, oito páginas, cinco colunas, preto e branco, moderno projeto gráfico e conteúdo jornalístico voltado para valorização da região. Postura crítica e canal de manifestação dos problemas do norte. Circulou até 1975 quando deixou de circular cedendo lugar para um novo projeto jornalístico mais afinado com o norte de Goiás, *O Estado do Tocantins*, numa homenagem ao porta-voz do Movimento pela Estruturação Jurídica do Estado do Tocantins, lançado em 1956, pelo juiz Feliciano Machado Braga, em Porto Nacional. *Tribuna da Amazônia*, 1973 e *O Estado do Tocantins*, de 1975, fazem parte de um mesmo projeto jornalístico, combater o atraso do norte

de Goiás. Impresso inicialmente em Carolina (MA) na tipografia de Absalão e Celso Coelho, irmãos de Trajano Coêlho Neto do *Ecos do Tocantins*, posteriormente em Imperatriz (MA).

[...] ao longo desse 16º. ano de circulação, o jornal O ESTADO DO TOCANTINS já nascia com um título questionador na geopolítica do Brasil. Questionamento secular, concluído pela Assembléia Nacional Constituinte [sic] (ESTADO DO TOCANTIS, Nº 214, 1991).

Em 1975 finalmente uma mulher assume o comando de um jornal no norte de Goiás. Coube à Anadir Costa Galvão esta conquista, com o mensário *Jornal de Paraíso do Norte*. O empreendimento, porém, não obteve sucesso tendo em vista o pouco tempo de circulação, deixou de circular no mesmo ano, mas abriu espaço para as mulheres nas redações e colocou Paraíso do Norte, hoje Paraíso do Tocantins, na rota de produção jornalística. Formato tabloide, oito páginas, cinco colunas e uso de fotografia.

No dia 10 de novembro de 1978 começa a circular em Araguaína o quinzenário *Folha do Tocantins*, editado por Aldo Ayres, tinha como chefe de redação Luís Ayres e Rosimeire Ayres como diretora administrativa. Informativo, formato standard, 12 páginas, em seis colunas, preto e branco. A partir de 1999 passou a ser semanário.

Em 1979 surge em Araguaína o semanário *Jornal do Tocantins*, considerado o maior e mais importante jornal do norte de Goiás e Estado do Tocantins. Editado pelo Grupo Jaime Câmara, era produzido na sede da empresa em Goiânia e distribuído no norte. Só após a criação do Estado, em 88, o jornal ganha redação no Tocantins.

Em 1980 Paraíso do Norte volta a ter novo periódico. Desta vez a iniciativa é do jornalista Sebastião Reis de Oliveira Filho que criou o mensário *Tribuna de Paraíso do Norte*. Formato tabloide, oito páginas, cinco colunas de caráter político. Conta que o periódico circulou até 1982. Ameaças de líderes políticos locais insatisfeitos com a cobertura do periódico fizeram o jornalista desistir da empreitada e deixar a cidade às pressas.

Ainda em 1980 Paraíso ganha mais um informativo. *O Governo*, empreendimento do jornalista Aldo Aires Costa Filho que trocou Araguaína por Paraíso para ser sede de suas publicações. Periódico eminentemente comercial com muitos da sua época. Além de anúncios publicitários o veículo ainda veiculava matérias “pagas” disfarçadas de conteúdo jornalístico.

O Governo, ao contrário de outros periódicos de Paraíso, teve vida longa. Em 2000 quando o jornalista Luiz Spindola de Carvalho apresentou sua pesquisa sobre publicações do Estado do Tocantins ele ainda estava em pleno vigor, circulando quinzenalmente. Formato

standard, 10 páginas, preto e branco, seis colunas, moderno projeto gráfico, rodado em sistema *offset*.

Em 1983 surge em Gurupi, *O Norte*, editado pelo publicitário Alan Divino. Periódico informativo, formato tabloide, 8 páginas, cinco colunas, preto e branco e recurso de uso de fotografia. Impresso pelo sistema *offset* em parques gráficos de Goiânia. Tiragem e ano de encerramento desconhecidos.

Em 1984 o então prefeito de Cristalândia Manoel dos Reis Cortês resolve editar um jornal em sua cidade. Nasce *O Cristalino*, mensário, formato tabloide, oito páginas, e moderno projeto gráfico. O projeto foi concebido pelo professor da UFG Joãomar Carvalho que contava com o apoio de Gutemberg Brasil, que posteriormente assumiu a edição do periódico. Circulou ininterruptamente até a criação do Estado. O periódico colocou Cristalândia no cenário da produção jornalística da região norte.

Ainda em 1984 o jornalista Luiz de Souza Pires lança o *Correio do Norte* com sede em Araguaína. Resgata o título do periódico da década de 50, de Tocantinópolis, mas não tem nenhuma relação com o semanário boa-vistense. Standard, oito páginas, seis colunas e moderno projeto gráfico. Em editorial na edição de nº 41 o editor comemora a conquista de alcançar a marca de dois anos em plena circulação ininterrupta.

Vencemos mais uma etapa. Conseguimos chegar aos dois anos de circulação ininterrupta do *Correio do Norte*, quinzenalmente. Parece fácil, mas não é. Basta dizer que são rodados mensalmente 4.800 quilômetros, de carro ou de ônibus apenas para a impressão do jornal. Além do mais, o custo gráfico está pela hora da morte. Fica caríssimo manter um jornal quinzenário na região Norte-Nordeste de Goiás. (CORREIO DO NORTE, Nº 1986).

Ainda em 1985 Araguaína passa a contar com mais um periódico, *O Regional*, dirigido por Sandra Miranda, que depois de uma breve passagem pelo *Folha de Araguaína* resolve montar o seu próprio negócio. A primeira edição circulou no dia 10 de novembro de 1985. Quinzenário, informativo, formato standard, 12 páginas, seis colunas, preto e branco com boa apresentação gráfica. *O Regional* permaneceu até 1997 quando passou denominar-se *Primeira Página*, tornando-se o semanário. Ainda hoje circula com esta denominação. Impresso em parques gráficos de Goiânia e de Brasília.

Em 1986 os irmãos Edson Rodrigues e Edvaldo Rodrigues fundam em Porto Nacional *O Paralelo 13*, resgatando um título que já tinha de um periódico editado pela Cenog no final dos anos 60 e que faz referência também a ideia de autonomia da região norte, tendo em vista ser o paralelo 13 a linha divisória entre norte e sul de Goiás. Semanário, informativo, formato standard, 12 páginas, seis colunas com forte apelo regional, mas durante muitos anos foi

editado e impresso em Goiânia como a maioria dos jornais da época. *O Paralelo 13* constitui um importante objeto de pesquisa tendo em vista ser o único jornal do norte de Goiás que ainda circula mantendo as características originais.

Em 1988 começa a circular em Gurupi *O Semanário*, como o próprio nome diz era semanário, informativo, formato tabloide, oito páginas, cinco colunas. Zacarias Martins, Ivonete Mota e Jarbas Coutinho integraram a equipe do periódico que era imprensa no Rio de Janeiro (RJ) e teve vida efêmera.

Em 1988 surge em Paraisópolis do Tocantins *O Diálogo*, por iniciativa do jovem Carlos Ferreira Neves (Carlinhos Nevé) e que contou com a colaboração de José Di Ambrósio. Informativo, formato tabloide, oito páginas, preto e branco, tiragem desconhecida. A primeira edição estampou como manchete uma entrevista como prefeito da cidade Moisés Avelino com o título Moises Avelino em Diálogo. Apesar da boa repercussão da estreia o periódico não passou da segunda edição. As precárias condições de produção e o total desconhecimento dos empreendedores inviabilizaram o negócio.

E encerrando a relação dos jornais do norte de Goiás, vem o *Folha da Cidade*, fundado em 1988 em Gurupi, editados pelos jornalistas recém-formados Luiz Barbosa Aguiar e Antônio Júnior Veras. Informativo, formato tabloide, oito páginas, preto e branco. Impresso pelo sistema offset em Goiânia. Após a criação do Estado do Tocantins passa ao formato standard, 12 páginas, voltado para a região sul do Estado.

4.3.1 O contexto da Terceira fase

Nos anos 60 o corredor de imprensa deixa as margens do rio Tocantins e se estabelece nas margens da Rodovia Belém-Brasília, o novo eixo de desenvolvimento da região. Araguaína assume a condição de polo de produção da imprensa mais importante do norte. Porto Nacional ainda se mantém como sede de jornais regionais, mas já não é mais o principal polo de irradiação de notícias. Araguaína neste período já era o maior município do norte. A Rodovia Belém-Brasília e um conjunto de investimentos em telecomunicações aceleram a integração dos polos de comunicação.

Neste período a imprensa passa por mais uma grande mudança. Periódicos que até então dispunham de poucos recursos gráficos entram na fase da modernidade. Em vez de pequenas tipografias os jornais passam a ser impressos em rotativas industriais. Jornais deste

período ganham em qualidade, volume, circulação e faturamento, mas perdem em cobertura regional.

4.3.2 Profissionais

Neste período se verifica uma mudança significativa no perfil dos jornalistas que atuaram na imprensa regional. Os profissionais liberais das áreas de medicina, direito e farmácia que predominou no período passado, agora cede lugar para jornalistas profissionais com formação em nível superior, na área. Profissionais que se destacaram neste período: Manoel Getúlio Matos Quinaud, Otávio Barros, Anadir Costa Galvão, Aldo Ayres, Luiza Renovato, José Sebastião Pinheiro, Sebastião Reis de Oliveira Filho, Divino Alan, Luiz de Souza Pires, Edson Rodrigues, Edvaldo Rodrigues, Joãomar Carvalho, Gutemberg Brasil, Sandra Miranda, José Ambrósio, Carlos Ferreira Neves, Luiz Barbosa Aguiar e Antônio Júnior Veras.

A imprensa no norte de Goiás ao longo de quase um século de predominância absoluta na região construiu uma trajetória que se permite dizer que contribuiu para a formação do Tocantins, visto que uma das principais bandeiras – a autonomia da região – que de forma clara ou difusa aparece como ideário da grande maioria dos periódicos, alcançou êxito.

Ainda que dentre os diversos periódicos tivesse alguns que não comungavam com a ideia da autonomia, mas defendiam os interesses da região o que indica que de alguma forma também contribuíram com a formação do Tocantins. Das folhas sertanejas do século XIX ao jornalismo autonomista do século XX a imprensa do norte de Goiás integra elementos de resistência, de combatividade e de luta pela criação do Estado do Tocantins.

Analisando o percurso da imprensa no norte de Goiás se observa a formação de polos de produção de notícias. Porto Nacional foi o primeiro e o de maior duração. Permaneceu por quase 100 anos como referência de imprensa no norte. Tocantinópolis no extremo norte, Pedro Afonso no centro e Araguaína, Paraíso do Tocantins e Gurupi, ao longo da rodovia BR-153, também figuram como polos em épocas diferentes.

Mas se observa também pelos menos dois eixos que ajudam a compreender as razões do desenvolvimento da imprensa na região. O primeiro eixo situava-se nas margens rio Tocantins a partir da integração dos municípios de Porto Nacional, Pedro Afonso e Tocantinópolis. Situavam-se em pontos estratégicos e se achavam inseridos num mesmo modelo de desenvolvimento. Eram entrepostos comerciais e de comunicação. Condições que

favoreciam o desenvolvimento da imprensa. O segundo o eixo rodoviário formado a partir da consolidação da Rodovia BR – 153, a Belém-Brasília como uma via de integração nacional, a partir dos anos 70. Gurupi, Paraíso e Araguaína integravam este corredor como os novos polos de comunicação da região.

5 RESULTADOS E ANÁLISE

Os jornais do norte de Goiás compilados no recorte histórico de 1891 a 1988, do aparecimento da imprensa na região à criação do Estado do Tocantins, objetos deste estudo, formam um conjunto complexo e heterogêneo, composto por informativos, opinativos, partidários, engajados, imparciais, nanicos, tabloides, semanários, diários, comerciais, que revela uma diversidade de projetos editoriais, que têm em comum a identidade regional.

Até a década de 50 jornais do norte de Goiás se auto intitulavam imprensa sertaneja, numa referência ao que tudo indica, ao vazio demográfico da região e, também ao caráter provinciano das publicações. Esses periódicos foram se modificando ao longo do desenvolvimento da imprensa regional, impelidos por mudanças no processo de produção em razão dos avanços tecnológicos e das demandas do público leitor que acompanhavam as transformações da região ou a ausência delas.

Teóricos da mídia alertam para o conceito sistêmico que compreende o campo do qual faz parte a imprensa como uma ordem vigente até o final do século XX, mas que tende a ser superada por novas tecnologias. “A mídia precisa ser vista como um sistema, um sistema em contínua mudança, no qual elementos diversos desempenham papéis de maior ou menor destaque”. (BRIGGS, 2006, p.15).

Subdesenvolvimento estrutural, precárias condições de comunicação, disputas internas pelo controle da representação política da região, são fatores que contribuíram para a conformação da imprensa regional no norte de Goiás, bem como para o seu surgimento e desaparecimento. Um traço muito comum das publicações do norte de Goiás é a efemeridade, não muito diferente de outras regiões do país, mas talvez no norte este aspecto tenha sido mais acentuado.

O estudo da história da imprensa pressupõe um percurso trilhado pelos periódicos, tomados como peças de uma engrenagem social, um sistema, como conforme preceitua Barbosa (2017). “É preciso perceber a história do jornalismo como uma história dos sistemas de comunicação, considerando um circuito que vai do produto ao leitor, passando pelas formas de apropriação das mensagens”. (BARBOSA, 2017, p.2).

De acordo com a tipologia definida neste trabalho que atendem a critérios objetivos como – identidade, produção, formato, projeto gráfico, tiragem, volume, ilustração, financiamento, periodicidade, participação e alcance – seguindo a aplicação do método de análise de conteúdo (Bardim, 2009), foi possível classificar os periódicos tocantinos em três grupos distintos, enfeixados de acordo também com os períodos históricos a qual estão

inseridos, tendo em vista o recorte de longa duração e as inovações tecnológicas que impactaram o campo. Os períodos históricos aqui delimitados constituem referencial aproximado.

O primeiro grupo compreende oito periódicos da primeira fase que vai de 1891 a 1930, do aparecimento da imprensa no norte, em Porto Nacional, à dispersão para outros polos. O segundo, composto com 15 periódicos da segunda fase, que vai de 1930 a 1960; da dispersão à formação de corredores de imprensa e o terceiro grupo que conta com 18 periódicos da terceira fase, que vai de 1960 a 1988; da formação de corredores de imprensa à criação do Estado do Tocantins.

Não estão incluídos nesta relação nove jornais manuscritos encontrados meio por acaso no andamento da pesquisa e que mereceram uma análise à parte, por integrar uma outra plataforma comunicacional, a ordem manuscrita, dotada de características próprias deferentes da tipografia. Esses periódicos, cuja trajetória se mistura com os tipográficos são fontes documentais da imprensa.

Jornais da primeira fase podem ser definidos como periódicos locais, quase que exclusivamente de Porto Nacional. Formato predominante ofício, *in quatro*, em quatro colunas com pouco recurso de ilustração e tiragem pequena, não superior a mil exemplares. Os primeiros jornais desse período alcançavam uma tiragem de 100 exemplares. Dado aproximado tendo em vista que os jornais da época não prestavam esta informação no expediente, como passou a ser um item obrigatório da imprensa moderna. Ao que parece era um dado irrelevante.

Folha com quatro páginas virou sinônimo de jornal. Não havia nada além. Jornal era uma folha impressa dobrada totalizando quatro páginas. O recurso gráfico era bem rudimentar, sem uso de ilustração, de alcance local. Não se usava título, no máximo uma retranca que identificava a seção, não a matéria. Neste período a tipologia também era diversificada, normalmente uma tipografia possuía no máximo dois tipos, não mais que isso.

Além de Porto Nacional, Natividade e Arraias produziram periódicos locais. Todos, com exceção do *Norte de Goyaz*, tiveram vida efêmera.

O proprietário era quem assumia formalmente a função de diretor e ficava responsável pela redação e edição e muitas vezes também cuidava de todo o processo de distribuição que incluía o envio de remessa para assinantes e não assinantes.

A imprensa que se praticava naquela época era bem diferente do modelo tecnológico como conhecemos hoje. Os recursos gráficos eram limitadíssimos, pelo alto custo ou pelo desconhecimento técnico já que havia poucos profissionais capacitados na região. A carência

de gráficos era tanta que um único profissional dava assistência a vários prelos. Barbosa (2017) observa que os jornais do século XIX e início do século XX tinham modelo de livros. Era um conjunto de letras com pouca variação. A ideia de diagramação parece que ainda não havia, o resultado é que além da falta de apelo visual a distribuição textual também não ajudava na leitura.

A diagramação era linear, verticalizada, ou seja, o texto começava na coluna mais à esquerda, descia e recomeçava no alto da coluna seguinte e assim por diante. A disposição dos elementos predominante era a simétrica. Em geral as seções não eram fixas e não existia fragmentação do texto, na forma de peças explicativas, ou matérias coordenadas, por exemplo. Os textos começavam na primeira página e seguiam linearmente, de cima a baixo, página a página. (FREIRE, 2009, p. 298).

Freire (2009) observa que as chamadas de capa para páginas internas só se firmaram como instrumento de navegação horizontal na década de 60. Técnica apropriada quando se tem mais do que quatro páginas. Em quatro páginas como era o formato dos jornais do norte não havia muito espaço para chamada de capa. Todo o espaço possível era ocupado por notícias.

Quinzenário, formato ofício, quatro páginas, em três colunas, sem uso de fotografia, tiragem de até mil exemplares, cobertura jornalística local com apoio de colaboradores. Esse é o modelo sintético da média dos jornais do norte de Goiás até metade do século XX. Alguns jornais mantinham uma rede organizada de colaboradores que garantia uma cobertura de fato regional. Esse era um diferencial que só a imprensa regional conseguiu em relação à cobertura dos assuntos de interesse da região.

A partir dos anos 50 entra em cena outro modelo bem diferente que reflete bem a mudança da imprensa partidária e opinativa para a imprensa comercial. Semanário, formato tabloide e standard, 8 páginas, contendo projeto gráfico, tiragem acima de mil exemplares e cobertura de todo o Estado. Esse é o modelo sintético da imprensa do norte a partir da metade do século XX.

Foi possível inferir que os jornais da primeira fase tiveram uma atuação jornalística ligada ao exercício de legitimidade do poder e expressão dos anseios da região, quase sempre manifestados pelos editores em editoriais e opinião. Mas havia espaço também para publicação de cartas do leitor e para artigos ou mensagens de colaboradores (Oliveira, 1997; Costa, 2004).

A fonte de financiamento era quase sempre investimentos privados e a venda de assinaturas. O faturamento com veiculação de anúncios ainda era bem pequeno. A

necessidade de venda de assinatura ou venda avulsa do jornal como receita de financiamento ajuda a explicar a baixa tiragem. O início 100 exemplares era o que se conseguiu vender. O analfabetismo era outro fator que inibia a tiragem.

A produção jornalística neste período estava ligada aos interesses dos seus financiadores, como estes em sua grande maioria almejavam carreira política, seus interesses naturalmente giravam em torno da conquista e exercício do poder.

Um dado que corrobora com esta premissa é associação do jornalismo com a política. Com base na análise do perfil dos nove empreendedores deste período que editaram jornais – Frederico Lemos, Luiz Leite Ribeiro, Francisco Ayres da Silva, Quintiliano Luiz da Silva, João Joca Ayres, Abílio Nunes, Rafael Fernandes Belles, José Lopes Rodrigues e João D’Abreu pelo menos sete exerceram longa trajetória política. Cargos de intendente (prefeito atual), prefeito, deputado, estadual e federal, senador, presidente da Assembleia Legislativa de Goiás e governador interino de Goiás. Como obra de sua época os jornais mediaram estes processos.

Neste período o jornalismo estava relacionado ao campo político, portanto, à ideia de missão; defender causas, criticar governos e defender partidos. Petrarca (2007) observa que no final do século XIX não havia distinção entre intelectuais, políticos e jornalistas. O jornalismo ocupava uma posição intermediária entre a política e a literatura. Representava um bico como alternativa de renda e um trampolim para alcançar outras esferas sociais.

Neste primeiro momento a criação do Estado do Tocantins ainda não estava posta enquanto debate público travado principalmente nas páginas dos jornais como se veria nos anos seguintes. A ideia de autonomia que tem fundamento histórico, nesse período passava por uma fase de dormência. Os jornais atuavam em defesa da região norte de Goiás, sem, contudo, mencionar divisão do Estado.

O debate divisionista ganha força com a Revolução de 30 que permitiu a construção de Goiânia, bem como a apresentação do projeto de criação do Território do Tocantins, formulado pelo Brigadeiro Lysias Rodrigues, em 1940. Pedro Ludovico conta que a Fatos que de alguma forma encorajaram os movimentos autonomistas do Tocantins. Até a década de 30 a meta do norte era buscar superar o atraso em relação ao sul.

Revolução de 30 foi fundamental para a construção de Goiânia. O então governador de Goiás avalia que Goiânia era impraticável sem a Revolução de 30. “Três anos depois da vitória da Revolução de 30, ou seja, no 24 de outubro de 1933, promovíamos o lançamento da Pedra Fundamental de construção de Goiânia”. (ROCHA, 1998, p.33).

Jornais da segunda fase estão ligados à defesa de ideias, de partidos, de líderes políticos, da comunidade regional, mas também dos movimentos que viam a necessidade de criação do Estado do Tocantins. Neste período surgem jornais que se pode classificar de engajados

O avanço tecnológico que levou várias cidades do norte a contar com prelos para confeccionar seus jornais agora faz desaparecer estas impressoras. A instalação de rotativas industriais de grande porte dos veículos, pertencentes à grande imprensa ofereciam impressão a custo mais baixo e com melhor acabamento que os velhos prelos. Neste momento há uma mudança radical na estrutura da imprensa regional.

Os jornais deixam de ser impressos na região e passam a ser rodados em Goiânia. Os jornais desse período ganham caráter estadual, mas, deixam a desejar na cobertura regional. Acontece um fenômeno que se poderia chamar de “desterritorialização” da notícia. O que se tinha nesta época eram jornais mais modernos com maior tiragem e com financiamento de publicidade do governo e iniciativa privada, mas periódicos menos engajados em relação à cobertura regional.

Neste período se observa a formação de redes de comunicação que parece não haver no período anterior em que os jornais detinham amplitude local. As redes começaram a ser formadas a partir da necessidade dos jornais de alcançar um público maior, com a busca de ampliar o raio de circulação e de cobertura. Os periódicos passam a contar com colaboradores em localidades estratégicas que cuidavam de enviar notícias e, também da distribuição.

Replicar matérias de jornais locais, com o devido registro da fonte, era uma forma de enriquecer o noticiário utilizando como recurso a credibilidade do concorrente, que na época não concorrente, mas “confrade”. Os jornais usavam ainda serviço de rádio escuta com produção de notícias a partir do noticiário do rádio e veiculação de conteúdo produzido por agências de notícias. As redes ganharam força com o crescimento dos corredores de comunicação, o corredor fluvial, no rio Tocantins e o rodoviário, na margem da Rodovia BR – 153.

Jornais da terceira fase estão ligados ao conceito de objetividade. São informativos, imparciais e objetivos. A notícia agora é vista como mercadoria, como outra qualquer que pode ser vendida. O empreendedor que quase sempre era um líder político, um representante de partido, comerciante ou servidor público tinha agora a motivação também do lucro, ainda que fosse para disfarçar o interesse político. Comunicação, neste período já se tornara um negócio lucrativo.

A princípio como em qualquer outro lugar, a imprensa era um ideal em busca de esclarecimento. Não havia ainda a preocupação com lucro, mas de busca de alternativas de financiamento. A venda de assinatura e de anúncios publicitários fizeram o negócio avançar para a obtenção de lucro. Pela ordem de importância em segundo lugar vinha o objetivo político que era a visibilidade política, econômica e projeção em outras esferas. Essa ordem de interesse poderia se inverter. A primeira motivação tanto poderia ser a busca de visibilidade e legitimidade política, sendo a obtenção do lucro, a segunda. (Petrarca, 2007).

O jornalismo exercido como é hoje, por profissionais com formação superior e prestação de serviço profissional, começa a ser organizado a partir da década de 60, primeiro nos grandes centros e só alguns anos depois alcança o interior. “A partir dos anos 60 os jornalistas, a maioria formada em escola de jornalismo, colocaram em evidência seu profissionalismo, isto é, sua ideologia profissional.” (CHAMPAGNE, 1998, p. 133). Além da objetividade o jornalismo atendia também a preceitos éticos.

Os jornais do norte de Goiás representam um significativo universo da imprensa brasileira, ainda que diminuto, mas representativo em termos de diversidade, tendo como referência identitária a própria imprensa goiana.

Os periódicos do norte já nasceram num ambiente de clara oposição entre norte e sul e se valeram desta dicotomia para estabelecer uma identidade própria. Tomando identidade neste trabalho como um processo de construção social, que corresponde à definição social do grupo e que permite situá-lo socialmente (CUCHE, 1999).

Convém lembrar que esses jornais formam um universo heterogêneo composto por unidades às vezes antagônicas e que somente no tratamento da pauta regional se pode falar de conjunto. Desde o *Folha do Norte* ao *Folha da Cidade* todos repetiam a mesma cantilena do subdesenvolvimento do norte em consequência do isolamento cujo destino tenderia a mudar com a autonomia da região.

Ao assumir a condição de periódicos do norte já estava posta a intencionalidade de contraposição ao sul. Ser imprensa do norte era ser diferente do sul, oposição ao sul e ser oposição ao sul significava romper a condição de submissão e assumir a ideia de autonomia, buscar trilhar caminho próprio.

Pela análise dos periódicos catalogados tendo como parâmetro a tipologia utilizada pode-se inferir que os jornais do norte de Goiás deixaram de ser um subcampo da imprensa goiana para constituir-se num campo autônomo na medida em que defendiam a autonomia da região a qual faziam parte.

Uma imprensa que não tivesse autonomia em relação ao sul de Goiás como poderia defender a ideia de autonomia da região norte, tendo para isso, às vezes que se contrapor aos governos de Goiás que a imprensa do sul não fazia, a não ser a imprensa partidária de oposição, a um determinado governo em um determinado momento?

Ao se vincularem a uma pauta bem específica, reivindicações da região que se via como injustiçada pelo isolamento e falta de atenção dos governos a partir do lugar de fala da região, contribuíram para a difusão de representações que reforçavam no imaginário coletivo a ideia ao mesmo tempo, de diferenciação e legitimação do direito à autonomia.

Seguindo o pensamento de Bourdieu (2007) esses periódicos conquistaram uma relativa autonomização ao se contrapor ao campo da imprensa de Goiás. Estava claro que esses periódicos não queriam se dirigir à opinião pública de todo o Estado, mas de forma direcionada aos nortenses, seu público leitor preferencial. Se alguns periódicos remetiam parte da tiragem para todo o Estado e até para fora, era para que outras regiões tomassem conhecimento da sua atuação, de sua pregação e das necessidades da região.

Desde o aparecimento do primeiro jornal *Folha do Norte*, em 1891 ao último *Folha da Cidade*, em 1988, que esta postura de defesa do norte se manteve ao longo dos tempos. Num primeiro momento, defesa da pauta regional, reivindicação de melhoria da infraestrutura e qualidade dos serviços básicos, quase inexistentes. Num segundo momento, a defesa da região passou a ser a defesa da sua autonomia, separação do sul e constituição de uma nova unidade da federação.

Um dado que salta aos olhos ao se analisar os jornais do norte de Goiás é a quase completa ausência de mulheres no expediente das publicações. Ao que tudo indica, redação no norte não era lugar para mulher. O que isto quer dizer? A imprensa autonomista também era uma imprensa machista no sentido de assegurar espaço privilegiado aos homens? Esse não era um traço somente da imprensa do norte, mas da imprensa brasileira. O que chama atenção neste estudo é como as mulheres no norte acharam brecha para romper esta interdição. O capítulo dos manuscritos revela como se deu esta conquista.

O que explica a invisibilidade da mulher nos periódicos do norte em termos profissionais? Indagação que aponta a necessidade de novas investigações em busca de respostas. Só em 1942 o expediente de um periódico, *O Colegial* vai constar o nome de uma mulher Jesuína Tavares, na função administrativa e não na produção e edição de notícias. Jesuína Tavares colabora ainda com o jornal *A Palavra* quando foi transferido para a dupla – Messias Tavares e Álvaro Japiassú – de *O Colegial*, periódico que iniciou manuscrito.

Em 1960 finalmente as mulheres conquistam a redação de um periódico, o *Ecos do Tocantins*. A saída do experiente Ateneu Rêgo Santos que exercia a função de Gerente-Secretário levou o diretor Trajano Coêlho Neto a convocar as suas filhas – Maria Teixeira Coêlho, Marisa Teixeira Coêlho e Mary Teixeira Coêlho – para assumir as funções de gerência e redação. Foi o momento em que o diretor teve que se afastar da redação para ser candidato a prefeito de Pium.

Foram decorridos ainda mais 15 anos para uma mulher assumir a direção de um jornal. Em Paraíso do Norte, hoje Paraíso do Tocantins, com Anadir Costa Galvão que criou e dirigiu o *Jornal de Paraíso do Norte*. O periódico teve curta duração. Além de Anadir apenas Luiza Renovato, *Jornal do Tocantins* em 1979 e Sandra Miranda, *O Regional*, em 1986 foram editoras de jornais no norte de Goiás, em meio a um batalhão de homens que eram proprietários, editores e redatores de seus jornais.

O estudo dos jornais do norte de Goiás tem como instrumento de avaliação o método de análise de conteúdo com base na tipologia que atendem a critérios objetivos como – identidade, produção, formato, projeto gráfico, tiragem, volume, ilustração, financiamento, periodicidade, participação e alcance – seguindo a aplicação do método de análise de conteúdo (Bardim, 2009), foi possível classificar os periódicos tocantínos e compreender que papel exerceram no contexto regional.

Jornais do norte buscaram ser diferentes, podemos constatar que os próprios historiadores da imprensa goiana reconhecem esta distinção ao observar que determinados jornais são defensores do norte. Não fazem isso em relação a outros jornais de outras regiões. A distinção corrobora com esta percepção que havia uma imprensa profundamente vinculada ao norte, uma imprensa que podemos caracterizar como nortense, independente de onde era feita.

Coerente com a postura de imprensa regional esses periódicos chegaram ao ponto de contrapor os governos denunciando as precárias condições de produção jornalística. Mas também contribuíram para a conquista e legitimação do poder local exercido por líderes regionais que se impuseram como “chefes” políticos da região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] a notícia não é o que aconteceu no passado imediato, e sim o relato de alguém sobre o que aconteceu.

Darnton

A história da imprensa no norte de Goiás é uma história de resistência, combate e ressignificação. Resistência ao processo de esquecimento e de marginalização da região que tem fundamento histórico; combate, ao analfabetismo, ao isolamento, à carência estrutural que tornava a atividade de imprensa na região, quase uma aventura.

A imprensa atuou também como produtora de ressignificação, transformando elementos do subdesenvolvimento em potencial a ser explorado por meio em exercícios de possibilidades.

A imprensa no norte de Goiás em função das carências regionais, precárias condições de transporte e de comunicações trilhou uma trajetória bem diferente da imprensa produzida no sul do Estado. Talvez num ritmo mais lento o que resultou em periódicos de formatos acanhados, produção jornalística, acabamento técnico, bem como a área de abrangência. Não em termos de conteúdo e do papel social desempenhado.

Não se trata aqui de reconstruir a trajetória da imprensa por uma perspectiva linear da história da imprensa nesta região. Jornais são unidades heterogêneas de sistemas complexos de comunicação que surgem e desaparecem como resultado da própria dinâmica da sociedade. É preciso olhar a imprensa buscando refletir o seu papel e as transformações sociais.

A imprensa chega ao norte com um atraso de pelo menos 60 anos em relação ao sul de Goiás e parece manter esta distância de tempo em relação ao processo de modernização. Pela análise dos periódicos é possível observar um atraso em relação às principais transformações da imprensa. O atraso do Brasil em relação às inovações adotadas na Europa ou Estados Unidos o mesmo acontece com o interior do Brasil, as inovações demoram a chegar. Sodré observa que “determinadas inovações adotadas no início do século XX ainda perduram até hoje nos jornais do interior”. (SODRÉ, 1983, p. 275).

Jornais pequenos, de baixa tiragem, de vida efêmera, condicionados pelas precárias condições de produção. Em muitas cidades não tinha energia elétrica suficiente para manter as tipografias funcionando. Em Pium, Trajano Coêlho Neto disponibilizava para os moradores a energia excedente da sua tipografia. Por outro lado, eram jornais pequenos, mas vibrantes, aguerridos na defesa da região. Como até os anos 80 não recebiam verbas publicitárias do governo do Estado matinha postura de independência.

Ao longo do processo de formação do Tocantins várias funções e imagens foram sendo configuradas em torno da identidade da região. Essas representações estão presentes, sobretudo na maneira como os jornalistas retratavam a região em suas narrativas destacando o paradoxo em torno da representação da região de enorme potencial de riqueza e ao mesmo tempo pobre, esquecida e isolada.

Os jornais do norte podiam até ser menores do ponto de vista técnico em comparação com jornais de outras regiões, mas cumpriam bem o papel de imprensa regional. Comunicação ao seu público.

O primeiro aspecto que se pode levar em conta refere-se ao atraso da chegada da imprensa no norte em relação ao sul. Enquanto no sul de Goiás a imprensa chega nas primeiras décadas do século XIX, no norte de Goiás a impressão de jornais só vai acontecer na última década.

O primeiro jornal do norte, *Folha do Norte*, cujo primeiro número veio à luz em três de maio de 1891 não se compara em nada com a *Matutina Meiapontense*, o primeiro jornal de Goiás, fundado em 1830. Outro dado importante que comprova esta enorme distância entre norte e sul na prática jornalística, quando o *Folha do Norte* surge o sul contava com mais de 40 jornais(COSTA, 2004).

Pode se perguntar qual a diferença da imprensa produzida em Goiás para a imprensa que se fazia no norte de Goiás? Pode não ser tão evidentes aos olhos de quem observa esses dois modelos pelas lentes de apenas um dele. Olhando os jornais do norte não se pode compreender em profundidade como se deu o desenvolvimento da imprensa no sul do Estado. Pelos jornais do sul não se consegue perceber as minúcias dos jornais produzidos no norte de Goiás. A força de vontade dos empreendedores, a criatividade dos jornalistas e gráficos e a presteza dos colaboradores.

Se este processo fosse automático, se não houvesse o impasse epistemológico os jornais do norte teriam sido profundamente estudados pela história da imprensa goiana.

Qualquer pesquisador desta área se depara com uma grande lacuna no estudo da imprensa goiana que não consta jornais desta região do Estado abaixo do paralelo 13. Por que

isso acontece? Não houve imprensa nesta região ou os jornais editados no norte não têm interesse para a história. Nem uma coisa e nem outra.

O norte contou com quatro dezenas de jornais tão importantes quanto os do sul e que têm relevância para a história, mas são dotados de especificidades que tem a ver com as condições com que eram produzidos. O desprezo da história da imprensa goiana pelos jornais do norte não é muito diferente da indiferença história entre sul e norte que desde muito cedo no dizer de Palacín alimentou o discurso autonomista.

Norte, em Goiás, deixou muito cedo de ser um denotativo meramente geográfico para carregar um peso de oposição política, primeiro, todo um quadro de involução social e atraso econômico, de subdesenvolvimento, diríamos com uma expressão atual, mas tarde. (PALACÍN, 1990).

De acordo com uma visão puramente marxista o desenvolvimento da imprensa é resultado do desenvolvimento capitalista. Por este raciocínio podemos concluir que a diferença entre norte e sul de Goiás que refletiu no desenvolvimento da imprensa em âmbito regional não tem a menor diferença de outras áreas, com educação, saúde, transporte em que o sul ao longo dos tempos concentrou mais recursos.

O que chama atenção é que a imprensa no norte de Goiás é a sua força simbólica junto ao imaginário do norte. E se fez assim sem as condições básicas, recursos financeiros para investimentos, profissionais capacitados e público leitor.

Como pequenos jornais, editados em precárias condições, controlados por chefetes políticos que disputavam a ferro e fogo a representação da região, em meio à censura dos governos e alto índice de analfabetismo conseguiram transformar sentimentos autonomistas arraigados no imaginário da região em seus fundamentos identitários que iriam exercer fortes influências no processo de transformação da região?

Os jornais não criaram nenhum movimento pela autonomia da região norte de Goiás que hoje abriga o Estado do Tocantins e nem apoiaram esse o aquele manifesto em favor da redivisão territorial do Brasil. No norte de Goiás os jornais cumpriram a missão que lhe couberam, enquanto imprensa regional, defender os interesses da região. Progressivamente esses periódicos foram se afirmando na defesa da pauta regional.

A imprensa no norte surge pelas mãos de coronéis que exerciam forte influência na configuração do poder na região, mas surge com sentimento de resistência contra o isolamento e indiferença do governo central para com a região. A imprensa no norte surge

pelas mãos dos coronéis passa para intelectuais como professores, médicos de advogados e finalmente chega às mãos dos jornalistas, mas sempre ligados à política.

No primeiro momento – que coincide com período de 1891 a 1930 – os jornais denunciavam a falta de serviços básicos e reiteravam as reivindicações encaminhadas pelos líderes da região. Cumpriam a função de porta-vozes da região ampliando o direito de fala da gente tocanina. As reivindicações eram muito pontuais, estradas, comunicações, educação e saúde.

No segundo momento – 1930 a 1960 - os jornais já assumem uma posição deliberada de defesa da região, inclusive se contrapondo aos governos. Já não agem mais por orientação de líderes, em cumprimento a uma pauta que foi se impondo historicamente como o assunto de interesse comum dos nortenses.

Neste período se verifica o surgimento de um tipo de imprensa que se pode classificar de engajada. *Ecos do Tocantins*, *A Norma*, *O Estado do Tocantins*, *A Palavra Livre* e *Correio do Norte* são alguns exemplos de jornais engajados que não apenas davam destaque para a pauta da autonomia, como desenvolveram ou participaram de campanha em favor da criação do Estado do Tocantins.

A imprensa no norte de Goiás pode ser classificada como uma atividade de resistência, de ressignificação e de construção do imaginário da região que viria a se tornar o Estado do Tocantins. (BUCAR, 2018; MACEDO, 2015; OLIVEIRA, 1997). Os jornais foram os primeiros e únicos veículos com “lugar de fala” da região desde o surgimento da imprensa até a criação do Estado.

É compreensível indiferença tocaninense em relação a sua história. A forma como a história tem sido contada não resta esperar muito além do desprezo. O ufanismo que predominou nos seus primeiros anos de implantação do Estado do Tocantins criou a falsa ideia de que tudo que existe no Estado é conquista da emancipação. Um excessivo devotamento à história do presente e a completa alienação em relação ao passado.

De fato, a criação do Estado do Tocantins pela Assembleia Nacional Constituinte de 1987, promulgada no dia cinco de outubro de 1988, provocou uma enorme transformação sócio-político e econômica do norte de Goiás com impacto positivo em praticamente todas as atividades, inclusive na comunicação e propiciou conquistas imagináveis para a região.

O método indiciário permitiu aumentar consideravelmente o número de periódicos editados no norte de Goiás. Alguns constavam de registros de época veiculados na imprensa, outros permaneciam completamente desconhecidos. Exemplo de *O Colegial*, editado em 1940, em Pedro Afonso por uma dupla de jovens estudantes Messias Tavares e

Álvaro Japiassú. O periódico começou manuscrito depois passou a ser impresso na tipografia de outro jornal da época, *A Palavra*, que posteriormente absorveu os dois praticantes do jornalismo.

A pesquisa teve como pretensão estabelecer os conceitos fundantes da imprensa tocantinense que como se buscou comprovar não nasceu com a criação do Estado do Tocantins, mas um pouco antes, no norte de Goiás, em algum momento de ressignificação da identidade regional.

O estudo buscou responder quatro hipóteses que foram assim definidas: sistematizar as fontes documentais dos jornais do norte de Goiás que propiciará definir o escopo da historiografia da imprensa tocantinense e ampliar suas fontes de conhecimento; analisar as narrativas destes periódicos que podem desvelar novas informações sobre a história da região, bem como responder qual a influência desses periódicos na formação do imaginário da região que viria a se tornar o estado do Tocantins; elaboração da tipologia dos jornais deste período que permitirá estabelecer comparativos que evidenciam semelhanças e diferenças e finalmente, a constatação que o desenvolvimento da imprensa no norte de Goiás acompanhou o processo de modernização das comunicações e das transformações da região, numa estreita sintonia com os avanços e recuos dos movimentos pela criação do Estado do Tocantins.

O estudo verificou as hipóteses buscando confirmá-las ou negá-las, de acordo com a metodologia definida e chegou a seguinte conclusão: existe uma imprensa tocantinense que não nasceu com a criação do Estado, mas com os movimentos populares que idealizaram e propagaram o imaginário autonomista da região; jornais editados no norte de Goiás conquistaram autonomia no campo jornalístico goiano ao priorizar a cobertura regional em detrimento da pauta estadual o que os levou a atuar como porta-vozes da região e a confrontar os governos; jornais engajados na luta pela criação do Estado do Tocantins são os precursores da imprensa tocantinense; jornais editados no norte de Goiás contribuíram com a formação do imaginário autonomista da região norte que viria a se tornar Estado do Tocantins, o que se pode inferir que esses periódicos contribuíram com a formação do Tocantins.

A primeira hipótese foi plenamente confirmada. Pela análise dos jornais editados no norte de Goiás se pode constatar que faziam parte de um tipo de imprensa bem peculiar que tinha a região como lastro identitário. Um tipo que se pode chamar de imprensa tocantina que deu origem à imprensa tocantinense que começou a se formar no momento que esses periódicos começaram a transformar representações do norte de Goiás em representações do Tocantins.

A segunda, jornais editados no norte de Goiás conquistaram autonomia no campo jornalístico goiano ao priorizar a cobertura regional em detrimento da pauta estadual o que os levou a atuar como porta-vozes da região e a confrontar governos, também foi plenamente confirmada. Os jornais do norte de Goiás conquistaram esta autonomização ao formar um campo próprio reconhecido como tal por eles, mas também pelos jornais do sul de Goiás. Como poderiam defender a autonomia da região a qual estavam inseridos sem uma noção de autonomia em seu campo?

Qualquer jornal do norte de Goiás independente da época defendia primeiro a região, depois vinha os interesses de Goiás. Nos jornais do sul não havia a defesa do sul, mas sim de Goiás. Em determinados momentos os jornais do norte atuaram no sentido de contrapor governos em decisões ou ausência de decisões que contrariavam os interesses do norte.

A terceira, jornais engajados na luta pela criação do Estado do Tocantins são os precursores da imprensa tocantinense, a leitura do conjunto da obra confirma a hipótese. Há uma imprensa tocantina que não nasceu com o Estado. A imprensa que nasceu com o Estado, pode ser considerada uma imprensa de implantação. A imprensa tocantina nasceu com a luta pela criação do Estado e cresceu com os movimentos populares pela emancipação da região. Os jornais engajados dos anos 50 são os melhores exemplos de imprensa tocantina, criados para difundir representações sobre o Tocantins que haveria de brotar no norte de Goiás como um novo Estado a integrar a federação brasileira. A o engajamento desses jornais contribuiu para a massificação do conceito de tocaninidade, expressão mais legítima daquilo que é do Tocantins.

A quarta, jornais editados no norte de Goiás contribuíram com a formação do imaginário autonomista da região norte que viria a se tornar Estado do Tocantins, o que se pode inferir que esses periódicos contribuíram com a formação do Tocantins, hipótese também plenamente confirmada. Não há dúvidas que jornais do norte de Goiás atuaram em defesa da região norte e como tal difundiram representações que reforçavam a autonomia da região e se cumpriram tal papel pode se inferir que contribuíram com a formação do Estado do Tocantins.

Conclui-se, portanto, que jornais do norte de Goiás contribuíram para a formação do Estado do Tocantins, de forma mais contundente, os jornais engajados dos anos 50, que atuaram como porta-vozes da luta pela criação do Estado.

Devemos depreender muito mais sobre os jornais que se publicou no norte de Goiás. Suas narrativas apresentam possibilidades de construção da história da região, mas o que

temos colhido consideramos o bastante para recompor um fragmento da realidade do norte de Goiás e suas transformações mediadas pela imprensa.

Como pudemos perceber investigar jornais é organizar fontes históricas que oferecem inúmeras possibilidades de novas pesquisas que levem a novos conhecimentos. Podem fornecer evidências que nos permitem compreender por que somos o que somos. É contribuir para se organizar a incipiente historiografia da imprensa tocantinense, em processo de formação. É buscar sistematizar um arquivo ainda desconhecido, é organizar uma fonte histórica que tem muito a dizer sobre o nosso passado, que tem muito a contribuir com a história da imprensa regional e com a história da imprensa brasileira.

Estudo criterioso se contrapõe à história única, escrita sob influência da burocracia estatal, em que transforma monumentos e fatos históricos ressignificados em símbolos identitários do Tocantins, e depois serem apropriados pelos mandatários para legitimar o poder. A imprensa contribui com este processo de legitimação como forma de também de se legitimar perante a audiência, valorizando tudo que se apresenta como cultura tocantinense, sem uma avaliação crítica ou mesmo aval de especialistas. Neste caso, quem tem o poder da fala tem mais poder de convencimento.

6.1 Contribuições da Dissertação

O estudo contribui para ampliar as fontes de consulta sobre a imprensa regional e para enriquecer a historiografia do Tocantins. O estudo apresenta ainda possibilidades de construção da história a partir da leitura do passado tendo como fonte de análise as narrativas dos jornais editados na região que se conceitua como imprensa regional.

Duas perspectivas se apresentam a partir deste estudo que traz como contribuição efetiva o enriquecimento da relação dos jornais do norte de Goiás com a inclusão de novos títulos não relacionados. A descoberta aumenta a complexidade do campo da imprensa regional bem como a sua importância para as ciências sociais, enquanto objeto de estudo, locus privilegiado de informações sobre a região tocantina.

A primeira, a ampliação do acervo da imprensa no norte de Goiás com a inclusão de alguns periódicos que não constavam em nenhum levantamento, indica a necessidade de novas empreitadas no sentido de aprofundar as investigações para se acercar do universo da imprensa tocantina garantindo que nenhum periódico seja ignorado por falta de estudo exploratório.

Deve-se considerar que este panorama apresentado forma uma listagem ainda parcial. Não se dispõe de elementos comprobatórios de que este estudo já tenha alcançado a totalidade dos jornais editados no norte de Goiás, não sendo, portanto, um levantamento sistemático e conclusivo. A descoberta, todavia, comprova a relevância da pesquisa que pode ensejar o desenvolvimento de novos estudos sobre a história da imprensa tocantinense.

6.2 Trabalhos Futuros

Dado o ineditismo desse trabalho, o mais extenso em recorte temporal e número de jornais arrolados, há que se ressaltar que se trata de um estudo inacabado. É possível que algum periódico editado no norte de Goiás tenha escapado à pesquisa.

A pesquisa centrou esforços nas buscas por periódicos citados por alguma fonte documental, não podendo atribuir o mesmo nível de prioridade aos que foram lembrados em narrativas orais por estudiosos sobre o tema ou por pessoas que tiveram contato direto com estes periódicos.

Não houve tempo suficiente para aprofundar os estudos sobre jornais que durante a pesquisa de campo. Pelo menos cinco jornais – *O Tocantins* (1935), na cidade de Goiás, por Maximiano da Mata Teixeira, que era tido como defensor do norte de Goiás; *O Porvir* (1922), editado em Porto Nacional, editores não conhecidos; *A Voz do Norte* (1960), fundado por José Wilson Siqueira Campos, em Colinas; *Folha do Interior* (1982), editado em Tocantinópolis por Anderson Dias, Raimundo Aguiar, Sônia Benício e Paulo Palmares e *O Gurupi* (1986) editado pelos estudantes de jornalismo Luiz Aguiar e Júnior Veras não foram incluídos na relação de periódicos do norte de Goiás por falta informações técnicas necessárias à sua catalogação. São periódicos que esta pesquisa recomenda como objeto de novos estudos sobre a imprensa tocantina.

Portanto, não será nenhuma novidade se após este trabalho novos jornais antigos irrompem dos acervos para os estudos da imprensa tocantinense, ampliando o universo da imprensa regional e as possibilidades de produção de conhecimento a partir da leitura dos jornais que se fazia no norte de Goiás.

A seguir relacionamos algumas sugestões de novas linhas de pesquisas que podem ser desenvolvidas a partir dos resultados alcançados:

- 1- Levantamento sistemático dos periódicos tocantinenses por meio de pesquisa de campo junto aos municípios buscando evidenciar periódicos não relacionados por estudos anteriores. O estudo pode traçar um panorama mais completo da imprensa tocantinense, ao mesmo tempo, que pode refutar os estudos anteriores contribuindo para transformar a

imprensa tocaninense em um campo autônomo. A nova listagem com periódicos devidamente catalogados oferece novas possibilidades de investigação como estudos comparativos, estudo de caso, análise técnica, dentre outras.

2- Neste sentido, recomenda-se a realização de inventário da imprensa nas cidades tradicionais do então norte de Goiás, buscando levantar informações sobre periódicos que eventualmente tenham sido publicados na região e que por alguma razão ainda não foram relacionados por estudos de história da imprensa.

3- Levantamento sistemático do segundo período da imprensa tocaninense, desde a criação do Estado aos dias atuais. A organização do primeiro período impõe a necessidade de catalogação do segundo, seguindo os mesmos critérios. Após o fim do *Jornal do Tocantins* não há mais a dificuldade metodológica de se estudar um objeto em movimento, imprensa no Tocantins está virando coisa do passado.

4- Desenvolvimento de uma hipótese que conceitue o que é imprensa tocaninense. A hipótese surge da constatação de que existe uma imprensa tocaninense, que não nasceu após a criação do Estado, mas ao longo da sua formação. Não há um marco zero para definir o início da imprensa tocaninense, o momento em que a produção da imprensa no norte se separa de Goiás. Não há evidência de marco zero do começo da história (BRIGGS, 2006, p. 15).

Com base na leitura dessas fontes documentas é possível formular uma hipótese que explique o que é imprensa tocaninense. Comprovada esta hipótese poderíamos afirmar que a imprensa tocaninense é fruto da luta pela criação do Estado que num determinado momento acirrou de tal forma que mudou comportamento da imprensa da época.

São exemplo de imprensa tocaninense os jornais engajados – *Ecos do Tocantins*, *O Estado do Tocantins*, *Correio do Norte*, *A Norma*, *Palavra Livre* – periódicos que não apenas deram maior ênfase nas matérias sobre a autonomia da região como desenvolveram campanhas editoriais em prol da criação do Estado do Tocantins, exercendo um papel de imprensa engajada na luta. Uma imprensa que contribuiu para a formação do que é o Tocantins hoje.

5- Estudo de gênero – a ausência de mulheres nas redações dos periódicos do norte de Goiás. Esta pesquisa constatou que somente na década de 40 o nome de uma mulher aparece no expediente de um jornal, assim mesmo numa função administrativa. As mulheres vão alcançar a redação na década de 60, no jornal *Ecos do Tocantins*. Na função de edição somente em 1975 com Anadir Costa Galvão em *Paraíso do Tocantins* que criou o *dirigiu e produziu o Jornal de Paraíso do Norte*. Além de Anadir mais duas melhores – Luiza

Renovato, *Jornal do Tocantins*, em 1979 e Sandra Miranda, *O Regional*, em 1986 – comandaram jornais no norte de Goiás, como editoras.

A segunda, contribuir com busca de métodos adequados para o estudo da história da imprensa tocantinense ao propor um esquema teórico que tem o próprio desenvolvimento da imprensa como referência. Os estudos de imprensa no Tocantins seguem o esquema proposto por Coral dos Anjos (2017) com base em Cavalcante (2003) e que remete às manifestações dos movimentos autonomistas no norte de Goiás.

Nenhum problema com esse esquema teórico. Até aqui ele tem orientado com sucesso estudos neste campo. Mas novas exigências surgem com o avanço dos estudos. O esquema com referência nas manifestações pela criação do Tocantins serve mais para se analisar as articulações das lutas em seus avanços e retrocessos e menos o desenvolvimento da imprensa na região, cuja trajetória não acompanhou necessariamente o mesmo percurso dos movimentos.

Como recomenda Marialva Barbosa o estudo de imprensa exige se observar o sistema de relações sociais em que os períodos da imprensa estão envolvidos.

[...] é necessário perceber não apenas de maneira linear e orientada os diversos “ciclos” por que passaram os periódicos num dado espaço social, mas sobretudo visualizar um complexo sistema de relações que envolvem o aparecimento e desaparecimento das publicações. (BARBOSA, 2004, p.2).

O esquema teórico que propomos leva em consideração os movimentos pela criação do Estado do Tocantins e acrescenta acontecimentos que dizem respeito ao desenvolvimento da imprensa. Neste sentido consideramos que o percurso da imprensa no Tocantins compreende dois grandes períodos, antes de depois da criação do Estado. Ambos os períodos podem ser divididos em três fases.

O primeiro período que vai de 1891 a 1988, compreendo recorte temporal de 100 anos, do surgimento da imprensa à criação do Estado pode ser dividido em três fases. A primeira fase de 1891 a 1930, a segunda de 1930 a 1960 e a terceira de 1960 a 1988. A primeira fase o período da imprensa local tendo Porto Nacional como o único polo produtor. A segunda apoia-se na formação do corredor fluvial da notícia integrando as cidades de Porto Nacional, Pedro Afonso e Tocantinópolis. E a terceira que inicia com a mudança do corredor da notícia que sai do fluvial para o rodoviário tendo Rodovia BR-153, a Belém-Brasília, como meio

integrador desse novo suporte de comunicação que contribuiu muito para o avanço da imprensa na região.

O segundo ciclo vai de 1988 a 2018, da criação do Estado do Tocantins ao desaparecimento do *Jornal do Tocantins* pode ser dividido de igual maneira em três fases. Sendo a primeira fase de 1988 a 1998, da criação do Estado do Tocantins ao aparecimento da imprensa diária. A segunda fase de 1998 a 2005, do aparecimento de jornal diário ao surgimento dos veículos virtuais. A terceira fase, de 2005 a 2018, do domínio dos veículos virtuais ao desaparecimento do *Jornal do Tocantins*.

A imprensa, em função da mudança de contexto, ganha outra motivação. Agora, mais do que acompanhar a instalação do novo Estado, era preciso contribuir com o seu desenvolvimento. A imprensa que se transformou ou nasceu com o novo Estado. Cinco jornais conseguiram fazer a travessia do primeiro para o segundo período. O *Estado do Tocantins* (1975) *Jornal do Tocantins* (1979), *O Regional* (1986), *O Paralelo 13* (1986) e *Folha da Cidade* (1988). Apenas o *Paralelo 13* se mantém circulando, impresso.

Jornais que surgiram com a criação do Estado do Tocantins: *O Jornal* (1989), *Cinco de Outubro* (1990), *Correio Tocantinense* (1991), *O Pioneiro* (1991), *Opinião Pública* (1992), *Jornal D'Elas* (1992) *Gazeta do Tocantins* (1993), *Tribuna Popular* (1993), *Tins e Tais* (1993) *Jornal do Dia* (1994), *Primeira Página* (1994) *Tribuna do Estado* (1994), *Voz do Bico* (1994), *O Tocantins* (1995), *Jornal do Povo* (1995), *Stylo* (1996), *Diário Tocantinense* (1997), *Tribuna do Tocantins* (1997), *Jornal dos Municípios* (1997), *Dezoito de Março* (1998) dentre muitos outros. Jornais ganham a partir de então a concorrência do rádio, e da TV e outras mídias, sobretudo a partir do fenômeno emergente da comunicação virtual.

O primeiro grande impacto da criação do Estado do Tocantins na imprensa regional foi a explosão de novos periódicos que apareceram e desapareceram na mesma velocidade. Em um período de 30 anos são mais de 100 periódicos. Alguns como *O Jornal* (1989), *Cinco de Outubro* (1991), *Correio Tocantinense* (1991), *Folha Popular* (2001) que fizeram história enquanto circularam; outros migraram para plataformas digitais e outros desaparecem sem deixar marcas da sua existência.

A descoberta dos manuscritos por este estudo, com data de 1929, jornais que sequer tinham sido citados por alguma fonte documental, revela que a imprensa do norte de Goiás é um campo pouco conhecido, ainda a ser explorado por estudos acadêmicos.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Ngozi Chimamanda. **O perigo de uma história única**/Chimamanda Ngozi Adichie, tradução de Júlia Romeu. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2019.

ANJOS, Ana Carolina Costa dos. **Do girassol ao capim dourado: apropriação e ressignificação de elementos naturais na narrativa identitária do Estado do Tocantins** [recurso eletrônico]/ Ana Carolina Costa dos Anjos. Porto Alegre, RG: Editora Fi, 2017.

ANUARIO Historico, Geographico e Descriptivo do Estado de Goyaz para 1910. Organizado por Francisco Ferreira dos Santos Azevedo. Livraria Século XX Aredio de Souza, Uberaba- Araguay- Goyaz.

AQUINO, Napoleão Araújo de. **A construção de Belém-Brasília e suas implicações no processo de urbanização do Estado do Tocantins**. In: A (Trans) Formação Histórica do Tocantins/Odair Giraladin (org.) Goiânia: Ed. UFT; Palmas: Unitins, 2002.

ASMAR, José. **O Legislador da Construção de Brasília, As leis e a liderança de Emival Caiado que garantiram a Nova Capital da República**. Goiânia: Kelps, 2000.

BARBOSA, Marialva. **Os manuscritos do Brasil: uma rede de textos no longo século XIX**/Organização Marialva Barbosa. Niterói: Eduff, 2017.

_____. **“Como escrever uma história da imprensa?”**. In: *Grupo de Trabalho História do Jornalismo*, II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, Florianópolis, 2004.

_____. **História da Imprensa (1900-2000)**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007a.

_____. **Meios de Comunicação e História: elos visíveis e invisíveis**. Trabalho apresentado ao GT de Jornalismo, do V Congresso Nacional da História da Mídia, Fescaper e ciee, São Paulo, 2007.

_____. **Percursos do Olhar. Comunicação, Narrativa, Memória**. Niterói: EDUFF, 2007.

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.
- BARTHES, Roland. **Análise Estrutural da Narrativa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**/Pierre Bourdieu: introdução, organização e Seleção Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BRIGGS, Asa. **Uma história social da mídia: de Gutemberg à internet**/Asa Briggs, Peter Burke. 3ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BURKE, Peter. **A Escrita da História, Novas Perspectivas**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.
- BUCAR, Ruy A. Pereira; PORTO, Francisco Gilson Rebouças Junior. **Ecos do Tocantins e estado do Tocantins: construindo primeiras semelhanças e diferenças na Produção jornalística local**. In: Comunicação, jornalismo e memória: estudos regionais v.1 / Roseane Arcanjo Pinheiro [et al] (Orgs.). – São Luís: EDUFMA, 2018.
- CABRAL, Muniz Sodré Araújo. **A Narração do Fato, Notas para uma teoria Acontecimento**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.
- CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. **O discurso autonomista do Tocantins**. Goiânia: Ed. Da UCG, 2003.
- CAPELATO, Maria Helena R. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.
- CERQUEIRA, Pio Pinto. **Jornais de Porto Nacional**. Pium: Jornal Ecos do Tocantins, 1956.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHAMPAGNE, Patrick. **Formar a opinião: O novo jogo político**. Petrópolis (RJ), Editora Vozes, 1998.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- CHIARADIA, Clóvis, **Dicionário Ilustrado Tupi Guarani**.
<https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/tocantins/> acessado em 10.12.18.

COSTA, Laiton da; Irenides Teixeira; Aurielly Painkow. **Folha do Norte (1891-1894), o jornal pioneiro da imprensa tocantina.** II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. Florianópolis, 15 a 17 de 2004.

CUCHE, Dennys. **A noção de cultura nas ciências sociais/Dennys Cucho**, tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

D'ABREU, João. **Razões de uma atitude.** Goiânia, s/ED, 1972.

DARTON, Robert. **O Beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

De FLEUR, Melvin L. **Teorias da Comunicação de Massa.** 5ª edição, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1993.

DINES, Alberto. **Papel do Jornal, tendências da comunicação e do jornalismo no mundo em crise.** 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Artenova s.a., 1974.

DUBY, Georges. **Ano 1000 ano 2000: na pista dos nossos medos.** São Paulo: Editora. Unesp, 1998.

DOURADO, Benvinda Barros. **Educação no Tocantins [manuscrito]: Ginásio Estadual de Porto Nacional/Benvinda Barros Dourado.** Tese (doutorado) Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação, 2010.

FAUSTO, Bores. **História do Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

FLORES, Kátia Maia. **Caminhos que Andam, O Rio Tocantins e a Navegação Fluvial nos Sertões do Brasil.** Goiânia, Ed. UCG, 2009.

FREIRE, Eduardo Nunes. **O design no jornal impresso diário. Do tipógrafo ao digital.** Revista Galáxia, São Paulo, 2009.

GIDENNS, Antony. **O mundo em descontrole. O que a globalização está fazendo de nós.** Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes. O Cotidiano e as Ideias de um Moleiro perseguido pela Inquisição.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GIRALDIN, Odair, org. **A (trans)formação histórica do Tocantins/Odair Gigaldin (org).** Goiânia: Ed. UFG; Palmas: Untins, 2002.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa.** São Paulo: Paulus, 2004.

GOMIS, Lorenzo. **Teoria del periodismo, Como se forma el presente.** Barcelona: Paidós, 1991.

GRUPPI, Luciano. **Tudo começou com Maquiavel/ Luciano Gruppi, tradução de Dario Canali.** Porto Alegre: L&PM, 2001.

HACKETT, R. A. **Declínio de um paradigma? A parcialidade e a objetividade nos estudos dos media noticiosos.** In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”.** Lisboa: VEJA, 1999.

HOSBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1984.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil.** 26 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

LOBO, José. **Contribuição à história da imprensa goiana/José Lobo – coord.** Jales Naves. Goiânia: Editora Naves Ltda. e Editora da UFT, 2017.

MACEDO, Luciana Reis. **Jornalismo e militância no Tocantins: o jornal Norte de Goyaz e a criação do Estado do Tocantins.** Intercom, XXXVIII Congresso de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, 2015.

MALERBA, Jurandir. **História e Narrativa. A Ciência e a Arte da Escrita Histórica.** Editora Vozes Limitada. Petrópolis, RJ, 2016.

MARQUES DE MELO, José. **Estudo de jornalismo comparado.** São Paulo: Pioneira, 1972.

MARTINS, Mário Ribeiro. **Berço Cultural: Natividade ou Porto Nacional?** Disponível em: Overmundo.com.br. Acesso em: 10.03.2019

MELO, José Marques. **História do Jornalismo – Itinerário crítico, mosaico contextual.** 1ª edição, São Paulo: Editora Paulus, 2012.

MIRANDA, Ana Brito. **História de Pedro Afonso.** Goiânia: Oriente, 1973.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória, a cultura popular revisitada.** 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 1994.

MORAIS, Fernando. **Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MOSÉ, Viviane. Nietzsche hoje: **sobre os desafios da vida contemporânea/Viviane Mosé.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise pragmática da narrativa jornalística.** In: Metodologia de Pesquisa em Jornalismo. LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (orgs.), 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MUNARO, Luís Francisco. **Rios de palavras: a imprensa nas periferias da Amazônia (1821-1921).** Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017.

NETO, Trajano Coêlho. **Jornal Ecos do Tocantins.** Pium, acervo particular, 1951.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** São Paulo. Projeto História, 1993.

KLAFKE, Álvaro Antonio. **Antecipar essa idade de paz, esse império do bem. Imprensa periódica e discurso de construção do Estado unificado (São Pedro do Rio Grande do Sul, 1831-1845).** Tese de doutorado. UFRGS, Porto Alegre, 2011.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2013.

OLIVEIRA, Maria de Fátima. **Um Porto no Sertão, Cultura e cotidiano em Porto Nacional 1880/1910**. Dissertação de Mestrado em História da Universidade Federal do Tocantins (UFT), 1997.

PARENTE, Temis Gomes. **Fundamentos Históricos do Estado do Tocantins**. 2ª ed. Goiânia, editora UFG, 2003.

PALACÍN, Luís. **Coronelismo no extremo norte de Goiás, O Padre João e as três revoluções de Boa Vista**. São Paulo: Editora Loyola, 1990.

PETRARCA, F. R. **As condições sociais de emergência e de desenvolvimento do jornalismo no BRASIL**. In: Petrarca, F. R. “O jornalismo como profissão”: recursos sociais, titulação acadêmica e inserção profissional dos jornalistas no Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFRS, 2007.

PINA, Braz Wilson Pompeu. **História da imprensa no Brasil**. 4ª edição, São Paulo: Mauad, 1999.

PINHEIRO, Roseane Arcanjo [et al] (orgs). **Comunicação, jornalismo e memória: estudos regionais**. São Luís: EDUFMA, 2018.

RAMÓN Y CAJAL, Santiago. **Regras e conselhos sobre a investigação científica**. Tradução Achilles Lisboa. 3.ed. São Paulo: T.A. Queiroz: USP.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala**. Belo Horizonte. Letramento, 2017.

RODRIGUES, Lysias. **Roteiro do Tocantins** /Lysias Augusto Rodrigues 4ª edição. Palmas: Alexandre Acampora, 2001.

RODRIGUES, J. Lopes. **Natividade: Fragmentos do passado**. Natividade. Conferência durante inauguração da Loja Maçônica José Bonifácio de Andrada e Silva de Natividade, 1978.

ROCHA, Hélio. **Os inquilinos da Casa Verde: governos de Goiás de Pedro Ludovico a Maguito Vilela**. Goiânia: s/e, 1998.

RIZZINI, Carlos. **O jornalismo antes da tipografia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

_____. **O Livro, o Jornal e a Tipografia no Brasil, 1500-1822**. Ed. Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988.

SANTOS, Edvaldo Antonio dos. **Os dominicanos em Goiás e Tocantins (1881-1930), fundação e consolidação da missão dominicana no Brasil.** Dissertação de Mestrado em História das Sociedades Agrárias, UFG, Goiânia, 1996.

SCHUDSON, Michel. **Descobrimo a Notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos**/Michael Schudson; tradução de Denise Jardim Duarte. Petrópolis, RJ, Vozes, 2010.

SILVA, Francisco Ayres. **Caminhos de outrora: diário de viagens.** Departamento Estadual de Cultural, 1972.

SILVA, Otávio Barros. **História da imprensa no Tocantins.** Palmas, TO: Secom, 2003

SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil.** 3ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio a Castelo.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982

TAVARES, Messias. **Vozes do Tempo.** Goiânia. Gráfica e Editora Bandeirante, 2016.

TELES, José Mendonça. **A Imprensa Matutina. Goiânia:** Cerne, 1989.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade, uma teoria social da mídia.** 5ª edição, Petrópolis: Vozes, 2002.

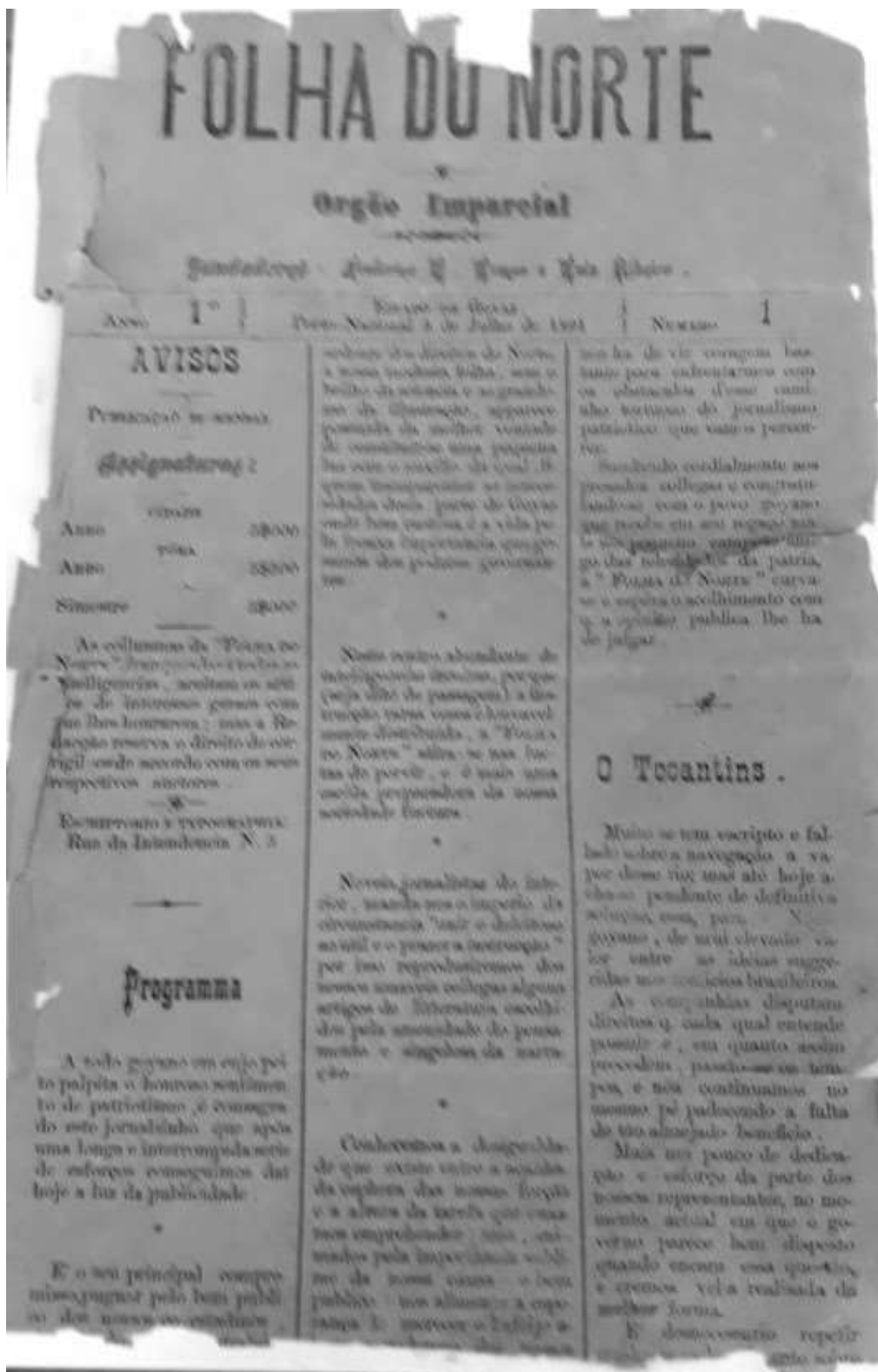
TUCHMAN, G. **A objetividade como ritual estratégico: uma análise da noção de objectividade dos jornalistas.** In: TRAQUINA, N (Org.). *Jornalismo questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: 1999.

VALVERDE, Orlando; DIAS, Catharina Vergolino. **A Rodovia Belém-Brasília, estudo de geografia regional.** Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia - Fundação IBGE, 1967.

WAINER, Samuel. **Minha Razão de Viver, Memória de um repórter.** Rio de Janeiro: Record, 1988.

WOLTON, Dominique. **Elogio do Grande Público. Uma crítica da TV.** São Paulo, SP, Ática, 1996.

ANEXO A – EDITORIAL JORNAL FOLHA DO NORTE



Fonte: *Folha do Norte*, Ano I, nº1, 3 de julho de 1891

PROGRAMMA

A todo goyano em cujo peito palpita o honroso sentimento de patriotismo, é consagrado este jornalsinho (sic) que após uma longa e interrompida serie de esforços conseguimos dar hoje a luz da publicidade.

É o seu principal compromisso, pugnar pelo bem publico dos nossos co-estadinos, [...] ardente dos direitos do Norte, a nossa modesta folha, sem o brilho da sciencia e as grandezas da illustração apparece possuída da melhor vontade de constituir-se uma pequena luz com auxilio da qual, fiquem transparente as necessidades desta parte de Goyaz, onde bem custósa é a vida pela frouxa importancia que gosamos a vida dos poderes governantes.

Neste centro abundante de intelligencias incultas, por que (seja dito de passagem) a instrucção raras vezes é louvavelmente distribuída, a “Folha do Norte” atira-se nas luctas do porvir e é mais uma escola preparadora da nossa sociedade fuctura.

Noveis jornalistas do interior, manda-nos o império das circunstancias unir o “deleitoso ao util e o prazer a instrucção” por isso reproduziremos dos nossos amaveis collegas alguns artigos de litteratura escolhidos pela amenidade do pensamento e singelesa da narração.

Conhecemos a desigualdade que existe entre a nossa acanhada esphera das nossas forças e a altura da tarefa que ousamos emprehender; mas, animados pela importancia sublime da nossa causa – o bem publico – nos alimenta a esperanza de merecer o bafeijo [...] nos ha de vir coragem bastante para enfrentarmos com os obstaculos d’esse caminho tortuoso do jornalismo patriotico que vamos percorrer.

Saudando cordialmente aos nossos presados collegas e congratulando com o povo goyano que recebe em seu regaço mais um pequeno campeão-amigo das felicidades da pátria, “Folha do Norte” curva-se e espéra com q. a opinião publica lhe ha de julgar [sic].

Fonte: *Folha do Norte*, Ano I, nº1, 3 de julho de 1891

ANEXO B – OPINIÃO EDITORIAL CAPA NORTE DE GOYAZ



Fonte: Norte de Goyaz, Porto Nacional, Ano III, nº 63, 30 de abril de 1908

MAIS UM AUXILIO NEGAGO

Chega-nos ao conhecimento pelas gazetas do sul que o auxilio pedido ao congresso federal, pelos nossos representantes, em favor da desobstrução de um perigoso trecho encachoeirado do Tocantins foi negado pela respectiva comissão, sob pretexto de

que auxílios idênticos, a outros rios do paiz haviam sido negados. A quota pedida não era para que digamos, vinte contos, a quanto montava a diminuta verba, é um grão de areia no grande mar da receita pública, e um grande de areia atirado ao favor de milhares de habitantes orlam as margens do majestoso caudal, si representa um começo de benefício, negado – é uma economia verdadeiramente digna de lastima. Não é que os habitantes das margens do grande rio se julguem com direito a atenção do paiz.

Hontem quando a inundaçãõ lançou miseria, a fome e a morte em seu meio não so viu o paiz, pelo orgam de sua mais alta câmara recursar-lhes os recursos da caridade, recursos que o homem civilizado prodigalisa mesmo aos estranhos, assim seja apanhado nas garras do cataclysmo? E de bem que ainda agora se lhes negue uma outra especie de recurso, aquelle que, abrindo de par em par as portas inacessiveis do grande rio, que até hoje tem a seu favor a majestade imponente de sua belleza e o surpreendente descaso com que os poderes públicos tem no tratado vâ facilitar o ingresso da civilizaçãõ a esta outra região que, por enquanto, não sabe bem si é Brasil, uma vez que não comunga nos progressos que vãõ se realisando por toda a parte.

Si os habitantes não se julgam com tal direito nem por isso os altos poderes da nação se acham na inobrigaçãõ mesmo perante o mundo civilisado, de tratar tão de resto a navegaçãõ interna. O Tocantins é um dos grandes rios do mundo, o Brasil se ufana disto, essa ufania seria completa, seria meritória si já o caudal tivesse sido posto em valor, estivesse servindo deveras aos Estados que tem a dita de velo cortar seus territorios.

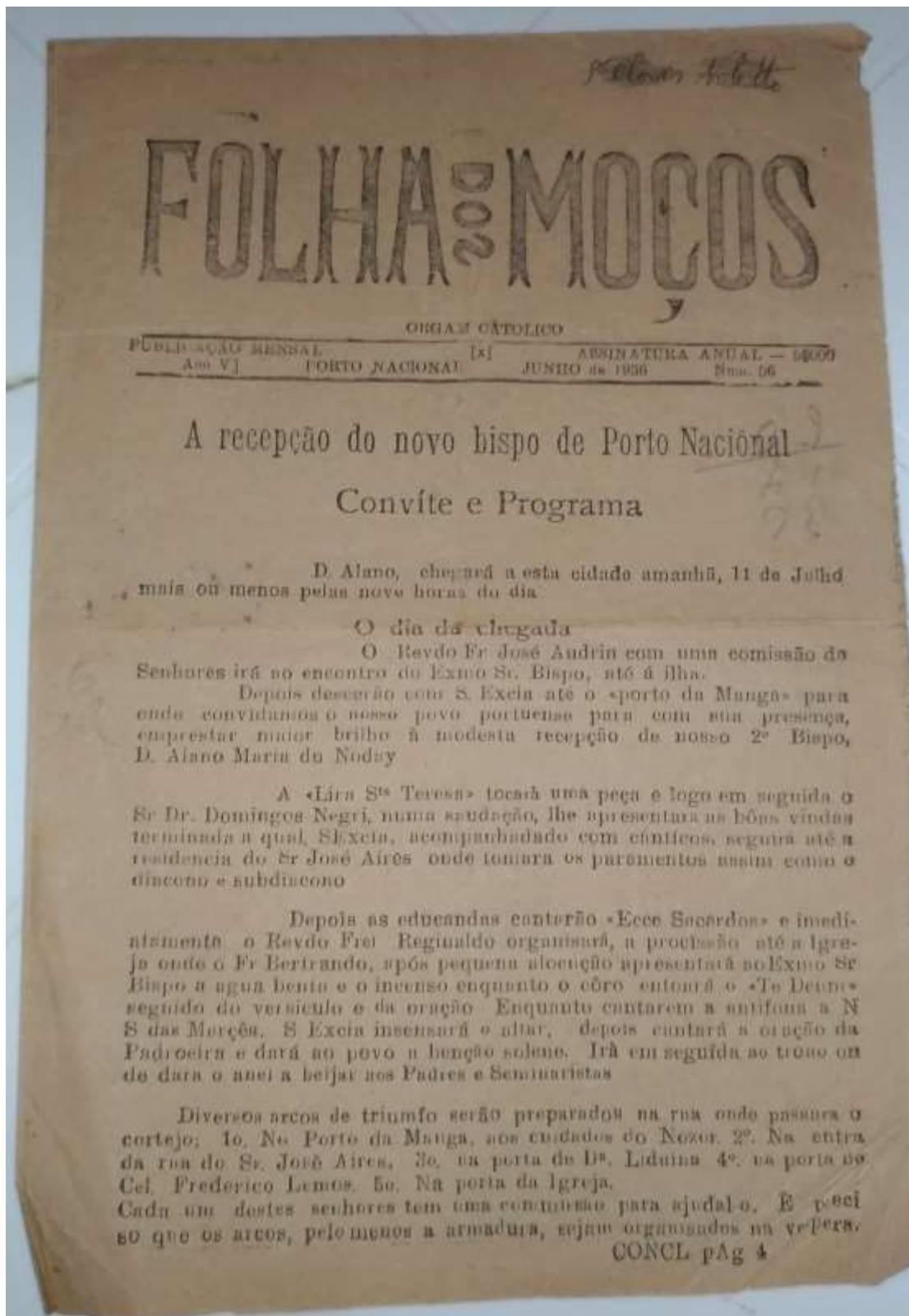
Ainda desta vez, infelizmente, os representantes da nação com cuja acquiescencia os dinheiros publicos se tem escoado opiparos regabofes, fora e dentro do paiz regateiaram um ceutil uo favor do Tocantins. Resta-nos, todavia, a esperança dê que talvez a tenacidade dos deputados de Goyaz, para o futuro, alguma cousa venha a conseguir.

Decididamente somos um paiz de encantos – enquanto o erario publico se abre às escancararas para enflorar banquete trancam-se obulos de caridade a pedintes que a desgraça da mnndaçãõ (inundaçãõ) e da fome tocou acorbamente; enquanto as arcas do thesouro se esgotam aformoseamentos de cidades, em recepções qual mais deslumbrante para o interior do paiz uns vintém para adaptar um rio a servir melhor os naturaes, para proporcionar-lhes meios de entrar no convivo do progresso collectivo!

Somos um paiz de encantos!! [sic].

Fonte: Norte de Goyaz, Porto Nacional, Ano III, nº 63, 30 de abril de 1908

ANEXO C – MATÉRIA DE CAPA FOLHA DOS MOÇOS



Fonte: Folha dos Moços, Porto Nacional, Ano

A recepção do novo bispo de Porto Nacional

Convíte e Programa

D. Alano, chegará a esta cidade amanhã, 11 de julho mais ou menos pelas nove horas do dia.

O Dia da chegada

O Revdo Fr José Audrin com uma comissão de Senhores irá ao encontro do Exmo. Sr. Bispo, até á ilha.

Depois descirão com S. Excia até o <porto da Manga> para onde convidamos o nosso povo portuense para com sua presença emprestar maior brilho à modesta recepção de nosso 2º Bispo, D. Alano Maria du Noday

A <Lira Stª Teresa> tocará uma peça e logo em seguida o Sr. Dr. Domingos Negui, numa saudação lhe apresentara as boas vindas terminada a qual, SExcia, acompanhado com cânticos seguirá até a residência do sr. José Aires onde tomara os paramentos assim como o diácono e subdiácono.

Depois as educandas cantarão <Ecce Sacerdos> e imediatamente o Revdo Frei Reginaldo organizará, a procissão até a Igreja onde o Fr Bertrando, após pequena alocução apresentará ao Exmo Sr Bispo a agua benta e o incenso enquanto o côro entoará o < Te Deum> seguido do versículo e da oração Enquanto cantarem a antífona a N S das Mercês. S Excia ensensará o altar, depois cantará a oração da Padroeira e dará ao povo a benção solene. Irá em seguida ao trono onde dará o anel a beijar aos Padres e Seminaristas.

Diversos arcos de triunfo serão preparados na rua onde passara o cortejo; 1º. No Porto da Manga aos cuidados do Nozor. 2º. Na entrada rua do Sr. José Aires. 3º. na porta da Dª, Luduina 4º, na porta do Cel. Frederico Lemos. 5º Na porta da Igreja. Cada um destes senhores tem uma comissão para ajuda-lo. É preciso que os arcos, pelo menos as armaduras, sejam organizadas na véspera [sic].

VERDADEIRA CATAQUESE CIVICA

Novos comentários do “Correio da Manhã” a proposito do Recenseamento em Goiaz

O “Correio da Manhã” de 27 de Março ultimo, em sua secção de sueltos, da 4 pagina, insere os seguintes comentarios, a proposito do recenseamento em Goiaz, sob o titulo:

“NO NODESTE GOIANO

Durante uma excursão pelo nordeste de seu Estado o jornalista goiano Antonio Caldas teve a oportunidade de surpreender, nos remotos sertões do Brasil mediterrâneo, o desenvolvimento da coleta de informes para o censo geral de 1940. Tão grata foi a impressão que lhe causou o andamento dos serviços naquelas regiões impérviss que atribuiu ao recenseamento a função de “verdadeira catequese cívica.”

Em carta dirigida ao diretor do Serviço Nacional de Recenseamento, mencionou fatos que fôra testemunha no vale de Paranã, num perimetro de cerca de 300 quilometros quadrados. Ali, segundo seu depoimento, verificou a diferença das condições de clima, de costumes, de alimentação, além de absoluta ausencia de conforto e de civilização.

Além de recensear os moradores de um “rancho”, o agente recenseador, em cuja companhia viajava na ocasião, improvisou uma tinta de andú e, transformando em mesa a sela de sua montaria preencheu o boletim. É que horas antes, aquele funcionário havia perdido seu lapis na travessia de um dos afluentes do rio Paranã.

Mais adiante, ao procurar saber a data do nascimento de uma creança de peito, a mãe respondeu ao agente que a creança nascera << num mês que tem um bode na folhinha >> e num dia de grande enchente. Examinando a folhinha, o agente verificou que o mês era março, e como nesse mês, são tradicionais e infalíveis no sertão ás chamadas << enchentes de São José >> não foi difícil descobrir que a creança provavelmente nascera no dia 19.

Na região situada entre os rios Palmas e Paranã, onde o paludismo assola permanentemente, o jornalista goiano declara ter visto outro agente aplicando injeções e distribuindo diversos medicamentos anti-malàricos e tambem vermífugos cedidos pela Diretoria de Saúde do Estado ás autoridades censitarias.

Na remota vila das Flores, a população festejou a chegada dos agentes recenseadores e seis rapazes foram postos à disposição dos mesmos para guia-los nas estradas e levá-los ás maradias mais afastadas.

Noutro ponto igualmente longínquo, a 60 quilometros da séde do distrito mais prómixo, o missista encontrou as alunas de uma escola rural utilizando, como exercício

de leitura, exemplares do caloroso manifesto dirigido pelo Interventor Federal de Goiaz aos seus governados em apôio da campanha censitária.

São fatos, todos, bem significativos na sua simplicidade e que ajuda a formar idéia da magnitude do empreendimento de maior penetração cultural ainda realizado no Brasil [sic].

A Palavra, Pedro Afonso, 10 de abril de 1941 – Ano III, nº 41

ANEXO E – OPINIÃO A VOZ DE PEDRO AFONSO

A VOZ DE PEDRO AFONSO

RECORDINE - Rhodia - a nova arma infalível na prevenção e cura da gripe!

<p style="text-align: center;">FRAGMENTOS A Alguns:</p> <p>Olhos azuis, olhos ideais, olhos tristes co- mo os tristes lauros do Outono. (Olhos que são o tra- sunto das mais presen- sas casadas, como vos são, na prece de rei- nada solidão. Luta-se nas esperanças que or- então, produziram. Olhos de violeta e de Buliana, do azul e de Qualific, nunca que- rão ser mórtilis e que vivem, nos a diferença de de espécies ou que sempre vos amam, não há nada que a vos compare. Todas a es- sência divina das cou- ras santas e a eloquên- cia poderosa do amor antigo. Osmis Oliveira</p>	<p style="text-align: center;">ANO NOVO</p> <p>É com justo orgulho que dirigimos á popula- ção desta terra e assi- nantes amigos deste jo- rnalzinho, os nossos efu- sivos parabens de par com os nossos votos de saúde e muitas felicida- des no decorrer deste novo ano de 1942. SALVÉ 1942!</p> <p style="text-align: center;">SOCIEDADE VIAGANTES OSÓRIO SILVA</p> <p>Encontra-se entre nós, sindo de Guilina, o Sr. Osório Silva, reconhe- cido nomeado Agente Fiscal do Imposto de Consumo, nesta zona. Dezefamos-lhe falta es- tada no nosso meio.</p>	<p style="text-align: center;">RICARDINA E HILACENA NA R. DE MOURA</p> <p>Da Porto Nacional, on- de se achavam interná- das no Colegio "Sagrado Coração de Jesus", che- garão ao solo de sua fa- mília nesta cidade, as es- tudantes Srzas. Ricardina e Hilacena Rosa de Moura. As Srzas., que são filhas distas do Sr. Mor- Jesse R. de Moura e D. Marianne de A. Moura, nossas boas vindas.</p> <p style="text-align: center;">RICARDO CARVALHO Do S. Maria, retornou o nosso amigo Sr. Ricar- do Carvalho, nobil mois- trista do R. Telegrafia desta cidade. Boas vindas Mm. CATARINA. De passagem por esta cidade, a quizomantista, Madame Catarina, se prenderá alguns dias en- tre nós.</p>
---	---	---

VISITEM A NOVA INSTALAÇÃO DA
"A NORDESTA"

Adquirir suas mercadorias comprando por preços que ninguém jamais pos-
- se comprar.
Perfumes, Calçados, Meias, Vóveis, Sapatos, Brinquedos e tudo mais que neste
estabelecimento existe, terá grande **REDUÇÃO** em preços.

"A NORDESTA" - Esquina da road. do sítio-prietário

Fonte: A Voz de Pedro Afonso, Pedro Afonso, Ano I, nº 5, janeiro de 1942

ANO NOVO

É com justo orgulho que dirigimos á população desta terra e assinantes amigos deste jornalzinho, os nossos efusivos parabens de par com os nossos votos de saúde e muitas felicidades no decorrer deste novo ano de 1942.

SALVÉ 1942! [sic]

Fonte: A Voz de Pedro Afonso, Pedro Afonso, Ano I, nº 5, janeiro de 1942

ANEXO F – MATÉRIA DE CAPA PALAVRA LIVRE



Fonte: Palavra Livre, Tocantinópolis, ano I, nº 4, 1954

"Palavra Livre" vê e fala

Vimos nas quatro esquinas sobre a calçada e mesmo dentro da "Farmácia Ipiranga" um grupo de pessoas aglomeradas depois que uma criança assombrava-se pela bandalheira e zurraria de 12 jumentos, uma turma comentando a indecadência em que se acha o telégrafo local, motivada ora pela "falta de energia em Belém", (conforme diz o telegrafista), ora pelo mesmo não comparecer ao expediente. Neste momento foi

interrompida a palestra com a admiração causada pela disparada do CHEVROLET da Prefeitura. Todos muitos curiosos olhavam prevendo naquele momento atropelar uma creança ou mesmo uma senhora ou senhorita que ao atravessar a estreita rua, a velocidade não permitia tempo para defender-se. Felizmente isso não aconteceu.

Aconteceu o seguinte: andava um sertanejo puchando pelo cabresto um cavalo que trazia sua carga de farinha. Êste que não estava acostumado com os carros como estão os jumentos que atropelaram a creança, assustou-se do caminhão e especando no cabresto derribou o seu dono e nem com isso o choufer freionou o carro. Continuou o cavalo a correr na sua frente derramando a farinha, até achar um beco para desocupar a trilha do caminhão.

Lamentamos não ter chegado ao conhecimento do snr. Prefeito para que fizesse aquele individuo pagar a farinha do pobre sertanejo que depois de mil e uma dificuldades procurava vendê-la.

“Palavra Livre” vendo a falta de nervo da creança deixa o povo falando na estupidez do choufer e vai andando. Adiante vê e pára para ouvir dois desocupados falar em delegados.

Com referência ao senhor Otaviano um dizia: “não sabe governar que a todos quer contentar e o lema dele era este Nos três anos que ocupou a delegacia, criaram-se nestas clausalas, uma grosa de abacaxis, p’ra ele sozinho roer e conhecendo da dificuldade, pediu sua exoneração.

- outro pergunta e porque o Epaminondas ainda fosse delegado, talvez a causa já estivesse diferente porque quando o Luizinho com o Jessé o assassino Elias, seu irmão e outros, fizeram aquela serenata sob o som da explosão de balas 38, no dia seguinte muito cedo ele intimou – não tomou suas armas em consideração aos genitores dos dois primeiros que não compactuavam seus feios papéis. Porém explicando os regulamentos das leis, fez eles prometerem que quando quisessem fazer outra serenata chamariam o Sinésio com seu Saxofone e deixariam seus instrumentos em casa.

Afonso iniciou com muita bôa vontade, mas uma parte dos seus amigos desta terra que são os principais elementos que integram a sociedade local são os primeiros a exhibir o cangaço e para isso evitar, precisava começar por eles não querendo se indispor, apresentando outras desculpas, pediu também sua exoneração.

Soubemos que será nomeado para este complicado cargo o snr. Antonio Cardoso.

Auguramos que o faça as leis prevalecerem [sic].

ANEXO G – REPORTAGEM TOCANTINS ECOS DO TOCANTINS



Fonte: Ecos do Tocantins, Pium, Estado de Goiás, 7 de julho de 1956 – ANO V – Número 387

1ª Convenção de Estruturação Jurídica do Estado do Tocantins
Bem sucedido o conclave realizado em Porto Nacional no dia 1º do corrente – abraçam a ideia Municípios maranhenses do Tocantins
 Reportagem exclusivas para << Ecos do Tocantins >>

De ORLANDO CRISCUOLO

Dos “Diários Associados”

PÔRTO NACIONAL, 1

- Horas após a passeata de apresentação da bandeira vêrde-branca, de 13 listas, do novo Estado do Tocantins, do qual participaram autoridades e o pôvo desta cidade, realizou-se no cine Tocantins, a grande convenção ínter-municipal para a formação do novo estado, que se projeta constituir, no setentrião brasileiro.

Aberta a sessão pelo sr. Feliciano Machado Braga, Juiz de Direito da Comarca, deu este uma ampla explicação sôbre os motivos pelos quais os vinte e dois municípios que compõem o norte goiano tinham sido convocados para participar do conclave cujos trabalhos principais se assentaram na decisão de dar novo impulso á velha idéia de transformar esta região imensa e rica em um novo estado da federação. Ponderando sôbre as várias maneiras político-administrativas em que o conclave deveria se cingir, o presidente pediu a colaboração de todos bem como a decisão de trabalhar afim de que o Brasil, dentre de pouco, contasse com mais uma unidade federativa á altura do seu potencial.

Pela ordem pediu a palavra o sr. Cândido Aires, representante do Município de Tocantínia e Miracema que expôz aos convencionais a situação de ambos os municípios acabando por declarar que tanto um como o outro apoiavam francamente a idéia, assim como estavam dispostos, suas populações, a lutar pela formação do Estado do Tocantins.

Em seguida, falou o sr. Darcí Gomes Marinho, industrial do norte, que em nome dos municípios de Tocantinópolis e Itaguatins, trouxe aos convencionais o incondicional apoio daquêles dois prósperos e populosos núcleos em favor da causa que ora se defende.

CONTINUA NA 2ª. PÁGINA [sic]

ANEXO H - ENTREVISTA CAPA ESTADO DO TOCANTINS

Emílio Beito Sr. Presidente do Conselho do P.S.D.
Jul. 2.193 para lencuar
encomeal no Hotel SIA Helen
Tupacama - Jo

O ESTADO DO TOCANTINS

Colaborador - Oliveira PERIODICO INDEPENDENTE Diretor - Dejalmir Aires da Silva
Ano II Paris Nacional - Estado do Tocantins, Novembro de 1937 Número 16

O Estado do Tocantins Através da Palavra do Seu Líder
Como Surgiu a Idéia - Sua Justificação - Passos Para Materializá-la - A Capital - Estado e não Território - Adesões e Representações da Idéia - Plebiscito - Solução do Problema Econômico

Presenciado por esta falta para a esclarecimento de algumas questões relativas à organização jurídica do Estado do Tocantins...

A origem da idéia da formação de uma nova unidade de autônomia tem as suas raízes na diversidade geográfica...



DR. FELICIANO M. BRAGA

mente o homem do norte do Estado. Entretanto o homem ainda mantém, no espírito e no temperamento, as características...

Após de mais, o representante do Estado de Goiás, que nos deu a oportunidade de conhecer a situação...

ainda chegaram, aqui não se implantando, o novo Brasil tem com as vastas extensões para o sul, para que venha o progresso...

O Estado do Tocantins vem superar todas as dificuldades, criando condições de progresso...

Pl Quais os passos dados até agora para a formação do Estado?

Os passos dados, o principal ponto, é o da realização da agremiação pública dentro a Vila do Estado. Entretanto alguns que o processo empregado está sendo...

HEA 1936 de formação de uma unidade política do Estado, vem de longe. Nos anos de 1821 a 1922 houve um governo no Norte, com sede, sucessiva e respectivamente, nas cidades de Caramuru, São João da Palma, João Pires e Natividade. No tempo do Império o então deputado pelo Piauí, Vinícius de Moraes, propôs a criação de um novo Estado com estas terras, unidas com outras áreas de desenvolvimento.

Em. O mais evidente indício o homem e de a sua existência; os costumes se diferenciam; é outro caráter.

Visitou o Estado do Tocantins o Governador de Goiás

Esteve nesta Cidade, nesta manhã de 5 do corrente mês...



DR. JOSÉ LUDOVICO DE ALMEIDA, Chefe do Estado do Tocantins.

entrou Goiânia, devidamente acompanhado de sua Exma. esposa, Dr. Iracema Caldas Almeida e illustre comitiva.

No intuito de sua viagem uma coisa nos chamou a curiosidade: foi o de ter o Chefe do Executivo visitado tão somente as cidades componentes do Movimento Unionista de Emancipação do Estado do Tocantins, ou sejam aquelas que vão do paralelo treze (13) até a confluência dos rios Tocantins-Araguaia. E por que somente as cidades do Vale Tocantinense?

Assim, viva o brado emare-pacionista do Estado do Tocantins.

NÃO SOIS... ALDO M. BOTELHO

Tocantinenses amigos!... Como fundador que sou de vosso lado, eu vos pergunto: por que não devotais nesta hora toda do que surge à singelíssima causa da reestruturação jurídica do Estado do Tocantins?...

Não queis o progresso, o desenvolvimento que vos aguarda no futuro?... - Então?... como não tendes o trabalho com entusiasmo e boa vontade em busca da meta desejada? NÃO SOIS TÃO OCUPADO

QUE NÃO POSSAIS FALTAR! Acaso queis permanecer na dúvida da verdadeira emancipação política, não querendo despende vossos inestimáveis esforços para este fim, tal...

"O ESTADO DO TOCANTINS é uma consequência e um complemento lógico da mudança da Capital Federal para BRASÍLIA"

O Estado do Tocantins através da palavra do seu líder

Com surgiu a Idéia – Sua Justificação – Passos para materializá-la – A Capital - Estado e não Território – Adesões e Representações da Idéia – Plebiscito – Solução do problema econômico

Procurado por esta folha para o esclarecimento de algumas questões relativas à organização jurídica do Estado do Tocantins, o Dr. Feliciano Machado Braga, presidente da Comissão de Estruturação Jurídica do Estado do Tocantins e Juiz de Direito desta Comarca, habituado a responder com solicitude quaisquer perguntas sôbre o assunto, prontamente nos atendeu.

P) Como surgiu a idéia da formação do Estado do Tocantins?

R) A idéia de formação de uma unidade à parte de Goiás vem de longe. Nos anos de 1821 a 1823 houve um governo do Norte, com séde sucessiva e respectivamente, nas cidades de Cavalcante, São João da Palma, hoje Paranã e Natividade. No tempo do Império o então deputado pela Província Visconde de Taunay prognosticou a sua divisão em duas vastas zonas ambas com sobejos elementos de engrandecimento.

Entretanto, a ideia tomou vulto de 1913 para cá, quando o eminente Major Brigadeiro do Ar Lisias Rodrigues pleiteou a criação do Território Federal do Tocantins, medida esta aconselhada pelo professor A. M. Teixeira de Freitas.

A origem da ideia da formação de uma nova unidade autônoma tem as suas raízes na diversidade geográfica. O meio ambiente indica; o homem sofre a sua influência; os costumes se diferenciam; é outro etnicamente homem do norte do do sul. Sente-se o homem ainda isolado, no tempo de no espaço, como se vivesse no perodo colonial ou na idade média, dado o atrazo calamitoso de tudo, embora conheça o avião, o radio e outras comodidades modernas. Além do mais o cumprimento do Estado de Goiás está a apontar isto ao homem. O governo fica sediado no sul, Goiânia, o que nas devidas proporções, é como se tivesse sediado em Lisbôa. O tocaninense como é brasileiro quer-se desligar de Lisbôa. A razão é justa. O Brasil se separou de Portugal para progredir o Estado do Tocantins precisa se desligar de Goiás pelo mesmo motivo.

P) Quais as causas que justificam a criação do Estado do Tocantins?

R) <Entre inúmeras causas que justificam a criação do Estado, salientamos a necessidade de fixar o homem no solo. Sómente a fixação do homem com ânimo de residir definitivamente traz a valorização dela, porquanto êle aquí morando de modo passageiro, como provisório, não emprega o produto do seu esforço, a sua economia em uma iniciativa progressista. Dai porque o progresso não chegando, aqui não se

implantando, o nosso homem fica com as vistas voltadas para o sul, pois quer ver o progresso, sentir a civilização, pisar no asfalto. Ora, como trazer tudo isso para cá, sem o amparo de um poder diretamente interessado é mais difícil, êle prefere se deslocar, mudar para Goiânia, Anápolis ou outros centros mais adiantados.

O Estado do Tocantins vem superar todas as dificuldades, criando condições da fixação do homem, da implantação ou interiorização da civilização de fomento do progresso e do bem público.>

P) Quais os passos dados até agora para formação do Estado?

< Já demos muitos. O principal, porém, é o da mobilização da opinião pública dentro e fóra do Estado. Entendem alguns que o processo empregado está errado, dizendo que o movimento deveria vir de cima para baixo, isto é do Presidente da República, do Congresso, da Assembleia Legislativa para viabilidade do movimento de emancipação e não como foi iniciado de baixo para cima, ou seja, com o povo, para depois irmos à Assembleia e em seguida ao Congresso Nacional. Mas temos a convicção que o processo está certo, de vez que vivemos num ambiente democrático, em que os poderes públicos são instituídos pelo povo.>

P) Qual seria a capital do Estado?

R) < A questão da localização da capital no novo Estado é muito secundário, pois visamos por ora tão só a sua autonomia. E' da competência exclusiva da Assembleia Legislativa da nova unidade federativa a escolha do local. Existem, porém, cinco cidades centrais na região, indicadas para isso que são: Porto Nacional, Miracema do Norte, Tocantinia, Pedro Afonso e Tupirama. Ao lado de uma delas, escolhida mediante estudo, deverá ser erguida a Capital, com plano de urbanização moderna. >

P) Por que a formação de Estado e não de um Território?

R) < A formação de um Estado condiz melhor com a Federação quando o Território é quase uma contrafação. Além disso a realização de um Território Federal implicaria em um retrocesso na maioria política alcançada por seu povo.>

P) Quais as adesões recebidas até agora e qual a repercussão das mesmas?

R) Na convenção regional dos municípios realizada a 1º de junho do ano passado, para organização do Estado do Tocantins, compareceram 13 municípios, inclusive o de Carolina do Maranhão. Embora muito gratos por essa adesão, reconhecemos que a mesma não se justifica para determinar a sua incorporação, porque a extensão territorial daquele Estado não é exagerada, indo ainda ganhar muito os municípios maranhenses com a simples estruturação jurídica da nova unidade política.

No entanto, como já tivemos de dizer atrás, num ambiente democrático, a concretização da ideia da autonomia de uma região para a sua criação em Estado-membro só se pode dar através de um forte e generalizado espírito emancipacionista.

Como repercussão ideia podemos apontar a simpática cobertura da imprensa tocantinense, da goiana e da de todo o Brasil, mormente a do Estado de São Paulo. Tratando-se ainda da sua repercussão podemos assinalar os discursos sobre o assunto pronunciados na Assembleia Legislativa do Estado de Goiás, pelos deputados Antonio Carneiro Vaz, Francisco de Brito, Almerinda Arantes e Paulo Malheiros, sendo que os dois últimos já apresentaram resoluções para a organização jurídica do Estado do Tocantins, solicitando consentimento da mesma Assembleia para a consequente realização do plebiscito.

P) Como seria resolvido o problema económico decorrido da formação do Estado?

R) Como Taunay apenas podemos adiantar que a região possui uma área de duzentos e setenta mil quilómetros quadrados (270.000 Km²), sobejos elementos de engrandecimentos, ao lado de uma significativa população de trezentos mil (300.000) habitantes. Quanto à solução do problema económico é tarefa do governo, que sempre se renova. No entanto é êle, uma decorrência, como é sabido, da autonomia política pleiteada.>

Achamos por bem finalizar aqui a entrevista porque já estava ficando muito longa. Contudo devemos ressaltar aqui o entusiasmo, a convicção, a segurança em que o nosso entrevistado Dr. Feliciano Machado Braga, trata do assunto. Para êle o Estado do Tocantins é fato consumado [sic].

ANEXO I – ARTIGO ASSINADO PARALELO 13



Fonte: Paralelo 13, Goiânia, Ano I, nº 5, agosto de 1968

Os Estudantes

Athos Pereira

Aprofunda-se o abismo entre o atual governo e os estudantes. O aprofundamento desta crise que nunca deixou de existir, desde 1.964, ultrapassa os simples limites do problema estudantil e começa a invadir outras áreas do nosso mundo político.

Estreita-se a base social do governo na proporção direta em que ele se mostra inábil para resolver os problemas levantados pela juventude. Pode-se considerar como um sinal dos tempos a grandiosa passeata realizada no Rio, a qual embora tenha sido provocada e dirigida pelas lideranças estudantis, teve apóio de tôda a população carioca.

Não tenhamos dúvidas sôbre a “benevolência” do govêrno em permitir aquêle ato público de repúdio à sua política. A legalidade daquela passeata foi uma conquista dos estudantes e do povo. Conquista que exigiu sacrifícios inclusive de vidas.

A inabilidade política de nossos dirigentes tem contribuído sobremaneira, para que se avolume a atual crise. Porque enquanto os estudantes protestam nas ruas contra falhas gritantes de nosso sistema educacional e contra os acôrdos espúrios firmados entre o Ministério da Educação e a USAID o governo teima em ver no movimento estudantil uma conspiração comunista. Embora a bandeira do anti-comunismo já esteja bastante gasta, a maioria, de nossos dirigentes ainda não ermitiu que êles arrumassem um pretexto melhor para justificar os massacres que vêm sendo perpetrados contra a juventude.

Na prática atual govêrno assume a posição de Washington Luiz, quando êle afirmava: “O problema social é um caso de política”. Se se recorda como vêm sendo “atendidas” as reivindicações das classe estudantil é fácil concordar com a afirmação feita acima.

Como se vê, nossa vida política está sofrendo uma profunda involução. Estamos voltando à época da República Velha. Da síntese que advir do choque entre as reais necessidades do desenvolvimento nacional e os atuais governantes é que resultará nosso amanhã. Resta saber se os atuais detentores do poder conseguirão deter o processo de nossa definitiva emancipação econômica e política.

É quase impossível prever para onde caminhamos, posto que as atitudes do govêrno são mais do que ilógicas. Mas um ponto é pacífico, o amanhã pertence aos jovens e somente aos jovens [sic].

ANEXO J – EDITORIAL FOLHA DO TOCANTINS



Fonte: Folha do Tocantins, Araguaína, 10 de outubro de 1999, ano XX, nº 468

A lei do 38 continua mantando no Tocantins

A insegurança da população do Tocantins cresce num ritmo espantoso, paralelo ao aumento do número de habitantes de suas cidades. Todavia entre os crimes de hoje persiste a velha prática da tentativa de se matar, em muitas vezes, por banalidades utilizando-se para isso apenas uma certa agitação do sangue nas veias, como uma boa dose de ignorância, reconfortado no cabo de um revólver calibre 38 ou outros calibres menores, quando não a trágica “peixeira”.

Para se pegar um destes casos de maior repercussão que aconteceu bem recente, o secretário de governo estadual, Hider Alencar, foi fulminado com um tiro em um ambiente como uma churrascaria, em Paraíso, A violência tocantinense continua atacando em todas as frentes e por mais que se troque secretários de segurança e comandantes de Polícia parece que o governo não consegue localizar a ponta da meada.

Apesar do saldo relativamente favorável com a instituição da Operação Tolerância Zero na capital e nos outros 138 municípios do estado, na prática diária tem-se a impressão, a partir das reclamações de cada morador, de que a violência não foi reduzida em nada. São furtos a residências nas maiores e médias cidades, a lojas comerciais, assaltos a bancos, a ônibus nas estradas, além daqueles crimes rotineiros em bares, boates e ambientes de prostituição de menores e adultos.

O governo tem o aval da população para combater a criminalidade, mas os bandidos têm sido mais eficientes e conseguido vencer os esquemas policiais, mesmo com lei federal baixada com a ordem para desarmamento da população civil. Qual seria o fator que está impedindo as polícias militar e civil tocantinense em contornar a ameaçadora onda de crimes no Tocantins é o que a população quer saber [sic].

ANEXO L – ARTIGO ASSINADO – O ESTADO DO TOCANTINS



Fonte: O Estado do Tocantins, Palmas (TO), 2ª quinzena de abril de 1998, Ano XXXXII, Nº 1.267

A imprensa de Goiás era contra o Tocantins

Jalles Marinho

Quando cheguei em Goiânia. Em 1971, vindo de Tocantinópolis, a Cenog já tinha sido cassada pelos militares e não havia outros meios para se mobilizar os “nortenses” em torno da idéia emancipacionista. Com a minha ida para Brasília entrei em contato com os dirigentes da Conorte e passei a atuar mais ostensivamente através da imprensa, como redator do “Correio Braziliense”.

O papel da Conorte foi de fundamental importância para a vitória da causa do Tocantins. A entidade foi elo de ligação entre a Assembléia Constituinte e a sociedade civil e a Imprensa.

É claro que se consideramos que a Conorte tinha uma subcomissão em Goiânia e algumas no então Norte goiano, o papel da entidade⁶⁷ foi de certa forma minimizado por alguns jornais de Goiânia e do Norte de Goiás. Não sei se foi um movimento consciente no sentido de tentar neutralizar a atuação da Conorte em defesa da criação do Estado do Tocantins.

Quando a grande imprensa passou a dedicar mais espaço à causa do Tocantins a partir do trabalho da Conorte, é que a imprensa de Goiânia e do Norte de Goiás passou a nos prestigiar.

Fonte: O Estado do Tocantins, Palmas (TO), 2ª quinzena de abril de 1998, Ano XXXXII, Nº 1.267

ANEXO M- EDITORIAL DE ESTREIA DO JORNAL DO TOCANTINS

Jornal do Tocantins

ANO I Araguaína (GO), 18 a 25/5/1979 Número 1

Editorial

Ocupando espaços

O projeto JORNAL DO TOCANTINS nasce de uma empresa que se preparou, conscientemente, para cobrir espaços vazios nesta imensa e rica região que é o norte de Goiás. E, sem dúvida, um salto que, viabilizado pelo suporte empresarial que hoje se afirma em Araguaína, sempre pretendeu solidamente consolidar.

O JORNAL DO TOCANTINS é antes de tudo a fé e a crença nas potencialidades do extremo norte e nas suas perspectivas de futuro. Mas será, acima disso, uma tarefa. Para cumpri-la, prometemos um jornal com visão orientada na identificação e detalhamento da realidade regional; no encampamento das suas mais legítimas reivindicações; na esperança depositada no homem do interior; na sensibilidade de seus representantes; na abordagem dos temas políticos, econômicos e comunitários de interesse dos vales do Araguaína e do Tocantins.

Como empresa e como experiência no campo do jornalismo chegamos aqui para ficar, para se integrar à região e promover a sua integração. O próprio nome do jornal foi escolhido com esse propósito. Já tínhamos a televisão Anhangüera de Araguaína e mais tarde inauguramos a Rádio Araguaína. O JORNAL DO TOCANTINS surge, agora, para completar o empreendimento. E nasce adulto, evidenciado na problemática dos vales do Araguaína e do Tocantins e no acompanhamento do processo de desenvolvimento regional registrado nos últimos anos.

Este jornal quer apenas representar um somatório, uma força solidária nova, no crescimento do extremo norte goiano. E só assim, cumprindo essa tarefa, realizará a missão a que se propôs - cobrir um espaço composto com a sua realidade social, política e econômica.

Vamos, juntos, trabalhar por esta terra. Para isso contamos com o indispensável apoio de sua gente.



Aeroporto será homologado já

O Aeroporto Internacional de Araguaína será homologado pelo Departamento de Aviação Civil da Aeronáutica (DAC) dentro de uma semana e terá, com isso, autonomia para operar com aviões a jato de grande porte. A informação foi dada em primeira mão ao JORNAL DO TOCANTINS pelo major Erasmo de Castro Leite, do Serviço de Engenharia do Sexto Comando Aéreo da FAB, sediado em Brasília.

O processo do Aeroporto de Araguaína foi concluído em Brasília no último dia 10, relatado favoravelmente e encaminhado ao DAC, no Rio, para a necessária homologação. Com isso a escala de Boeing em Araguaína dependerá exclusivamente de gestões junto às empresas aéreas - VARIG, VASP, Transbrasil - para acertar a formulação da linha. As operações independem da construção da torre de controle e podem ser iniciadas imediatamente.

Acredita-se que Araguaína poderá ser servida por voos de jato regulares de dois em dois dias, intercalando-se escalas da VARIG (que servem, atualmente, as cidades de Imperatriz e São Luiz) e VASP, com voos que mantêm para o norte do País. Não está alçada, contudo, a possibilidade até de escalas diárias, aproveitando-se as linhas já existentes de Brasília a Belém ou Manaus.

Encontro terá participação do Governador

O governador Ary Veloso e o vice-governador Ruy Brasil Cavalcanti confirmaram sua participação no Encontro de Prefeitos previsto para este sábado em Araguaína. O Encontro atenderá a seguinte programação:

- 08:20 - Entrega de credenciais
- 09:00 - Abertura das reuniões
- 09:20 - Exposição pelo INCRA
- 10:00 - Exposição pelo IDAGO
- 10:30 - Debates
- 11:30 - Almoço na Churrascaria Juziana
- 14:00 - Recepção à Comissão Governamental
- 14:20 - Encerramento da reunião no Parque
- 20:00 - Homenagem às Autoridades

PÁGINA 8



Ary e Ruy, posturas comprometidas

Prefeito quer problema energético solucionado

Dotar Araguaína de energia elétrica abundante e mais barata é, no momento, a principal preocupação do prefeito Joaquim Quinta, que vem fazendo uma administração dinâmica e ágil em toda a região norte do Estado. O projeto é, inicialmente, aproveitar a energia produzida pela barragem de Bos Espérance e em seguida, integrar ao sistema energético todo o vale de Tucuruí.

O prefeito Joaquim Quinta afirmou ao JORNAL DO TOCANTINS que, nesse sentido, já manteve entendimentos com o governo do Estado e com a direção da Central Elétrica de Goiás (CELG), ocasião em que ressaltou a imediata construção de rede de transmissão que servirá, no mesmo tempo, as cidades de Araguaína e Imperatriz. Inicialmente deverá ser construída uma sub-estação rebaixadora em Porto Franco e, dessa cidade, a energia será levada, em rede de média e alta tensão, a Araguaína e Imperatriz.

A integração da região norte ao sistema energético da CELG possibilitará, por outro lado, a execução de um programa de eletrificação rural que beneficiará, de imediato, as propriedades rurais do médio e extremo norte, ainda carentes desse benefício oferecido pelo governo a título de incentivo à produção rural através de financiamentos para implantação de energia nas fazendas.

Quinta disse ao prefeito Joaquim Quinta, para ser cumprida a curto e médio prazos, será o calcamento de toda a cidade - ou de sua parte por possuir em seu município. Esse calcamento não beneficiará apenas o centro de Araguaína, mas se estenderá aos setores de população de menor renda. O Bairro das Áreas será um dos primeiros a tomar suas ruas calcadas e, já nesse bairro, a Prefeitura anunciou o plano de pagamento que não onera muito os moradores e suas famílias.

Dentro desse programa o Prefeito já construiu a Praça das Bandeiras, num prazo recorde de 18 dias. Em volta da praça a



Quinta, a mais principal é a energia

Prefeitura executará serviços de bloqueamento e apertamento, a fim de entregar ao público, instantaneamente reconstruída, como um ponto de referência no desenvolvimento da cidade. A Praça das Bandeiras, como se sabe, foi inaugurada simbolicamente pelo presidente João Baptista de Figueiredo, quando visitou Araguaína ainda na condição de candidato à Presidência da República.

Está nos planos do Prefeito, também, uma campanha junto aos representantes da região em Goiânia e Brasília, e junto às instituições educacionais para a implantação de escolas superiores em Araguaína. "Com isso - afirmou o Prefeito - aproveitamos aqui mesmo toda a população jovem que vem concorrendo o segundo grau e sente-se frustrada pela falta de condições para prosseguir os estudos, já que muitos não podem, por motivos diversos, se deslocar para outros centros".

O Prefeito não sabe ainda quais as escolas que serão implantadas em primeiro lugar, pois isso só será definido na medida em que puderem ser atendidas as solicitações do Ministério da Educação relativas a bibliotecas, material didático.

Fonte: Jornal do Tocantins, Araguaína (GO), Ano I, nº 1, 18 a 25 de maio de 1979

Editorial

Ocupando espaços

O projeto JORNAL DO TOCANTINS nasce de uma empresa que se preparou, conscientemente para cobrir espaços vazios nessa imensa e rica região que é o norte de Goiás. É, sem dúvida, um salto que, viabilizado pelo suporte empresarial que hoje se afirma em Araguaína, sempre pretendeu solidamente solidificar.

O JORNAL DO TOCANTINS é antes de tudo a fé e a crença nas potencialidades do extremo norte e suas perspectivas de futuro. Mas será, acima de tudo, uma tarefa. Para cumprí-la, prometemos um jornal com uma visão orientada na identificação e detalhamento da realidade regional; no encampamento das suas mais legítimas reivindicações; na esperança depositada no homem do interior; na sensibilidade de seus representantes; na abordagem dos temas políticos, econômicos e comunitários de interesse dos vales Araguaia e Tocantins.

Como empresa e como experiência no campo do jornalismo chegamos aqui para ficar, para se integrar à região e promover a sua integração. O próprio nome do jornal foi escolhido com este propósito. Já tínhamos a TV Anhanguera de Araguaína e mais tarde inauguramos a Rádio Araguaia. O JORNAL DO TOCANTINS surge, agora, para completar o empreendimento. E nasce adulto, evidenciado na problemática do vales do Araguaia e do Tocantins e no acompanhamento do processo de desenvolvimento regional registrado nos últimos anos.

Este jornal quer apenas representar um somatório, uma força solidária nova, no crescimento do extremo norte goiano. E, só assim, cumprindo essa tarefa, realizará a missão a que se propôs – cobrir um espaço compondo com a sua realidade social, política e econômica.

Vamos juntos, trabalhar por esta terra. Para isso contamos com o indispensável apoio da sua gente [sic].

ANEXO N- EDITORIAL O GOVERNO



Fonte: O Governo, Paráíso do Tocantins, 15 de julho de 1998, ANO XVIII, nº 460

Os gols, o voto e os benefícios

Enquanto o assunto Copa do Mundo continua sendo a principal manchete do mês é preciso que o país vá colocando os pés no chão no centro do debate: a eleição de outubro. É ali que pulsa o destino do Brasil e dos brasileiros, posto que alguns falem que tal como as partidas da copa, eleição também não traz comida à mesa de ninguém, e o pior se gasta muito.

Não parece ser bem assim. Pelo menos em relação ao que dever ser o ato de votar. É fundamental que o eleitor tenha consciência de que o voto delega mandato, seja democrático e compromissado, ou ditatorial e irresponsável- neste caso muitas vezes o sujeito eleito chegando à afronta de rir de modo sarcástico do eleitor “burro” em ter votado nele, o inteligente e atuante, pasmem!, que não passa de fachada.

Isso chega a ser doído para um povo ou segmento desse povo como o nosso, que tem dificuldade em atentar para as consequências do seu gesto, julgando tão simples e superficial, que, entretanto é profundo e um ato que merece acurada reflexão, de cada um e de toda a sociedade.

O voto mexe com ações de natureza política que podem aumentar o salário ou reduzi-lo: gerar melhores níveis de emprego: ou dependendo de quem foi o beneficiado com ele não ensejar o surgimento de qualquer oportunidade nova de trabalho, por exemplo. De modo que a nação, os estados e os municípios terminem deixando de alcançar sua meta de desenvolvimento. Bertold Brechet ao escrever sobre a ignorância de um indivíduo no campo político foi bastante pragmático. “O analfabeto político não sabe que da sua decisão depende o preço do quilo do feijão” e fazendo brotar daí o pior de todos os males...“o político vigarista e corrupto”.

O exemplo brasileiro é claro a partir de nossas prefeituras, quando as pessoas não analisam o candidato a prefeito e vereadores, o candidato a deputado federal e estadual e o senador. O resultado está aí, a maioria dos nossos prefeitos trabalham pouco e não fazem um gerenciamento adequado dos míseros recursos com que contam para aplicar. Este exemplo estende-se agora genericamente também ao candidato a presidente da República.

Antes de votar o eleitor deve raciocinar com decência e responsabilidade de pai e mãe – de um cidadão. Aos jovens não deve ser diferente. Além de delegar o mandato a outrem é dever que a pessoa continue de plantão para fiscalizar e ajudar na forma que houver

necessidade. Só assim é que se pode interferir para a melhoria da educação, da agricultura, saúde e de toda a economia.

O melhor é que o eleitor busque a renovação de forças eleitorais numa postura crítica, de observador, comparando, analisando a trajetória de vida e ações do postulante. É daí que advém a lógica da participação coerente e responsável. Escolhendo-se, os mais capazes fortalecerem-se as instituições, os partidos, o executivo, o legislativo e até a justiça, porque passa haver poder e credibilidade. O beneficiado em última instância é o povo. Tudo volta às suas mãos através dos recursos bem aplicados, que trazem benefícios reais. Quando ele vota, e bem [sic].

Fonte: O Governo, Paraíso do Tocantins, 15 de julho de 1998, ANO XVIII, nº 460

ANEXO O – EDITORIAL DE ANIVERSÁRIO CORREIO DO NORTE

Correio do Norte

Editor Responsável: João Pinho

Araguaina, 1º a 15 de Dezembro de 1986

Santillo nas bases depois da vitória

O governador eleito Goiás, senador Henrique Santillo, cumprindo uma promessa de campanha, volta às bases para agradecer a grande vitória conquistada no dia 1 de novembro. No dia 7, ele esteve em Gurupi, no dia 8 em Araraí, e no dia 9 em Araguacema, no Norte-Nordeste do Estado. Em todas essas cidades, ele voltou a reafirmar o compromisso de destinar 20 por cento dos cargos do primeiro e segundo escalões a valores da região, assim como aplicar 20 por cento dos recursos do Estado no Norte-Nordeste. Em Araguacema, Santillo lançou o PAM - Programa de Ação Municipal, que visa transferir cursos do Estado para que as prefeituras municipais realizem pequenas obras de infraestrutura da comunidade. O governador eleito disse que criará 12 regiões administrativas em Goiás, descentralizando assim o poder público. No dia 16 Santillo retorna ao Norte, parando em Tocantópolis. Dia 17 estará em Brejo de Nazaré, Morde do Oeste, Ponte Alta do Norte, Pindorama e Miracema do Norte. Dia 18 em Presidente Kennedy, Colméia, Gurupi e Paranaíba do Norte. Dia 20 em Miracema do Norte, Tocantópolis, Novo Acordo e Parnaíba Nacional. Dia 21 em Arapoema, Couto das Índias, Araguacema, Dois Irmãos e Diamantina. (Página 2)



O governador eleito voltou à cidade de Gurupi de onde saiu para visitar as bases de Gurupi. Para comemorar o momento, foi promovida uma reunião na Câmara Municipal de Araguacema, quando diversas personalidades dos vários segmentos da sociedade araguacemense tiveram a oportunidade de receber o governador eleito. O senador Henrique Santillo, que não esteve presente à reunião porque ficou retido em Gurupi por problemas de saúde, entregou a local a presença a título de Faltoso da Assessoria do Ministério do Planejamento. O presidente da Central Única dos Trabalhadores, Carlos Roberto de Oliveira, também esteve presente. (Página 3)



O governador eleito Henrique Santillo, acompanhado pelo governador eleito do Mato Grosso do Sul, João Durval Costa, e pelo governador eleito do Mato Grosso do Sul, João Durval Costa, estiveram presentes em Araguacema para o lançamento do projeto de lei que cria o Estado do Tocantins. O governador eleito Henrique Santillo, acompanhado pelo governador eleito do Mato Grosso do Sul, João Durval Costa, e pelo governador eleito do Mato Grosso do Sul, João Durval Costa, estiveram presentes em Araguacema para o lançamento do projeto de lei que cria o Estado do Tocantins. (Página 4)

Correio do Norte completa dois anos de circulação

O Correio do Norte completa neste início de dezembro o seu segundo ano de circulação ininterrupta. Para comemorar o momento, foi promovida uma reunião na Câmara Municipal de Araguacema, quando diversas personalidades dos vários segmentos da sociedade araguacemense tiveram a oportunidade de receber o governador eleito. O senador Henrique Santillo, que não esteve presente à reunião porque ficou retido em Gurupi por problemas de saúde, entregou a local a presença a título de Faltoso da Assessoria do Ministério do Planejamento. (Página 5)

O país parou com a greve geral dia 12

A greve geral convocada pela Central Única dos Trabalhadores (CUT) e Confederação Nacional dos Trabalhadores em Empresas e Similares (COTEP) ocorreu no dia 12, paralisando o país. Os trabalhadores se posicionaram contra o governo e contra o pagamento da dívida externa, o real e o dólar. O presidente Luiz Collor assinou o decreto de emergência para declarar o estado de exceção, dando poderes para a intervenção nos estados. (Página 6)

Exército com oficiais em uma quadrilha

A PM 2, em colaboração com a Delegacia de Polícia de Araguacema, desbaratou uma quadrilha de ladrões de carro, composta por três oficiais do Exército e 10 integrantes da PM de Araguacema. O líder civil da quadrilha é o ex-ajudante do 10º Regimento de Polícia Militar, João Carlos de Oliveira. Os outros dois oficiais são o tenente-coronel Wagner Wagner e o capitão Wagner Wagner. (Página 7)

PAZ E AMOR



A mensagem é simples: Paz e Amor. É o momento da unidade, da fraternidade universal. De espíritos livres e desatados. Os homens podem sentir que o Amor é mais importante que o egoísmo e o ódio. (Página 8)

Governadores do Centro-Oeste encontram-se

A reunião dos governadores do Centro-Oeste ocorreu em Araguacema. Os governadores presentes foram: Henrique Santillo (Goiás), João Durval Costa (Mato Grosso do Sul), João Durval Costa (Mato Grosso do Sul), João Durval Costa (Mato Grosso do Sul), João Durval Costa (Mato Grosso do Sul). (Página 9)

Araguacema vive momento de expectativa

A cidade de Araguacema aguarda com expectativa o lançamento do projeto de lei que cria o Estado do Tocantins. O governador eleito Henrique Santillo, acompanhado pelo governador eleito do Mato Grosso do Sul, João Durval Costa, e pelo governador eleito do Mato Grosso do Sul, João Durval Costa, estiveram presentes em Araguacema para o lançamento do projeto de lei que cria o Estado do Tocantins. (Página 10)

Estado do Tocantins

A sua criação será uma conquista do povo nortense

Vamos caminhar juntos!

Fonte: Correio do Norte, Araguaiânia, Ano III, nº de 1º a 15 de dezembro de 1986

Editorial

Estamos vencendo juntos

Vencemos mais uma etapa. Conseguimos chegar aos dois anos de circulação ininterrupta do *Correio do Norte*, quinzenalmente. Parece fácil, mas não é. Basta dizer que são rodados mensalmente 4.800 quilômetros, de carro ou de ônibus apenas para a impressão do jornal. Além do mais, o custo gráfico está pela hora da morte. Fica caríssimo manter um jornal quinzenário na região Norte-Nordeste de Goiás.

A distância dos centros mais desenvolvidos é um dos obstáculos. Mas existem outros, quase intransponíveis. A nossa região é muito pobre. A ausência de estradas e de outros meios de comunicação também constituem sérios empecilhos. Mas nada disso nos esmoreceu. Pelo contrário, nos deu força para ajudar no desenvolvimento da região. Vamos continuar na luta, esperando passar a circulação do *Correio do Norte* para semanal no próximo ano.

Temos tido a contribuição imprescindível dos prefeitos da região. Sem eles, não teria sido possível até onde chegamos. Só temos a agradecer pelo apoio que nos têm dado. E prometemos continuar na linha de trabalho sério que sempre pautamos. O ano eleitoral distorceu um pouco a própria estrutura do jornal. Isso será corrigido imediatamente. E vamos expandir nossas atividades, dentro da aceitação que temos tido.

Agora, no final do segundo ano de circulação, é que passamos a ter o reconhecimento da classe empresarial de Araguaína. Agradecemos e esperamos continuar merecendo o apoio que iniciam a nos dar. Pretendemos que o *Correio do Norte* seja um veículo da comunidade, se possível feito com a participação ativa da comunidade. Começamos o terceiro ano. Contamos com você. Podem contar conosco.

ANEXO P – CONFLITOS NA ILHA DO BANANAL O CRISTALINO

O Cristalino
 Órgão informativo do município de Cristalândia e região
 JUNHO DE 1984

**Cristalândia
 menageia o seu bispo**



... batem palmas para Dom Jaime

dois dias, nossa cidade tornou-se na capital religiosa do Estado, na grande homenagem ao jubileu de prata da ação episcopal de Dom Jaime Schuck. Inúmeros bispos, padres, religiosos, seminaristas e leigos prestigiaram a homenagem ao líder espiritual da cidade. Ele falou de sua emoção (Página 8)

NESTA EDIÇÃO:

Nasce o Cereia da cidade	Pág. 6
O trabalho do SESP	Pág. 6
O papel da agricultura	Pág. 4
A importância da Ilha	Pág. 4

Fazendeiros defendem a Ilha



O prefeito Manoel Reis aceita o debate

O presidente do Sindicato Rural de Cristalândia insurge-se contra a criação do Parque Nacional do Araguaia, cuja criação, a seu ver, não contou ao menos com a opinião dos moradores (e fazendeiros) da região. E pede um debate sobre as razões que motivam sua criação. Manoel Reis, quem pertence ao grupo de fazendeiros, prefeito da cidade, não aceita o desafio do debate.

**Prezados
 Munícipes**

Cristalândia hoje está em festa. Festa que comemora 31 décadas de trabalho árduo e construtivo de todo o seu povo. Festa que, todos os anos, no dia 23 de junho, nos enche de júbilo e orgulho e nos mostra a importância de trabalharmos em conjunto para o engrandecimento e progresso de nossa cidade e de todo o município. Nesta oportunidade, aproveitando o clima de alegria que envolve a todos e que traduz a Emancipação Política de nossa querida Cristalândia, apresentamos ao povo os resultados de um ano e cinco meses de muito trabalho em prol do nosso desenvolvimento, contados a partir de 31 de janeiro de 1983, data de nossa posse à frente da Prefeitura Municipal. Se mais não fizemos foi por débito dos nossos poucos recursos em todo o período da gestão. Mas, tudo o que foi feito, é fruto de um esforço conjunto que bem representa a realidade de uma luta em prol de toda a comunidade.

23 de junho de 1984
 31º aniversário de Emancipação Política de Cristalândia.

MANOEL REIS CHAVES CORTEZ
 Prefeito Municipal

Prioridades políticas do governo

A administração do prefeito Manoel Reis Chaves Cortez é passada a limpo numa cobertura das realizações nos setores eleitos como prioridades básicas do seu governo. O setor de educação, o setor eleito, aparece como um elenco de realizações e de problemas. Mas a administração não parou, apesar da crônica falta de recursos para o município. (Página 4)

A ESTADÍSTICA DA DISCIPLINA PROS...

A estrada que liga a cidade de Cristalândia ao Parque Nacional do Araguaia, com a vocação polêmica de ser um ponto de encontro de sociólogos, historiadores, destruiu o equilíbrio econômico da região, trazendo o progresso e a modernidade para a região, após os fatos...

Fonte: O Cristalino, órgão de informação do município de Cristalândia e região – Ano I, julho de 1984 – nº

Fazendeiros defendem a ilha

O presidente do Sindicato Rural de Cristalândia insurge contra a criação do Parque Nacional do Araguaia, cuja criação ao seu ver, não contou ao menos com a opinião dos moradores (fazendeiros) da região. E pede uma reavaliação das razões que determinaram a sua criação. Mas a ilha, a quem pertence? O prefeito da cidade topa o desafio de debate.

(Página 3)

Fonte: O Cristalino, órgão de informação do município de Cristalândia e região – Ano I, julho de 1984 – nº

ANEXO Q – CARTA SOLICITANDO COMPRA DE IMPRESSORA

~ Dembrete ~

Para o Sr. Asenio Alves Buean, comprar em Belim, uma maquina impressora "manual", ja usada, mas em bom estado, com duas fontes de tipos, sendo uma 12, caract. grande, outra 10, bem como uma lata de tinta e finalmente todos os materiais indispensaveis ao seu funcionamento.

Preço maximo: 800\$000. (oitocentos mil reis)

Em tempo. A referida maquina devera imprimir um jornal com as dimensões de 37 por 24 centos.

Diretoria d' "O Colegial" em Pedro Afonso,
7 de Fevereiro de 1942.

Messias Tavares
José Japiassú
Diretor

Lembrete

Para o senhor Arsênio Alves Bucar, comprar em Belém uma maquina impressôra “manual”, já usada, mas em bom estado, com duas fontes de tipos, sendo uma 12, caráter graúdo, outra 10, bem como uma lata de tinta e finalmente todos os materiais indispensáveis ao seu funcionamento.

Preço maximo: 800\$000 (oitocentos mil réis)

Em tempo: a referida maquina deverá imprimir um jornal com as dimensões 37 por 24 centos.

Diretoria D'O Colegial em Pedro Afonso

7 de fevereiro de 1942

Messias Tavares

José Japiassú

Diretores [sic]

Fonte: documento original manuscrito do acervo do Instituto Cultural Messias Tavares (ICMT)